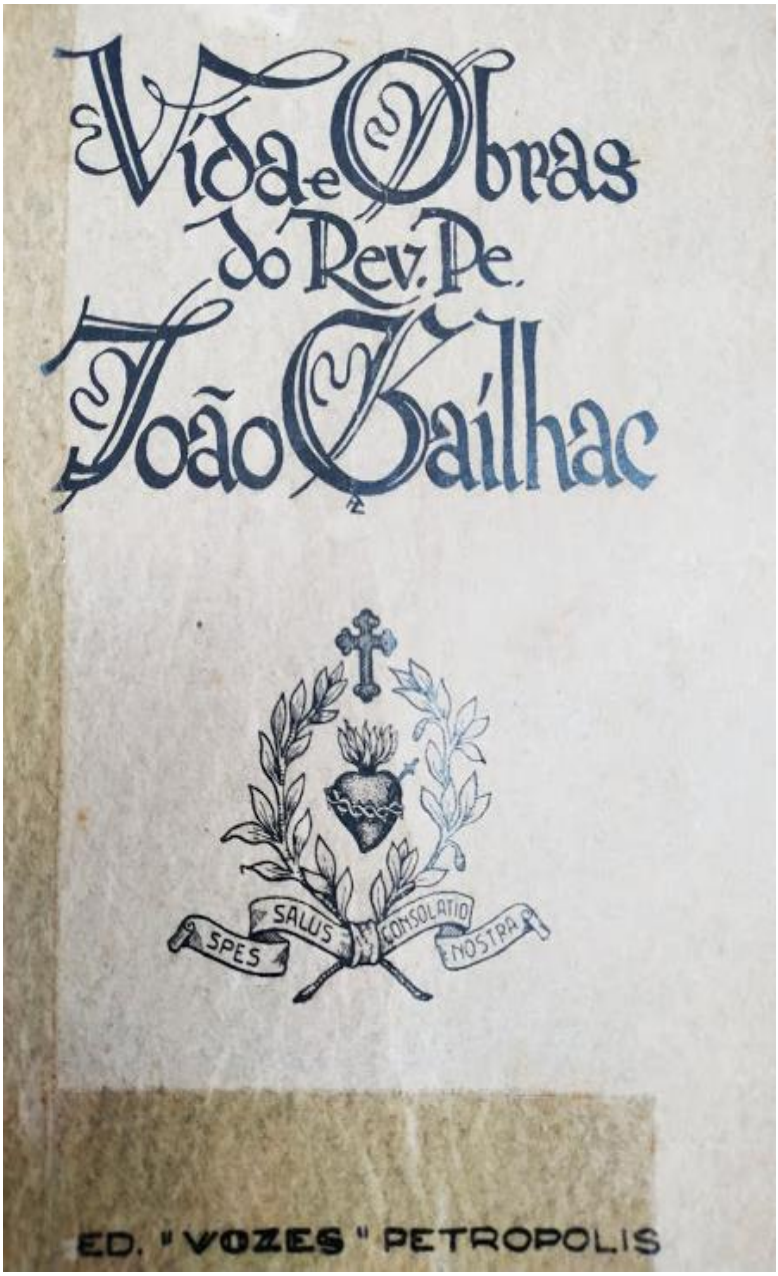
Vida e Obras do Pe. Jean Gailhac



Capa Original - 1935

R. PÈRE GAILHAC

Fundador do Instituto Sacre-Coeur de Marie-Vierge Immaculée

O p J p M

VIDA E OBRAS

DO

R. Père Gailhac

Fundador do Instituto
Sacre-Coeur de Marie-Vierge Immaculée

Em Beziers, Diocese de Montpellier
Hérault — France

PELO

PADRE MAYMARD

Traduzido por uma Religiosa da mesma Congregação

Editora «Vozes» — Petropolis, Est. do Rio

Curia Metropolitana

Rio de Janeiro
Jun. 26. 1935
Protocollo 1861

Nihil obstat

Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1935
Padre João Baptista de Siqueira

Imprimatur:

Rio, 26-6-935
Mons. R. Costa Rego
V. G.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

VIDA E OBRAS
do
PADRE JEAN GAILHAC

Fundador do
Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

em Béziers, Diocese de Montpellier,
Hérault - França

pelo
PADRE MAYMARD

Traduzido por uma Religiosa da mesma Congregação e
editado pela Editora Vozes, de Petrópolis - RJ, em 1935.

Atualizado linguisticamente, com notas, nova capa e novo layout pela equipe do Centro de Fontes da Área Brasil do IRSCM (Ir. Maria Helena Morra, RSCM; Lucienne do Carmo Félix Teixeira; Vinícius Hernani de Moura Siqueira; Waldemar Bettio), em 2021

Edições IRSCM
Belo Horizonte, 2021

Cúria Metropolitana
Rio de Janeiro
26 de junho de 1935
Protocolo 1861

Nihil obstat
Rio de Janeiro, 25 de junho de 1935
Padre João Baptista de Siqueira

Imprimatur:
Rio, 26-06-1935
Mons. R. Costa Rego
Vigário Geral

NOTA PRELIMINAR

O resgate e a disponibilização deste livro são dedicados à Religiosa SCM anônima que o traduziu, em 1935, do original francês. Quem foi ela, onde morava e que função exercia? Não consegui descobrir! O importante é que nos possibilitou o contato, no vernáculo, com a primeira biografia do Pe. Jean Gailhac, escrita por um seu discípulo e amigo, o Pe. Henri Victor Maymard, membro da Congregação dos Padres do Bom Pastor, responsável pela Colônia Agrícola de Bayssan, capelão do Orfanato por 36 anos e irmão da 3ª Superiora Geral do IRSCM, Madre Saint Félix, da qual, certamente, muitas informações testemunhais recebeu.

A essa Religiosa anônima, nosso agradecimento e nossa homenagem. Em sua humildade, personaliza muitas outras religiosas SCM inseridas no "coração do mundo", seguindo os passos do Pe. Gailhac com espírito cheio de fé e zelo, identificando-se com as pessoas em situação de vulnerabilidade e promovendo-lhes a vida em plenitude. Discretas, permanecem desconhecidas aos olhos das multidões; não, porém, aos olhos de Deus e daqueles a quem servem e fazem bem. Conhecem a Deus, antes de torná-lo conhecido; amam a Deus, antes de fazê-lo amado; experimentam a vida plena, antes de proclamar que Jesus Cristo veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Anunciam pelo exemplo, pelo testemunho. Por isso são benditas, como o foi Maria, em cujo Coração Sagrado se espelham.

Enquanto membro do Centro de Fontes da Área Brasil, apenas inseri algumas notas explicativas e atualizei a grafia do português, preservando o estilo e o linguajar da época e da autora, para melhor usufruirmos do seu legado. Bom proveito!

Waldemar Bettio
Belo Horizonte – MG
30 de Setembro de 2021

PALAVRA DO CARDEAL DO RIO DE JANEIRO

Pede-nos a Diretora do Colégio "Sacré Coeur de Marie" duas palavras de bênção para o livro da vida do venerando Padre Fundador do Instituto.

Com muita satisfação acedemos, não só por se tratar de um dos mais reputados colégios desta capital, como, principalmente, pelos copiosos frutos espirituais que proporcionarão o conhecimento da vida e das realizações apostólicas do Padre Gailhac, fundador da Congregação.

Considerando, pois, verdadeiro presente do céu a publicação desse livro, para os seus leitores desde já invocamos as mais eleitas bênçãos de Deus.

Associando-nos, ainda, à comemoração do 25º aniversário do estabelecimento da Congregação no Brasil, de Deus Nosso Senhor imploramos graças todas especiais para os seus colégios, mestras, alunas e excelentíssimas famílias.

Por último, como arcebispo do Rio de Janeiro, à Congregação do *Sacré Coeur de Marie* queremos agradecer a soma indizível de benefícios que seus colégios têm prestado à nossa sociedade.

Adaptando-se perfeitamente ao ambiente nacional, abrasileirando-se, para melhor educarem, as religiosas do *Sacré Coeur de Marie* bem merecem da Igreja e da Pátria: *grandes almas ao serviço de Deus, grandes educadoras ao serviço do Brasil!*

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1935.

Sebastião, Cardeal Leme.

PALAVRA DO ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 21 de julho de 1935.

Muito Reverenda Madre Provincial.

Saudação e bênção!

Com o maior encantamento de alma entro em contato com a vida edificante do denodado sacerdote, fundador da Congregação do "Sacré Coeur de Marie". É que às minhas mãos veio ter a sua excelente biografia, em boa hora divulgada em vernáculo pelas suas desveladas filhas.

Estas páginas, porém, põem a descoberto os traços característicos, a têmpera heroica que caldeará a alma do apóstolo a quem a Providência distribuirá a nobre tarefa de suscitar e adestrar o exército de escol, as Irmãs do "Sacré Coeur de Marie". Quem as observar no desdobramento de suas atividades benfazejas, cultivando a juventude feminina em famosos educandários, logo perceberá que se acham imbuídas daquele elevado espírito sobrenatural, suscitado pela irresistível sedução de uma alma eleita, marcada com todas as grandes virtudes apostólicas. Assim, por certo, vislumbramos na fisionomia espiritual das filhas os traços de sua nobre alma sacerdotal, fulgurante de caridade e zelo intrépido. Ninguém há que não se comova ou se possa furtar aos anseios de perfeição ao meditar as façanhas evangélicas do piedoso e abnegado Pe. Gailhac.

É, pois, com o mais comovente entusiasmo que aprovo e aplaudo a divulgação desta vida modelar para todos. Que o seu amplo conhecimento possa rasgar novas perspectivas de apostolado entre os nossos sacerdotes e leigos sedentos de estímulo deste quilate para as gloriosas pelejas da Ação Católica, renovadora do espírito e vida cristãos na sociedade brasileira.

Antônio, Arcebispo de Belo Horizonte

PALAVRA DO ARCEBISPO DE MARIANA

Ubá, Arquidiocese de Mariana

Li com edificação a biografia do reverendo Padre Pedro João Antônio Gailhac, cuja versão em português, por uma reverenda Religiosa da Congregação do "Sacré Coeur de Marie" me foi presenteada na Escola Normal de Ubá, de nossa Arquidiocese.

Muito de boa vontade acrescentamos a nossa bênção àquela de outros excelentíssimos Prelados, que aprovaram já o mesmo trabalho.

E a Deus faço ardentes votos para que a edificante vida, trabalhos e apostolado do virtuoso sacerdote sejam de grande proveito espiritual para suas diletas Filhas, as reverendas e competentes educadoras de Ubá; não só, mas de grande proveito espiritual também para todos os educadores da mocidade brasileira.

28 de junho de 1935,
Festa do Sagrado Coração de Jesus.

Helvécio, Arcebispo de Mariana

PRÓLOGO DO CENSOR

Ação Católica! É esta a palavra de ordem que nos vem do Vigário de Jesus Cristo; é a palavra repetida pelo episcopado brasileiro, na hora atual em que, mais do que nunca, se impõe uma arregimentação dos católicos para se opor ao paganismo, uma intransponível barreira. Ação Católica! Eis um toque de clarim, um grito de guerra às potestades infernais que, com desusada ousadia, tentam destruir o vetusto edifício da religião católica.

Precisamos de soldados destemidos, de valorosos combatentes que se arrisquem, por Deus e pela Pátria, a temíveis pelejas. Precisamos também de magníficos exemplos de valor, que excitem, estimulem, encoragem os que saem e travam combates.

Um grande combatente, um exemplo para todos e, de modo particular, para os sacerdotes e educadores católicos, encontramo-lo na veneranda pessoa do fundador da Congregação do "Sacré Coeur de Marie", o Padre Pedro João Antônio Gailhac, cuja maravilhosa vida é apresentada, em vernáculo, aos católicos brasileiros.

Recomendamo-la aos sacerdotes, aos seminaristas, em geral, a todos os católicos. Aí encontrarão o retrato fiel de um espírito combativo, de uma alma ardente e generosa, inflamada no amor de Deus, cheia de zelo pelo aperfeiçoamento e santificação dos que lutam por Cristo e pela Igreja.

Nota é, distintiva da sua vida, a constância, a paciência, a absoluta confiança em Deus, em todas as grandes dificuldades (e foram muitas) que se lhe opuseram no exercício do prolongado e, não raro, doloroso ministério.

Estas páginas estão destinadas a levantar o ânimo dos que, esmorecidos, pensam em entregar, ao inimigo, armas e bagagens. Possam elas produzir todo o fruto espiritual que esperamos *Faxit* Deus!

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1935.

Padre João Baptista de Siqueira

INTRODUÇÃO

A biografia que adiante se vai ler constitui uma prova - entre muitas - da vitalidade inexaurível do catolicismo. Vidas como essa, dedicadas ao serviço de Deus e do próximo, se reproduzem incessantemente em todas as épocas da história, desde que Jesus Cristo veio ao mundo e deixou aos homens, como norma de conduta, os seus ensinamentos e o seu exemplo. E é do vastíssimo acervo que essas vidas compõem e que o grande público, mesmo cristão, desconhece quase totalmente, que a Santa Igreja vai destacando, através dos tempos, as que verifica mais perfeitas para oferecê-las à imitação e à veneração dos fiéis.

O Pe. Gailhac, fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, viveu no século passado, entre os anos de 1802 e 1890. Escreveu-lhe a biografia o Rev. Pe. Maymard e traduziu-a, com elegância e correção, uma devotada religiosa daquela Congregação, cujo nome não foi desvendado.

Nos seus lineamentos exteriores essa biografia é simples e sem relevo. Nascido em Béziers, França, de uma família honesta e pobre, o Pe. Gailhac recebeu dos pais uma educação cristã, teve a graça de passar uma mocidade pura, e depois dos estudos necessários que, por bondosa instigação do Vigário, recebeu num colégio católico da cidade e no seminário da diocese, foi sagrado sacerdote aos 24 anos de idade. Por um tempo lecionou filosofia no mesmo seminário em que se formou. Deixou esse cargo para ser capelão do Hospital de Béziers. E, depois de alguns anos de exercício, entregou-se inteiramente à organização e à direção de diversos institutos que sucessivamente fundou - para regeneração de mulheres transviadas, para educação de crianças pobres, para formação de padres e irmãs que o auxiliassem na execução daquelas obras e, finalmente, para instrução e educação de meninas.

No meio desses trabalhos - que se centralizaram e que, por fim, se resumiram na direção da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, instituto feminino de educação - é que a morte encontrou o Pe. Gailhac, vigoroso e ativo, apesar dos seus 88 anos de idade.

O mero enunciado desses fatos quase não tem significação, porque a vida desse sacerdote se desenvolveu mais no sentido da profundeza do que no da extensão. Para discernir o seu verdadeiro valor é preciso conhecer que norte o atraía, e este era o do mais puro e luminoso ideal cristão. *"Hoje, como ontem, como sempre, Cristo é o mesmo"*, um Deus benigno e forte, capaz de suscitar numerosos discípulos e de conformá-los todos pelo mesmo modelo, o seu próprio procedimento na terra, todo impregnado das duas virtudes que o caracterizaram: a abnegação e a caridade. A vida do Pe. Gailhac foi, neste sentido, vida plenamente cristã; foi até ao heroísmo que ele praticou essas duas virtudes.

Cito em prova apenas dois fatos da sua vida. O primeiro foi o empenho com que disputou a capelania do Hospital de Béziers, cargo sem prestígio, sem ascensão, e de ínfimo rendimento. *"Para que ir ao Hospital? Não é caminho para carreira alguma!"* - exclamavam os seus amigos, querendo dissuadi-lo. E o jovem cristãmente respondia: *"É caminho para o céu!..."*. Conforme aconselhara o seu divino mestre, ele quisera escolher para si, no banquete do mundo, o último lugar. O outro fato verificou-se doze anos depois, nesse mesmo hospital, quando uma terrível epidemia de cólera invadiu e dizimou a cidade. O Pe. Gailhac era ainda o Capelão. As salas regurgitavam de doentes, e ele multiplicava-se e corria de um leito para outro, na ânsia de salvar as almas dos moribundos. Mal dormia, mal comia, mal descansava. Atacados pela moléstia, os próprios empregados faltavam ou relaxavam o serviço. Ele procurava atender a tudo… De repente, sentiu-se, também doente: sobreviera-lhe uma pleurisia. Mas, depois do primeiro abatimento, reergueu-se do leito, atirou fora as drogas

que não o aliviavam e, apesar da febre e das dores que, a todo o momento, lhe trespassavam o peito, continuou o seu ministério… Viu-se, então, que as conversões se multiplicavam. A presença desse padre exausto e lívido, dobrado pelas dores, ardendo em febre, e, entretanto, levando a cada um uma palavra de carinho, um olhar, ao menos, de conforto e de piedade, era a melhor das pregações. Quem o via tinha a visão clara da sinceridade e da fé profunda dessa alma! Como podia ser falsa a doutrina capaz de galvanizar de tal modo esse adoentado e de inspirar-lhe gestos de tamanha abnegação e caridade?

A caridade foi, deveras, a mola da sua vida. Caridade para com o próximo, em primeiro lugar, pedra de toque da alma cristã. *"Como pode amar a Deus, que não vê, quem não ama ao seu próximo, que vê?"* O Pe. Gailhac desde criança manifestou generoso amor aos pobres. *"Não podia ver alguém sofrer* - escreveu o seu biógrafo - *sem se comover e procurar aliviá-lo. Dava aos pobres tudo quanto tinha, até a própria roupa"*. Mais tarde, no seminário, obteve licença para visitar os presos e os doentes dos hospitais; distribuía-lhes os mimos que podia arranjar e acompanhava esses presentes com palavras de consolação… Nomeado capelão do Hospital, empregou com zelo e dedicação ao serviço dos doentes os 20 anos que ali passou. Quando, depois, criou a casa de refúgio e os orfanatos, viram-no privar-se de tudo, condenar-se aos maiores sacrifícios, para poder recolher e sustentar o maior número possível de crianças. Não sabia, não podia recusar nada aos pobres: via neles membros padecentes de Jesus Cristo. Tinha sempre no pensamento estas palavras do Salvador: "*O que fizerdes ao menor dos meus irmãos, considerá-lo-ei como feito a mim mesmo"*.

A caridade para com Deus, porém, era a que principalmente lhe abrasava o coração; e se amava e servia ao seu próximo, era para melhor amar e servir a Deus. Uma vez, dirigindo-se às religiosas da Congregação que fundara, abriu-lhes como raramente fazia o

seu coração e confessou-lhes: "*Deus criou-me para ele. Quer que eu viva só do seu amor e para a sua glória. Desde a minha mais tenra infância encheu-me do seu fogo sagrado... Sempre senti em mim o desejo e a necessidade de trabalhar para o fazer amar. Era ainda muito moço quando fui chamado ao sacerdócio. A santidade requerida para uma vocação tão sublime assustou-me. Resisti. E, quando me resolvi a ser padre, foi com a deliberação de não viver senão para amar a Deus e fazê-lo amar. Deus, bem cedo, me deu um grande amor às pessoas; foi esse amor que me levou a empreender as minhas obras, pois nunca fiz coisa alguma sem a sua inspiração, sem saber que era da sua vontade".*

Esse amor a Deus era genuíno: caracterizava-se, como revela esta última frase, pelo desejo de agir em tudo de conformidade com a vontade de Deus. Discernir e cumprir essa vontade foi o propósito máximo da sua vida. E o realizou, não só observando piedosamente os mandamentos de Deus e da Igreja, não só se desempenhando com pontual fidelidade de todos os deveres do seu estado e dos seus cargos, não só atendendo com diligência e abnegação às inspirações da graça, não só empenhando-se na organização de numerosas e fatigantes obras em benefício do próximo, como sobretudo - o que é a verdadeira prova de amor a Deus - entregando-se com absoluta confiança à Providência divina e submetendo-se com inteira humildade e inabalável esperança às mais dolorosas e deprimentes tribulações que a Deus aprouve enviar-lhe: separação de pessoas queridas, ruína de obras iniciadas - como essa do Bom Pastor -, suspeitas vis e acusações vergonhosas.

É que o espírito do Pe. Gailhac estava firmemente alicerçado sobre a solidíssima doutrina católica, que nos mostra os acontecimentos todos do universo guiados pela sabedoria imperscrutável de Deus, que sabe extrair do mal aparente o bem real e oferece aos homens, pelas tentações e tribulações, as ocasiões necessárias para que, no exercício da liberdade, fortifiquem suas almas e adquiram méritos

para o céu. *"Nada acontece sem a vontade expressa de Deus* - escreveu ele - *tanto na ordem física como na ordem moral; nada se realiza sem que Deus o queira, e as criaturas não são senão instrumentos de que Ele se serve para chegar ao seu fim. É com a chuva e o calor que faz crescerem as plantas, frutificarem as árvores, germinarem as sementes. É com as tempestades que purifica os ares. É com os flagelos que exerce a justiça. É ele que arma os povos uns contra os outros, para os castigar. É ele que envia as pestes, as fomes, todas as calamidades, para punir a malícia dos homens. Numa palavra, é ele o senhor da vida e da morte"* (v. adiante, p. 22). E, em outra passagem: *"Deus serve-se dos maus para exercitar os bons... As penas, os sofrimentos, as cruzes são graças e não infelicidades; são motivos de alegria e não de tristeza"*, porque "*é nas humilhações e nos sofrimentos que se encontra o caminho de Deus. O Espírito Santo disse: 'Que sabe aquele que não foi provado? Feliz o homem que sofre perseguição, porque receberá a coroa da justiça'."*

Não, o Pe. Gailhac não foi desses que se contentam com clamar "*Senhor! Senhor!*"; mas foi daqueles pacientes, humildes e compenetrados do amor de Deus que se esforçam acima de tudo por fazer-lhe a vontade. *"O que quereis, como quereis e quando quereis"* - era a oração que mais frequentemente lhe aflorava aos lábios.

Foi, na verdade, um homem de Deus, um homem todo votado ao serviço de Deus. Este o fim que visou em todos os seus empreendimentos. Esse o motivo que não lhe permitiu basear a sua religião no estudo do próprio aperfeiçoamento e no exercício de agradáveis e fáceis devoções. Esse o motivo que o impediu de transformar o sacerdócio em um instrumento para a escalada das posições sociais ou para a aquisição das riquezas, mas impeliu-o a exercê-lo com verdadeiro espírito cristão, como um meio de sacrificar-se quotidianamente no serviço de Deus e das pessoas para a difusão, sobre a terra, do reino de Cristo.

A sua obra principal, a Congregação do Sagrado Coração de Maria, abençoada por Deus, sobreviveu-lhe e, animada do seu espírito, espalha-se pelo mundo, comunicando a centenas de moças o ideal católico que inflamava o virtuoso fundador.

A publicação da sua biografia ocorre em um momento oportuno. Inicia-se entre nós a "ação católica", e, como o padroeiro desta, São Francisco de Assis, cujas palavras citava com frequência e de cujo espírito estava penetrado, o Pe. Gailhac pode ser apontado como exemplar no seu exercício: não se contentou com ensinar aos outros, mas tratou, ele próprio, de realizar e executar as boas obras que imaginara; mesclou intimamente a vida de ação com a vida de oração; atendeu, em todos os seus empreendimentos, às decisões da autoridade eclesiástica; e subordinou sempre os seus projetos à vontade e à providência de Deus. Foi, assim, um modelo de católico de ação, humilde, obediente, piedoso e sofredor, mas cheio de iniciativa e de entusiasmo, porque não trabalhava para si, mas para o bem das pessoas e para a glória de Deus, cujo amor lhe enchia inteiramente o generoso coração.

Petrópolis, 16 de dezembro de 1935.

Mesquita Pimentel.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A Infância - O Colégio - O Seminário
1802 - 1830

Béziers é uma cidade muito antiga, ao sul da França. Está construída numa colina, entre Narbonne e Montpellier, distando 14 km do golfo de Lion, no Mediterrâneo. Dominam-na duas igrejas: Saint Nazaire, que era catedral, enquanto a cidade teve Bispo, e Saint Aphrodise, Basílica, assim chamada em vista do nome do apóstolo do país.

No limiar desses edifícios ou, melhor ainda, do alto das suas torres, descobre-se o belo panorama das campinas que a circundam. Avista-se o rio Orb, que corre das Cevennes para o Mediterrâneo, com 115 km de extensão, e o canal do Sul, aberto no fim do século XVII pelo engenheiro Riquet, de Béziers, para ligar o Mediterrâneo ao Garonne e, dali, ao Atlântico.

* * * * *

Pedro Antônio João Gailhac, grande servo de Deus, nasceu em Béziers, a 13 de novembro de 1802, três meses depois do "Senatus-consulto" (plebiscito) que declarava Bonaparte cônsul vitalício, sete meses depois da Concordata assinada entre a França e a Santa Sé.

O pai desse homem de Deus chamava-se Antônio Gailhac e era descendente de família outrora opulenta, mas inteiramente decaída, desde a Revolução. Pela vida laboriosa e irrepreensível, fazia lembrar os antigos Patriarcas e, pela prática exata de todos os deveres religiosos, era contado no número dos melhores cristãos da cidade. Casara-se com Anna Gronzilhac, senhora ativa e inteligente, de piedade e dedicação sem igual. Amava os pobres e era de admirável submissão aos desígnios da Providência. *"O que*

Deus quiser; como Ele quiser; pelo tempo que quiser", eis suas máximas favoritas.

Numerosa, a família Gailhac compreendia três filhas[1] e quatro filhos[2]. Aquele de quem escrevemos a vida era o mais velho dos sete[3]. Deviam chamar-lhe Pedro, visto ser o seu primeiro nome, mas chamaram-lhe sempre João, em razão do amor particular que sempre mostrara ao Apóstolo Predileto. Em casa, apelidavam-no simplesmente de Gailhac, segundo uma velha prática do país de designar ao primogênito pelo nome de família.

Os Gailhac eram da Paróquia Saint Aphrodise (Santo Afrodísio), cuja igreja, depois de ter sido vendida em 1793, acabava de ser resgatada pelo antigo pároco, Pe. Martin. O servo de Deus foi a primeira criança[4] que recebeu o batismo, na velha Basílica restituída ao culto.

As primeiras lições foram-lhe ministradas pela mãe e continuadas depois pelo Pe. René, religioso Recoleto. Seguia-as sempre com gosto e fruto. Interrompeu-as, certo dia, um fato que merece ser relatado. Em 1814, tinha João 12 anos, Pio VII, que Napoleão havia conservado cativo em Fontainebleau, foi posto em liberdade. Ao dirigir-se a Roma, viajando pela França, passou pelo arrabalde da Ponte de Béziers e teve que parar alguns instantes, para se mudarem os cavalos[5]. A população reuniu-se ao toque do sino e o

---

[1] Marie Anne Jeanne Elisabeth (1ª); Elisabeth Marie-Anne (5ª) e Anne Louise (6ª).

[2] Pierre Antoine Jean (2º); François Ignace Victor (3º); Pierre Antoine, falecido com 1 ano (4º) e novamente Pierre Antoine, falecido aos 6 anos (7º).

[3] Engano do Pe. Maymard. Jean era o mais velho dos rapazes, mas o segundo dos sete filhos. Marie Anne Jeanne Elisabeth era três anos mais velha que ele.

[4] A tradição das RSCM assim o diz, mas, segundo os registros, é a 164ª.

[5] Nesse lugar, mais tarde, foi erguida a Igreja de Saint Jude, onde os Padres do Bom Pastor, Congregação fundada por Gailhac, atuaram.

jovem Gailhac pode receber, com os companheiros, a bênção do santo e augusto Pontífice.

Já se podia, então, notar nessa criança uma alma de escol. Possuía as belas qualidades da mãe, em cujo regaço, dizia mais tarde, começara a crer nas verdades da religião, mesmo nas que ainda não eram definidas, por exemplo: a Imaculada Conceição e a infalibilidade do Papa. Repetia também que dela aprendera a amar a Deus e ao próximo, sobretudo os pobres e os infelizes. Podemos acrescentar que essa ilustre senhora fora o instrumento de que Deus se serviu para formar no filho um sacerdote santo.

Um dia, tendo apenas oito anos, João encontrou um rapazinho esfarrapado e descalço; cheio de compaixão, deu-lhe os sapatos. Ao chegar em casa, a mãe repreendeu-o, dizendo-lhe que fizera mal e há caridades excessivas; mas a repreensão foi infrutífera: algum tempo depois, o jovem pródigo dava as calças de veludo preto a outro pobrezinho.

Das mãos do Padre René, o jovem Gailhac passou para as de professores eclesiásticos, que haviam aberto em Béziers um colégio muito bem organizado, de onde saiam, cada ano, algumas vocações sacerdotais.

Nesse meio, a alma do jovem aluno sentiu-se atraída para o serviço dos altares.

As narrativas dos professores que só escaparam, durante a Revolução, com muito custo, às emboscadas dos inimigos, inflamavam os alunos no santo amor a Deus e às pessoas. Por outro lado, o Pe. Martin, antigo membro da Assembleia Constituinte (1789-1791) e pároco de Saint Aphrodise, não perdia de vista seu primeiro batizado e, julgando ver nele sinais de vocação eclesiástica, cercava-o de cuidados muito particulares.

João, pelo seu lado, gostava de ajudar às missas dos sacerdotes veteranos que tinham, outrora, sofrido pela fé. Nada o detinha:

nem o frio, nem a chuva, nem o cansaço, nem a hora matinal. Pouco dado aos divertimentos da sua idade, não conhecia senão a casa paterna, o colégio e a igreja. Arranjara um altarzinho e ornamentos sacerdotais, de que se servia, para imitar as cerimônias religiosas, umas vezes só, outras com alguns amigos; o preferido era Eugênio Cure, da comuna de Autignac.

A vocação sacerdotal de João esteve prestes a naufragar.

Tinha, em Toulouse, um tio farmacêutico, que veio passar algum tempo em Béziers e ficou encantado com a inteligência e o gênio do sobrinho, então com 14 anos.

Sem filhos, propôs aos pais levá-lo e fazer dele seu sucessor. O senhor e a senhora Gailhac viram no oferecimento do parente um bom futuro para o filho e aceitaram. Por sua vez, João, que não conhecia ainda claramente a vontade de Deus e era muito obediente, não se opôs e partiu para Toulouse. Porém, não se sentiu feliz. Impossibilitado de satisfazer seu gosto pelas práticas de piedade e estudo, caiu em tristeza profunda e, passados seis meses, teve de voltar para o meio da família.

Em Béziers, encontrou novamente os queridos livros, as práticas de piedade e a felicidade.

Quando estava prestes a concluir os estudos de latim, pensou na vocação. Que faria? Não o sabia! Estava em dúvida, inseguro e, por isso mesmo, melancólico. Um dia, decidiu-se a perguntar ao Vigário qual a carreira que deveria abraçar. *"Deves ser sacerdote"* - respondeu-lhe o Pe. Martin - *"Não há dúvida alguma. É a tua vocação"*. Era uma resposta clara, mas muito sublime ao parecer do jovem.

Admirando, mas ao mesmo tempo temendo as responsabilidades de tão alta vocação, julgou-se indigno e postergou a decisão.

No entanto, para não resistir à graça, multiplicou orações, esmolas e penitências. Deus esclareceu-o, pouco a pouco, e enfim

compreendeu que Aquele que chama a estado tão elevado, não deixa de dar, ao mesmo tempo, os recursos necessários para cumprir os deveres que impõe. Cheio de confiança, decidiu ser sacerdote: não um sacerdote qualquer, mas santo, em todo o sentido da palavra. Foi procurar os pais e dar-lhes parte da resolução tomada, declarando ao mesmo tempo que renunciava aos direitos e vantagens que poderia ter, em vista do título de primogênito da família. Disse-lhes também que, a partir da ordenação sacerdotal, nem eles nem os irmãos deveriam esperar qualquer ajuda financeira de sua parte. A família concordou com tudo o que desejava, sem nenhuma restrição, pois todos tinham uma alta ideia da dignidade sacerdotal.

João julgou dever abrir o coração ao bom vigário e, depois de lhe ajudar à missa, disse-lhe comovido: *"Julgo que o senhor Vigário tem razão, Nosso Senhor me chama ao sacerdócio. Quero ser padre"*. *"Deus seja bendito por essa determinação",* respondeu o Pe. Martin, abraçando-o afetuosamente. "*Agora, sê fiel, para que a coroa que te está reservada não seja dada a outro"*. Estas palavras ficaram gravadas profundamente no coração de João. Quanto à fidelidade que lhe foi recomendada, veremos, no decorrer desta história, quanto foi perfeita.

João Gailhac preparou-se, então, para entrar no grande Seminário de Montpellier. Sem se preocupar com o que os outros iriam pensar e até com grande alegria, vestiu a batina, quinze dias antes de partir. Foi, assim, despedir-se do diretor do colégio e do Vigário e pedir-lhes cartas de recomendação, que por certo lhe exigiriam.

O Pe. Eustáquio, antigo religioso da Ordem de São Bento e então diretor do Colégio de Béziers, recebeu-o com muito afeto e abraçou-o com ternura. *"Meu amigo* - disse-lhe - *os teus professores e eu sempre estivemos muito contentes contigo, mas principalmente neste último ano"*. E entregou-lhe uma carta que mostrava quanto todos o tinham em alta estima. O Pe. Martin deu o atestado com satisfação.

Acompanhado dos pais, foi bater à porta do Seminário.

Acolheram-no com bondade, em outubro de 1818[6], ainda que não tivesse senão 16 anos.

Sentiu-se logo à vontade. Tinha professores piedosos e capazes de o dirigir, condiscípulos estudiosos para o estimular e um regulamento, com numerosos exercícios de piedade, para o formar. Na verdade, nada lhe faltava. Estava, pois, resolvido a aproveitar-se de todos esses meios, por isso fez rápidos progressos na virtude. Segundo o testemunho dos contemporâneos, sua piedade era verdadeiramente angélica e seu recolhimento, habitual. Falava pouco e parecia sempre absorvido em Deus. A vigilância sobre os sentidos e movimentos da alma era-lhe contínua, a fim de não se deixar levar pela dissipação. Por isso, todos os condiscípulos eram unânimes em reconhecer que exalava esse perfume de edificação que São Paulo chama *'o perfume de Jesus Cristo'*. A regularidade igualava-lhe à piedade. Testemunhas dignos de fé asseguram que nunca o viram faltam a nenhum ponto do regulamento. Era a regra viva, às vezes levada ao escrúpulo. Silencioso, sempre embebido em meditação, aplicava-se a todos os deveres, humilde, bondoso, caritativo. Numa palavra, era tão edificante que lhe chamavam "o santinho" e procuravam imitá-lo.

Os Diretores do estabelecimento tinham a mesma opinião. Designaram-no para ir, todos os dias, repetir nos diferentes grupos: *"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"*, a jaculatória com que se iniciavam os recreios e à qual se respondia: "*Seja louvado nos séculos dos séculos. Amém!"* Um professor chegou um dia a propô-lo publicamente como modelo aos condiscípulos e aplicar-lhe o salmo de David, que compara o justo à árvore plantada à borda de um rio, cujas folhas não caem nunca. Enfim, o Superior, o

---

[6] O registro do Seminário tem a data de outubro de 1821. Confirmam esta data o primeiro exame em fevereiro de 1822 e os cadernos escolares de Gailhac, datados a partir de 1821.

Sr. Bastet, sacerdote tão respeitável pela santidade quanto pela inteligência, tinha-o em particular estima. Todos previam que esse jovem havia de ser um sacerdote exemplar.

João foi passar as férias de 1819 com a família, mas disse aos irmãos que, sendo seminarista, não o deviam mais tratar por 'tu'. Concordaram e, daí por diante, nunca mais assim o trataram. Durante o tempo que passou com a família, edificou sempre, não só parentes e amigos, mas ainda a todos os paroquianos de Saint Aphrodise.

Ao voltar para o seminário, tornou-se mais piedoso, sentindo crescer cada vez mais o amor pelo Divino Mestre e, como um grande amor se prova com grande dedicação, pensou em fazer-se missionário: assim, poderia melhor dar a Deus o supremo testemunho do seu afeto, selando-o com o sangue.

Contudo, renunciou a esse projeto, quer por influência da família, quer por determinação dos diretores. Voltou, então, a vista para a vida religiosa e, a fim de se preparar para ela, entregou-se a grandes austeridades. Dormia sobre varas e passava as noites de inverno sem cobertor. Não tardou a adoecer e o Superior, a rogos da Sra. Gailhac, obrigou-o a moderar-se.

Aos 22 anos, terminava o curso de Teologia e recebia as ordens de Subdiaconato. Que iria fazer até ser sacerdote? A Providência encarregou-se de o ocupar. Tendo faltado o professor de Filosofia do seminário, Gailhac foi encarregado de o substituir, de modo que, dos bancos dos condiscípulos, subiu à cadeira de Filosofia.

Sua situação era difícil, bem se pode compreender. Mas, possuindo espírito dócil, inteligência pronta e juízo reto, havendo trabalhado muito, estava à altura do cargo. Além disso, sua humildade, doçura e regularidade tinham-lhe granjeado a estima e o afeto dos professores e alunos. Sentia que era muito novo, que tinha alunos mais velhos e precisava rever as matérias um pouco esquecidas. Mas falara a autoridade, e o pobre jovem teve que obedecer.

Lutou com algumas dificuldades, sobretudo no princípio. Entre os alunos, havia os muito inteligentes que procuravam aproveitar-se da inexperiência do professor. Em vez de estudarem a lição, iam buscar objeções e expunham-nas ao mestre, que não se deixou, entretanto, enganar. A quem lhe apresentava uma dificuldade, respondia que desse primeiro conta da matéria precedentemente exposta e procurasse, nessa matéria, a solução; não a encontrando, viria em seu socorro.

Esse método hábil teve a vantagem de habituar os filósofos à prudência e à reflexão e salvaguardar a dignidade do mestre. Isto, com o tempo, não fez senão aumentar a estima de todos por ele.

O seu zelo e dedicação pelos alunos era sem limites. Nessa vida de abnegação, preparou-se para o sacerdócio que lhe foi conferido nas têmporas de setembro de 1826[7]. João Gailhac tinha apenas 24 anos; mas havia grande falta de padres nessa época e Roma concedia facilmente a dispensa da idade.

Na entrada de 1826, o Pe. Gailhac deixou o ensino de Filosofia pelo do Dogma. Dever tão importante forneceu-lhe a ocasião de mostrar mais uma vez sua dedicação à Igreja Católica e à integridade da doutrina.

Sabe-se que, em 1682, para agradar ao orgulhoso Luís XIV que a dominava, a Assembleia do Clero da França tinha formulado, nas relações da Igreja com a Realeza, uma declaração célebre, compreendendo quatro artigos. Diziam, em resumo, que, nas coisas temporais e civis, o Papa não tinha nenhum poder e, nas questões de fé, era inferior ao Concílio Geral: dois graves erros, contra os quais a Santa Sé protestou altamente. O rei e o

[7] É ordenado no dia 23 de setembro de 1826, na capela do Chateau d'Eau (= Castelo d'Água), residência de verão de D. Fournier. Tinha, apenas, 23 anos e 10 meses de idade.

parlamento quiseram inutilmente impô-los à força; no entanto, mais tarde, o próprio Luís XIV os desaprovou.

Ora, em 1826, o Sr. Villele, Primeiro Ministro de Carlos X, mostrou a pretensão de fazer reviver essa doutrina que Fénelon afirmava *"ser a independência perante o Papa, mas o servilismo perante o rei"*. O governo exigiu que todo o professor de Teologia se obrigasse, com juramento, a admitir e ensinar os quatro artigos de 1682. O Pe. Gailhac recusou-se; nem rogos, nem súplicas foram capazes de lhe arrancar tal juramento. Pensaram que seria demitido, mas não foi, por uma intervenção tão secreta quanto poderosa. Continuou a crer e a ensinar o que a consciência lhe ditava, que era orientar os alunos na via segura da boa doutrina.

As instruções e conferências espirituais inerentes à função de professor lhe confirmaram e completaram o ensino dogmático. Pregando, quando lhe competia, como aos colegas, a todos os seminaristas, exortava, não só com a piedade e a unção que dá a união com Deus, mas também com a força e a autoridade de quem pratica o que aconselha aos outros.

Quando os diretores do Seminário se reuniam para tratar de negócios, o Pe. Gailhac fazia-se notar pela sabedoria e discernimento. Uma vez entre outras, como as opiniões eram diversas, a respeito da vocação de um jovem que parecia dar poucas esperanças, defendendo-o, expôs suas razões com tanta clareza e segurança que as fez partilhar pelo Conselho. Não se arrependeu, porque o seminarista, de quem advogara a causa, se tornou mais tarde um sacerdote modelar.

Se tinha dias livres, não só em férias, como durante o ano escolar, empregava-os em adquirir novos conhecimentos e conversar com Deus ou a praticar a caridade e o zelo para com as pessoas. Quando não tinha trabalho, procurava-o.

Pregar, confessar nas paróquias circunvizinhas, ajudar ou substituir os vigários já velhos, cansados ou enfermos, era para ele

um prazer e ao mesmo tempo, sem que o suspeitasse, uma preparação.

Substituiu, assim, o capelão do Hospital de Béziers. Percorria as salas, exortando a uns, animando a outros, consolando os infelizes, retirando-os do vício, quando os achava acessíveis às palavras de Deus.

Fazia, sem o saber, o aprendizado da missão que o céu não tardaria a confiar-lhe.

Gostava, também, de visitar os doentes e os presos. Ganhava-os com pequenos presentes: doces, frutas e cigarros. Por muito tempo, os presos de Montpellier se recordaram da doçura do santo sacerdote que lhes dava coisas úteis e agradáveis e sabia, ao mesmo tempo, fazer-lhes tanto bem às almas.

CAPÍTULO SEGUNDO

Capelão do Hospital - Fundador do Refúgio
1830 - 1849

Corria o ano de 1830[8]. Um acontecimento oportuno, desses que Deus conduz para encaminhar a realização das suas santas determinações, vinha arrancar o mestre à cátedra do Seminário, para abrir ao sacerdote o campo de apostolado.

O capelão do Hospital de Béziers, Pe. Assier[9], pediu demissão, por falta de saúde. O Pe. Gailhac, que já o havia substituído durante as férias e projetava criar certas obras sociais na terra natal, viu que era ocasião providencial para realizar tão piedosos desígnios e solicitou esse cargo.

Todos procuravam desviá-lo desse trabalho, em que seria bem pouco remunerado. O capelão do Hospital só recebia 900 francos de ordenado e além disso tinha que celebrar, todos os anos, 56 missas gratuitas pelos benfeitores falecidos. Por outro lado, esse emprego era ordinariamente reservado a sacerdotes idosos ou doentes que não pudessem consagrar-se à vida muito ativa. Enfim, era posição pouco invejada e por assim dizer desprezível. Nada, com efeito, parecia convir menos ao talento e à idade do solicitador.

---

[8] Segundo Sampaio, a nomeação em caráter interino ocorreu em setembro de 1827 e a oficial aos 12 de setembro de 1828. O antigo capelão morreu durante o ano de 1828. Um convite para pregar numa aldeia dos arredores de Béziers está datado de 7 de agosto de 1828 e é dirigido ao “Sr. Padre Gailhac, padre em Béziers”. Numa carta de 14 de agosto, mas sem ano, o Pe. Bastet, Vigário Geral, autoriza Gailhac “enquanto for capelão do hospital”, a confessar todos os que vivem na casa, as pessoas da cidade e os casos reservados. Assim, parece não haver dúvidas de que, em agosto de 1828, antes da nomeação definitiva, Jean Gailhac estava em Béziers exercendo as funções de capelão do hospital.

[9] Sampaio fala em “Mr. Salvan”.

Os colegas procuraram demovê-lo da ideia e altos dignatários admiraram-se dessa resolução.

- *Meu amigo* - lhe disse o Vigário-Geral, Pe. Lunaret - p*ara que queres ir ao Hospital? Não é caminho para carreira nenhuma!*
- *É, contudo, o caminho para o céu!* - respondeu o jovem padre.

Resposta análoga deu-a ao bispo que, importunado com os rogos do zeloso levita, o interpelou com vivacidade:

- *Mas, enfim, que queres lá fazer?*
- *Ganhar o céu, Excelência!* - respondeu Gailhac.

A grande alma de Dom Fournier compreendeu quanto heroísmo havia nessa renúncia a todas as esperanças humanas e estimou ainda mais aquele *"que procurava* - não primeiramente, mas exclusivamente - *o Reino de Deus e a sua justiça"*. Concedeu-lhe o favor que solicitava, deu-lhe a bênção e prometeu-lhe auxílio nas obras que pensava empreender para a glória de Deus e salvação das pessoas.

Aos 28 anos[10], o Pe. Gailhac voltou, pois, à cidade natal, para desempenhar sua missão. Achou um ministério laborioso e, por vezes, árduo: não é sempre fácil dispor os doentes à recepção dos sacramentos! Mas teve, sobretudo, que sofrer com o pessoal interno do Hospital. Consideradas separadamente, essas pessoas eram excelentes, mas não havia entre elas união e tudo corria mal. Estudando de perto esse estado de coisas, investigando-lhe a causa, pareceu-lhe ver a origem do mal na multiplicidade das direções espirituais. Para remediar a esse inconveniente, conseguiu que fosse nomeado um único confessor.

---

[10] Se a nomeação oficial para a capelania do hospital é datada de 12 de setembro de 1828, Gailhac tinha, então, 26 anos, não 28.

Durante os 19 anos de ministério no Hospital, a atividade e dedicação nunca o desmentiram.

O estudo, a meditação e os outros exercícios de piedade faziam as delícias da sua alma; só os abandonará para exercer os deveres de caridade. Com um ardor que jamais se afrouxou, punha em prática estas máximas espirituais que lhe eram caras: *"Preferi a imolação e ser tido em pouco. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos, não com um amor estéril, mas com um amor que se mostre em obras!"*

Os doentes do Hospital não tinham amigo mais sincero, visitador mais assíduo nem benfeitor mais generoso.

A cólera de 1832 forneceu ao Pe. Gailhac ocasião excepcional de dedicação, porque esse flagelo fez em Béziers numerosas vítimas. Tornaram-se pequenas as salas do Hospital, para as acolher; em cada uma, colocaram-se três fileiras de camas em vez de duas, e os dirigentes tiveram de presenciar o espetáculo doloroso de as ver esvaziar-se e tornar a encher-se várias vezes, porque a morte ceifava os acometidos pela peste e a persistência do flagelo enviava outros para os substituir. Certos dias, davam-se várias mortes. Às vezes, era preciso pôr mais de um cadáver no mesmo caixão. Os carpinteiros, cansados ou doentes, não podiam preparar todos os que se lhes encomendavam. Outras vezes, feitos às pressas, provocavam acidentes, lamentáveis na maior parte.

O Pe. Gailhac contava um em que se deram dois efeitos contrários: dirigia-se modesto enterro para o cemitério. De repente, o fundo do caixão cedeu e caiu o defunto; ora, o homem não estava morto, mas simplesmente preso de sono letárgico. O abalo produzido pela queda despertou-o, pôs-se a gritar e a estender as mãos aos que o levavam, pedindo-lhes para que o ajudassem a levantar-se. Conduziram-no ao Hospital, onde o trataram. Curou-se e viveu ainda muitos anos. Mas aquele que lhe tomou as mãos para o erguer, sentiu tal abalo que, todo assustado, foi para casa, deitou-

se e morreu poucos dias depois. Como dizia o piedoso capelão: *"Nesta circunstância, um morto matara um vivo"*.

Compreende-se que a violência do flagelo reduzira também o pessoal do estabelecimento. O Pe. Gailhac, contudo, não fraquejou. Multiplicava-se e corria, quase sem descanso, de um doente a outro, abreviava ou interrompia o sono, não se deixava impressionar por coisa alguma, nem mesmo pelo ódio ou blasfêmias dos infelizes. O que o sustentava, nesse trabalho incessante, era a esperança de arrancar ao inferno o maior número de almas possíveis e essa esperança não foi enganada.

Entretanto, depois de tanta fadiga, caiu, por sua vez, o servo de Deus gravemente enfermo e os remédios que lhe aplicaram acabaram de o esgotar. Não pode opor senão fraca resistência à pleurisia[11] que o atacou.

A mãe, aflita, veio vê-lo e cuidar dele. Mas o santo sacerdote, desconfiando dos médicos ou confiando unicamente em Deus, com um ardente desejo de recomeçar o trabalho, mandou lançar as últimas receitas no fogo e decidiu levantar-se, o que fez, entregando-se novamente ao seu árduo ministério. Voltando, os médicos já não o acharam. *"Foi sua energia que o salvou"* - disseram.

Porém, o Pe. Gailhac não estava curado. Arrastava-se curvo e cheio de dores. Ao menor movimento parecia que se lhe abria o peito. Não importa! Continuou mesmo assim o apostólico labor, mais doente que os próprios doentes, que o não deixaram de notar e até os mais afastados de Deus sentiam desvanecer-se-lhes a impiedade, rendendo-se à graça, ao contemplar tal heroísmo. Era uma grande consolação para o piedoso capelão!

---

[11] Pleurisia: inflamação das pleuras, tecido que reveste os pulmões e o peito.

Houve conversões que só se deram no último momento, mas o servo de Deus não desanimou nunca nem cessou de exortar aos moribundos. Um dia, um desses impenitentes estava a morrer e perdeu o uso da palavra. Ouvia e entendia, mas não podia confessar-se verbalmente. O capelão aproveitou o momento para expor-lhe com suave energia a horrível desgraça que o ameaçava.

Vamos, - lhe diz - *ainda é tempo de evitar o inferno e de vos salvardes. Quereis? Deus é infinitamente misericordioso. Não desejais reconciliar-se com Ele?* O doente fez sinal que sim. *Depressa, depressa os santos óleos!* E enquanto a Irmã os vai buscar, confessa o penitente por sinais, incita-o à contrição e dá-lhe a absolvição. Chega a Irmã. O Pe. Gailhac aplica as unções sagradas e, apenas havia terminado, o doente entra na eternidade.

Logo que as forças lhe permitiram, entregou-se ao trabalho com novo ardor: a pregação, as confissões, a orientação das pessoas ocupavam-lhe todos os momentos livres. Os soldados mereceram-lhe também constantes cuidados e dedicação.

As Religiosas de Saint-Maur pediram-no para confessor e, depois, como pregador, tanto das religiosas como das educandas. Aceitou, depois de solicitar a autorização e os conselhos do seu bispo.

Depois ocupou-se ativamente, apesar das oposições e obstáculos sem número, a fundar, em Béziers, um refúgio para arrependidas, isto é, para jovens que, tendo-se entregado às vaidades do mundo, se decidiam a voltar a Deus. Animado pelo diretor espiritual e superior do Seminário Maior, expôs o projeto a D. Fournier, que o aprovou com entusiasmo. Comprou, então, em Beziérs, uma casa por 12.000 francos e adaptou-a ao novo destino[12]. Aí admitiu algumas arrependidas e esforçou-se por firmá-las no bem, quase

[12] Segundo Sampaio, isso ocorreu em agosto de 1834. Nessa casa, teve início o “Refúgio”, em novembro do mesmo ano, e, em dezembro, o Orfanato.

sempre com resultado. Seis senhoras piedosas encarregaram-se da direção material da obra.

Não tardou muito para que fosse alvo de censuras, por causa dessa fundação. Uns achavam-no muito ousado, por se lançar, aos 32 anos, em semelhante aventura; outros, ambicioso e desejoso de se fazer notar. Os mais prudentes diziam que nada conseguiria, por falta de recursos. A família, assustada, fez coro com os que se lhe opunham. O próprio bispo passou da aprovação à frieza e, depois, à desconfiança. Propôs-lhe comprar a casa e dar-lhe outro Diretor. O Pe. Gailhac não aceitou, defendeu-se, rezou e deixou que falassem.

Foi nessa circunstância movido por singular inspiração, porque, pouco tempo depois, D. Fournier morreu e o novo bispo, D. Thibault, confirmou, animou e abençoou todas as obras do Pe. Gailhac.

Contudo, a bonança foi de curta duração. O Refúgio teve logo a unanimidade do clero contra ele, a municipalidade de Béziers suprimiu os 600 francos que lhe dava anualmente, o bispo pediu novamente ao homem de Deus que vendesse a casa ou mandasse vir religiosas de alguma Ordem já existente para tomar conta dela. Recusou o Pe. Gailhac, por motivos de consciência, e D. Thibault não insistiu. Continuaram, no entanto, a apoquentar, de mil modos, o pobre capelão, que tudo sofreu em silêncio, mas não acedeu. Prosseguia a prova… Um dia o bispo exigiu, sob pena de suspensão, que despedisse as diretoras seculares e as substituísse por religiosas. O servo de Deus submeteu-se. As Religiosas de Saint-Maur se ofereceram para dirigir a casa, deixando-a, mais tarde, quando ele a confiou às Irmãs de São José de Lyon.

Apesar disso, os inimigos da obra não desistiram e não cessaram as denúncias ao bispo. Dom Thibault resolveu ir pessoalmente informar-se e depois tomar uma resolução definitiva. Chegou a Béziers, de improviso, e visitou minuciosamente o Refúgio, na

ausência do Diretor. Quando este chegou, já tinha visto tudo. O Pe. Gailhac mostrou-se aflito. O bispo tranquilizou-o: *"Tendes muitos inimigos,* - disse-lhe - *mas a sua pertinácia desta vez ultrapassou os limites; caíram nas próprias ciladas. Vi a casa toda, vai muito bem; estou contente e felicito-vos! Continuai as vossas obras, e até breve!"*

Algum tempo depois, D. Thibault voltou, presidiu a santa missa, elogiou publicamente o Capelão e nomeou-o Cônego Honorário. Além disso, desde essa época, não deixou nunca, em ocasião alguma, de defender o Pe. Gailhac.

A obra do Refúgio conheceu, então, anos prósperos. Desenvolveu-se, graças a generosidades privadas, aos recursos que se obtinham nos peditórios da cidade e a outros inesperados, cuja oportunidade era muito evidente para não revelar a mão de Deus.

Para concluir, digamos que mais tarde as Irmãs de Lyon exigiram que o Fundador lhes assegurasse uma renda, a fim de auxiliarem a casa-mãe, reduzida ao estritamente necessário. Não dispondo de recursos, o Pe. Gailhac resolveu substituir as Irmãs de São José por uma congregação que ele próprio fundasse.

Logo que divulgou a notícia, começaram a circular, mesmo no Refúgio, boatos falsos e injustos. Propalavam que o novo regime seria muito severo. Muitas jovens, cheias de susto, prevendo exigências a que se veriam obrigadas a seguir, fugiram, de sorte que, em 1869[13], a nova família religiosa não teve de ocupar-se senão de algumas e, pouco tempo depois, extinguia-se a obra.

---

[13] Data errônea. Segundo Moura, "no dia 16 de maio de 1851, com início do Postulantado das futuras Irmãs Oblatas, o Refúgio ficou totalmente desativado. Umas internas foram para o Refúgio de Montpellier; algumas foram entregues às respectivas famílias e um terceiro grupo entrou para a Congregação nascente".

CAPÍTULO TERCEIRO

Criação da Comunidade do Sagrado Coração de Maria

Acabamos de ver as dificuldades que o Pe. Gailhac encontrara para achar religiosas animadas do seu espírito e dedicadas às suas obras. E será para admirar? Cada Instituto tem um espírito próprio que lhe transmite o Fundador. As religiosas que lhe vieram de outras Congregações, formadas para fins diferentes, não podendo entrar inteiramente nas intenções do Pe. Gailhac, paralizavam-lhe os esforços e arruinavam-lhe as obras. Assim, não tendo recebido do céu missão de trabalhar com pessoas advindas de situações de prostituição, nada conseguiram na instituição definitiva do Refúgio.

Tanta dificuldade e a docilidade de algumas pessoas que dirigia, persuadiram o Pe. Gailhac de que Deus o chamava a formar religiosas imbuídas do seu espírito e dedicadas às obras que queria estabelecer.

Eis o que o decidiu a fundar o Instituto do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, obra grandiosa, hoje tão próspera, destinada a fazer imenso bem, nos diversos países onde está estabelecida ou for chamada a estabelecer-se.

Foi a tão belo empreendimento que o Pe. Gailhac se entregou e dedicou inteiramente. Para formar melhor as filhas no espírito que desejava comunicar-lhes, pediu demissão de capelão do Hospital e renunciou à obra do Refúgio que lhe era tão cara e tantos sacrifícios lhe havia custado. Mas, deixando os doentes e o Refúgio, não desistia das obras de benevolência e veremos que a educação das crianças pobres e abandonadas foi, na origem, o fim principal do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Poderosamente o auxiliara na execução dos seus projetos uma família muito nobre e rica, a família Cure, que vamos agora conhecer.

Eugênio Cure poderia ser chamado pai temporal e provedor das obras do Pe. Gailhac. Era-lhe tão dedicado que punha bens, fortuna e até a própria pessoa à sua disposição. Nascido em Autignac (Hérault), em 1802, de família muito cristã, adquiriu da mãe essa viva piedade que conservou sempre.

Fez os primeiros estudos em Béziers e foi aí que se ligou, como vimos, em santa amizade, com o jovem Gailhac, amizade que durou a vida inteira.

Quando chegou o momento de escolher carreira, pensou no sacerdócio, mas o pai quis fixá-lo no mundo e enviou-o a Toulouse para estudar Direito.

Apesar da diferença de vocação, os laços que estreitavam os corações do seminarista e do estudante de Direito cada vez mais se apertavam.

Terminados os estudos, o jovem Gailhac tornou-se ministro de Jesus Cristo e Eugênio Cure, advogado. Em breve, julgando este ver a vontade de Deus na de sua família, desposou a Srta. Apollonie Pelissier, jovem de 20 anos, tão notável pela piedade como pela alta linhagem de seus pais. Nasceu a 2 de fevereiro de 1809, de uma das mais ricas famílias do então cantão de Murviel-les-Béziers. A mãe, senhora de grande virtude, morreu muito nova, confiando a sua filha à SSma. Virgem, pedindo-lhe se dignasse substituí-la. Sob tal proteção, a criança, com o correr dos anos, cresceu em sabedoria, distinguindo-se pela vivacidade da inteligência e fé ardente. Era o retrato vivo da piedosa e falecida mãe. Amava aos pobres e, depois do casamento, essa inclinação natural para a caridade ainda mais se desenvolveu, levando-a mais tarde a consagrar pessoa e bens ao serviço dos infelizes.

Quando o Pe. Gailhac, em 1829, veio a se fixar em Béziers, o Sr. Cure logo procurou se reaproximar dele, sentindo grande alegria ao vê-lo sentado à sua mesa. Foi nessa intimidade que o santo sacerdote conheceu a Sra. Cure, em quem pode logo descobrir uma

alma grande e generosa, um espírito reto, capaz de empreender grandes coisas.

Na sua infinita misericórdia, concedera Deus a essa família bens espirituais e temporais em abundância. Sua união era perfeita e a felicidade seria completa, se lhes houvesse dado filhos. Recusara-lhes tal satisfação e para preencher o vazio deixado por essa privação, os santos esposos adotaram os pobres. Os desgraçados tornaram-se seus filhos; nenhum a eles implorava em vão. Compreende-se facilmente que os do Pe. Gailhac não seriam esquecidos: durante os 20 anos de vida em comum, o senhor e a senhora Cure reservaram a maior parte das esmolas para as jovens do Refúgio e, se uma necessidade urgente se fazia sentir em casa, a boa Cecília, uma das dedicadas obreiras do asilo, corria à Sra. Cure e voltava sempre socorrida.

A generosidade desses benfeitores pelas obras do Pe. Gailhac só era ultrapassada pela delicadeza com que a manifestavam.

O Pe. Gailhac precisava de uma capela. A sala de que se servia não era conveniente ao exercício do culto, por vários motivos. O Sr. Cure não o ignorava; conversava a esse respeito com a esposa e, sabendo que o Pe. Gailhac não dispunha de recursos para construções, decidiram-se a edificar-lhe a capela.

Necessitavam, porém, do parecer do amigo, sem que este lhes suspeitasse a intenção: queriam causar-lhe delicada surpresa.

Numa visita, Eugênio Cure, em conversa, mostra, a propósito, ao Pe. Gailhac, plantas de capela e leva-o com jeito a emitir sua preferência. O Pe. Gailhac, que de nada suspeitava, deu o parecer e disse, gracejando: *"Se alguma boa alma fosse assaz generosa para me construir uma, aceitaria com reconhecimento, sem escolha de planta"*. Depois, falaram noutras coisas e o Pe. Gailhac retirou-se.

Pouco tempo depois, o Sr. Cure mandou dizer ao Pe. Gailhac que, tal dia, estivesse em casa, às 08 horas da manhã; desejava falar-lhe

de um negócio importante. Qual não foi a surpresa do virtuoso sacerdote, quando o viu entrar com arquiteto, pedreiro, caiador etc e lhe disse: *"Vamos marcar o lugar para a capela, cuja planta escolhestes; deve ser começada imediatamente, e às minhas custas"*. Terminada, O Sr. Cure entregou ao Pe. Gailhac os recibos passados em seu nome, ao mesmo tempo que as chaves, dizendo: *"É vossa, pois, segundo os recibos, a pagastes. Goze dela muito tempo"*.

Penetrado do mais vivo reconhecimento para com o amigo, quis o Pe. Gailhac que, na morte deste, fosse seu corpo depositado na capela: uma pedra tumular e comemorativa recordará às gerações futuras o nome do piedoso e generoso benfeitor.

Terminada em 1837[14], foi solenemente benzida por D. Thibault, que, vendo o desenvolvimento das obras do Pe. Gailhac, sentiu aumentar a estima que lhe votava e deu-lhe plenos poderes para a realização de todos os seus projetos. Sustentado agora pela autoridade, o Pe. Gailhac procurou dar mais extensão às obras que planejava há tanto tempo, e lhe fora até aí impossível realizar. Pensou primeiro em criar a Comunidade do Sagrado Coração de Maria, mas já não tinha à disposição as primeiras auxiliares, que despedira por ordem da autoridade, quando o obrigara a aceitar, para as obras, religiosas de Ordens já existentes.

Precisava, no entanto, de pessoas dedicadas. Onde ir buscá-las? Pediu-as à Providência, que lhe ouviu as súplicas. Com efeito, a Providência nunca o abandonou. Invocada, enviava-lhe agora algumas pessoas enérgicas, capazes de o compreender, para formar, sob sua conduta e com o seu espírito de sacrifício, a Comunidade com que sonhava e em cujo projeto de fundação vinha sendo contrariado desde 1834.

Entre as pessoas que dirigia, duas jovens pareceram-lhe próprias à obra. Durante certo tempo, submeteu-as a provas, para se

[14] Data errada. "La Rotonde" foi concluída e entregue em 1847.

assegurar da sua piedade e abnegação. Queria pessoas fortes, verdadeiros alicerces, sobre as quais pudesse erguer a comunidade religiosa. A tudo se submeteram. Uma palavra do "seu pai", como lhe chamavam, bastava para fazê-las caminhar.

Sua mortificação, submissão e renúncia à vontade própria eram completas. Outras que se apresentaram não puderam resistir à prova. Vamos fazer conhecer essas duas piedosas donzelas, bem como as outras fundadoras do Instituto do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.

* * * * *

A primeira foi Eulalie Vidal, nascida em 1816 em Mayrueis, vila do Departamento do Lorère, situada entre as dioceses de Mende, Rodes e Albi, conhecidas pelo grande apego à Igreja Católica. A família distinguia-se por viva e ardente piedade. Os pais de Eulália tiveram quatro filhas, às quais deram excelente educação. Aplicaram-se sobretudo a formar-lhes o coração na fé, no temor de Deus e no horror ao pecado. Uma tal educação não podia deixar de produzir bons frutos: todas se consagraram a Deus, exceto a terceira, que casou e foi, no mundo um exemplo. A mais velha, Pauline, entrou nas Irmãs de Caridade em Nevers, onde morreu em idade avançada, cheia de méritos e virtudes. A segunda, Eulalie, de quem escrevemos a biografia, entrou no Instituto do Sagrado Coração de Maria e foi a segunda Superiora Geral. A quarta, entrou nas religiosas de Notre Dame.

Eulália, mesmo antes de ser religiosa, tinha vida pura, piedosa e santa. O que vamos contar a fará conhecer melhor que tudo o que poderíamos dizer. Aos 18 anos, era notável pela formosura, mas, aborrecida de ouvir sempre elogios, pediu a Deus que lhe tirasse a beleza. Estava, então, em Agde, em casa de um dos parentes. Nesse mesmo ano, foi-lhe ouvida a oração: sobreveio-lhe a varíola e

esteve em perigo de morte, curando-se, entretanto, contra toda a esperança. Os médicos disseram que, se deixasse secar as empolas, sem lhes tocar, não deixariam marcas. Era justamente o que Eulalie não queria, visto ter pedido a Deus que a privasse de qualquer modo da beleza exterior. Logo que as sentiu secas, fechou-se no quarto e arrancou-as. Ficou tão desfigurada que as irmãs, quando a viram, não puderam deixar de exprimir seu pesar e a primeira vez que saiu, os que a avistaram exclamavam: *"Como está feia; nem parece a mesma!"* E ela ria com gosto.

Outro fato se deu ainda em Agde, depois que a família para aí se mudou. Com as irmãs, abriu um pensionato. Ora, como Eulalie tomava sempre para si o que havia de mais trabalhoso, estava ocupada nas salas de aula, da manhã à noite; mas, não querendo faltar aos exercícios de piedade, levantava-se muito cedo, para ouvir missa, e era sempre a primeira a chegar à igreja. A maior parte das vezes a porta ainda estava fechada; ajoelhava-se fora, esperando que a viessem abrir. O sacristão, achando-a assim, em repetidas ocasiões, até sob a chuva e a neve, julgou-se obrigado a avisar o pai, que lhe proibiu sair tão cedo, sobretudo no inverno.

Eulalie era, no meio da família, o que devia ser mais tarde como religiosa: modelo de regularidade e de todas as virtudes. Inspirava, além disto, grande piedade às irmãs, fazia-lhes a meditação todos os dias, tomando, na primeira sexta-feira do mês, sempre o mesmo assunto: a glória de Deus e a salvação das almas. Sobre ele tinha sempre o que dizer: é que o amor divino lhe inflamava o coração e, tomada de grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus, procurava propagar-lhe o culto tanto quanto lhe era possível. A devoção que dedicava à Santíssima Virgem não era menor. Com o auxílio de outra jovem piedosa, arranjou um altar e estátua da Virgem Imaculada, ornou-o de flores e velas e, todas as tardes, durante o mês de maio, ia com as irmãs a esse local fazer o mês de Maria. Rezavam, cantavam e tiravam uma prática para

cada dia. Essa devoção era encerrada com todo o brilho e uma consagração à Santíssima Virgem.

Ensinou em várias cidades, desde os 18 anos: em Millan, em Ledève, em Agde e em Béziers. Foi nesta última que conheceu o Pe. Gailhac, pelo qual professava grande estima. Tomou-o por confessor e pôs-se-lhe inteiramente à disposição, para a obra que o caridoso sacerdote tinha em vista fundar.

Quando formou a resolução de ser religiosa no novo Instituto, estava à frente de um pensionato muito florescente, cujas alunas pertenciam às melhores famílias de Béziers. Querendo poupar um abalo à mãe, então muito doente, deixou-a ignorar a sua determinação e, durante os oito meses que durou a doença, dividiu-se entre os cuidados do pensionato e as exigências da nova obra, à qual já pertencia de alma e coração. Logo, porém, que a Sra. Vidal entregou a alma a Deus, Eulalie sentiu que nada mais a prendia ao mundo; depois de alguns dias de legítimas saudades, foi habitar, para sempre, no asilo ao qual a chamava o divino e adorado Mestre.

* * * * *

A segunda jovem que se apresentou ao Pe. Gailhac foi Rosalie Gibbal. Nascera em Gabian, aldeia da diocese de Montpellier, a 4 de setembro de 1825, de pais cristãos e fervorosos que possuíam alguns bens e gozavam da estima de todos. Tiveram três filhos: um menino e duas meninas. O jovem, atraído a Deus pela irmã mais nova, foi padre do Bom Pastor e dedicou-se às obras do Sagrado Coração de Maria. A irmã mais velha permaneceu leiga, casou-se com o Sr. Audhoui, homem probo e virtuoso, e a mais nova, Rosalie, não gozou por muito tempo dos ternos cuidados dos seus progenitores: morreu-lhe o pai no mesmo ano em que ela nasceu, e, quando a piedosa donzela completava 16 anos, Deus chamou a

si a extremosa mãe. Privada dos conselhos maternos, numa idade em que tanta necessidade há de direção, principalmente para a escolha de estado de vida, não a abandonou Deus, no entanto. Prevenida da graça, tinha horror instintivo ao que é mau e era naturalmente levada ao bem e à virtude. Tão boas disposições, animadas pela recordação dos exemplos e lições da piedosa mãe, não fizeram senão aperfeiçoar-se com a idade. Tinha um caráter meigo, espírito reto e coração generoso. Numa idade em que facilmente se busca a vaidade e se procuram os divertimentos mundanos, Rosalie desprezou-os, conhecendo o nada e o vazio que deixam na alma.

Dos 13 para 14 anos, já se sentia chamada à vida religiosa, mas não disse nada a ninguém; bem sabia que os parentes se lhe oporiam. Quando a mãe morreu, o irmão foi nomeado seu tutor. Aos 18 anos, pediu para entrar nas Irmãs de caridade. O irmão respondeu-lhe que era muito cedo, que devia conhecer o mundo e certificar-se de sua vocação, e que só lhe daria licença aos 21 anos. Rosalie, apesar do grande desejo de seguir a Nosso Senhor, resignou-se e esperou.

Entretanto, dedicou-se, junto dos doentes da aldeia, a desempenhar os deveres a que mais tarde se queria consagrar. Nada lhe era penoso: nem a pobreza, nem a falta de higiene, nem as doenças mais repugnantes. Via nos pobres a pessoa de Jesus Cristo e cuidava deles como o faria ao próprio Jesus. Consolava-os, instruía-os e preparava-os para receber os sacramentos. Quando via que era ocasião, mandava chamar o confessor e ela própria limpava a casa, arranjava tudo. Velava os doentes até aos últimos momentos e só os deixava depois do último suspiro.

Não contente com visitar e socorrer os pobres em seus casebres, recebia, na própria morada, àqueles que não tinham abrigo. Na Igreja, viu, um dia, uma pobre mulher que chorava. Perguntou-lhe a causa das lágrimas e, vindo a saber do completo abandono em que se achava, levou-a para casa e ali a manteve muitos dias. O

irmão, ainda que muito caridoso, não aprovou sua atitude e disse-lhe: *"Bem vês que essa mulher não pode ficar sempre aqui. Se eu te deixasse, enchias a casa de pobres e doentes"*.

Uma vida tão edificante fazia-se notar! Sua piedade, doçura e caridade eram a admiração de todos os que a viam, não só em Béziers, mas em Gabian, enquanto lá esteve.

Em Béziers, conheceu o Pe. Gailhac. A grande reputação desse homem de Deus levou-a a procurá-lo. Com efeito, o Pe. Gailhac era tido na cidade, não só como santo, mas como hábil diretor de almas. Depositou nele a sua confiança, e escolheu-o para pai espiritual. O Pe. Gailhac apreciou logo as belas qualidades da jovem Rosalie Gibbal, sobretudo sua piedade sólida, seu espírito reto e a generosa dedicação que mostrava no serviço de Deus e das pessoas. Julgou-a apta à obra que planejava e resolveu atraí-la. Fez-lhe, pois, conhecer o desígnio que tinha de fundar uma comunidade religiosa e propôs-lhe recebê-la entre as que o bom Deus lhe enviasse para a iniciar.

Se Rosalie tivesse atendido somente à sua inclinação, teria recusado, entrando nas Irmãs de São Vicente de Paulo; mas, antes de tudo, queria obedecer à vontade de Deus e, vendo-a na do diretor, abraçou o projeto do Pe. Gailhac. Já era de maior idade; já não precisava do consentimento do irmão. Esperou, pois, na solidão, a hora marcada pela Providência para entrar no convento e se consagrar ao Senhor.

Logo que as jovens Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal se conheceram, uniram-se em estreita amizade, nada fazendo senão de acordo uma com a outra.

* * * * *

Além dessas duas, o Pe. Gailhac preparava outras jovens para Irmãs coadjutoras: Cécile Cambon, Rose Jeantet e Marie Roques. A

última, vindo para Béziers empregar-se, pôs-se sob a direção do Pe. Gailhac, que nela pode discernir uma alma forte, uma alma escolhida e capaz de tomar parte na obra premeditada. Falou-lhe do projeto e perguntou-lhe se não quereria entrar na casa que visava estabelecer. Marie aceitou alegre a proposta, considerando-se, desde então, como consagrada a Deus. Nada mais a fez renunciar à sua resolução. Tendo caído doente, foi para o hospital. O Pe. Gailhac visitava-a muitas vezes e achava-a sempre nas mesmas disposições. Quando se recuperou um pouco, transportou-se às suas montanhas natais para se restabelecer completamente, e ali esperou que o Pe. Gailhac tivesse autorização para começar a comunidade. Mas não haveria a temer que, só, no meio do mundo, mudasse de resolução? *"Não* - dizia o Pe. Gailhac - *conheço-a bem; resistiria até a um regimento"*.

Com efeito, logo que fundou o Instituto e a chamou, Marie voltou, resoluta e fiel. Foi em vista da sua inocência e firmeza que, mais tarde, o santo Fundador lhe deu o nome de Ignés, vendo, na virgem mártir, um modelo do seu espírito de sacrifício e abnegação.

* * * * *

O Pe. Gailhac já dispunha de duas candidatas bem instruídas para o ensino e três Irmãs coadjutoras, mas precisava ainda de mais uma para principiar a obra. Oravam e esperavam que a Providência se manifestasse, enviando, no dia marcado pela sua presciência, aquela que escolhera para iniciar a comunidade do Sagrado Coração de Maria.

Nessa época - era o ano de 1848, depois da Revolução de fevereiro -, nem o Pe. Gailhac nem nenhum dos que se interessavam pela obra teriam jamais pensado que a pessoa que faltava seria a Sra. Pélissier Cure, em quem Deus lhe ia dar, não só uma fundadora, mas uma verdadeira mãe, destinando-a, como veremos, para primeira Superiora das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Nas conversas íntimas, o senhor e a senhora Cure, visto Nosso Senhor não lhes ter dado filhos, haviam resolvido que, aquele que sobrevivesse, os adotaria consagrando-se ao bem dos infelizes, numa comunidade religiosa.

Ó Providência de Deus, como os vossos desígnios são impenetráveis! Como, apesar de todos os obstáculos, conduzis a bom fim as empresas que vos glorificam!

Passaram-se os meses e chegara novembro de 1848. No dia 3, o Pe. Gailhac havia já estado com o Sr. Cure, mas, no meio da noite, foi por um dos seus empregados chamado novamente, a toda a pressa. Correu, pronto, ao apelo; porém, ao chegar, exalava o amigo o último suspiro. Teve apenas tempo de dar a absolvição ao caro companheiro de infância, ao confidente e generoso benfeitor. Entregando a bela alma a Deus, o Sr. Cure recebia a recompensa de uma vida verdadeiramente cristã, cheia de boas obras. A crise revolucionária contribuiu muito para a apoplexia que o arrebatou e essa morte imprevista muito afligiu o Pe. Gailhac. Com Eugênio Cure, perdia um sustentáculo, um benfeitor e um amigo. Longe estava de suspeitar que Deus, arrebatando-lho, lhe dava, na pessoa da esposa, não somente aquela que lhe faltava para começar a obra projetada, mas ainda uma mãe para suas filhas, uma zelosa e inteligente cooperadora e uma fundadora que, pela fé, retidão e dedicação, pela posição e idade, saberia fazer-se amar e respeitar.

Passados os primeiros dias de luto, a Sra. Cure mandou chamar o Pe. Gailhac e disse-lhe: *"Há talvez quinze anos que falais do projeto de criar uma comunidade religiosa, sob a invocação do Sagrado Coração de Maria. Ultimamente dissestes ao meu saudoso esposo que vos faltava uma pessoa, para começar. Eis-me à vossa disposição; se me julgais digna. Tomarei o último lugar. Falai às que vos são dedicadas. Coloco minha pessoa e fortuna à disposição de tão santa iniciativa. Não vos admireis; esta determinação não é de hoje. Com meu saudoso esposo tínhamos combinado que o que*

sobrevivesse entraria numa ordem religiosa e nossos bens seriam consagrados ao socorro dos pobres".

O Pe. Gailhac julgou essa decisão muito precipitada. Disse-lhe que as vocações não se decidiam assim, sobretudo em momento de tão grande aflição. Era preciso tempo, reflexão e, principalmente, muita oração. Se persistisse, cumpria consultar o senhor Bispo. Ele próprio tinha necessidade de refletir e ouvir seu diretor espiritual.

Passaram-se alguns meses. A senhora Cure não desistia. O Pe. Gailhac mantinha-se calado. Foi preciso comunicar essa determinação ao Bispo que, depois de ter pesado tudo, resolveu que se deveria ceder aos desejos da fervorosa aspirante, tendo achado nela todos os sinais de verdadeira vocação. Puseram-se, então, em comunicação as jovens Eulalie Vidal e Rosalie Gibbal com ela, fundadora e mãe, porquanto iam as três submeter-se a uma regra comum e consagrar-se ao serviço dos pobres. Estando prontas as três senhoras, bem como as três coadjutoras, o Bispo, sem o parecer do qual nada se fazia, fixou o dia 24 de fevereiro de 1849, aniversário da Revolução de 1848, para a posse, afinal, das obras do Pe. Gailhac, pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, que Sua Excelência aprovou e abençoou.

No dia 24 de fevereiro, sábado, às seis horas da tarde, um carro parava à porta do Bom Pastor. Três senhoras de preto desceram e foram ajoelhar-se aos pés do Pe. Gailhac, pedindo-lhe que as abençoasse e aceitasse por filhas.

O segredo fora bem guardado, de sorte que a cidade de Béziers se encheu de admiração ao saber que a Sra. Cure havia deixado o mundo com todos os seus hábitos e bem estar, consagrando-se e à sua fortuna às obras de caridade, com outras pessoas, sob a direção do Pe. Gailhac.

A senhora Cure contava 40 anos; era de estatura regular e ocultava uma alma grande e nobre.

A elevação de espírito e o juízo reto e perspicaz reduziram-lhe as dificuldades que sempre se apresentam na direção de uma grande casa, onde é preciso conciliar a etiqueta e as exigências da sociedade com as práticas piedosas de uma regra de conduta. Várias vezes o Pe. Gailhac teve ocasião de se assegurar da prudência daquela que o bom Deus lhe havia enviado para mãe da nova família consagrada à Rainha das Virgens, sob o título do Sagrado Coração de Maria.

Contudo, o acolhimento que receberam as três fundadoras não foi nada agradável. Deus queria lançar alicerces bem sólidos e permitiu que as humilhações, os sarcasmos, os desprezos as consolidassem no grande edifício de que deveriam ser a pedra angular.

Qual a causa de tal recepção? As religiosas que tinham sido até então as colaboradoras do Pe. Gailhac, vindo a saber da grande obra que Deus pedia a seu servo e compreendendo que ia chegar o tempo de serem substituídas pelo novo Instituto, deixaram relaxar a disciplina a tal ponto que as novas fundadoras tiveram muito que sofrer.

Os princípios foram penosos, mas, pouco a pouco, a ordem se restabeleceu. A Providência enviou novas vocacionadas que auxiliaram consideravelmente as três fundadoras e lhes diminuíram as fadigas. O trabalho tornou-se menos penoso e foi compensado pelo bem que se fazia e as almas que se ganhavam para Deus.

A primeira que entrou depois das três fundadoras, a jovem Marie Maymard, nasceu em Millan, diocese de Rodes, a 12 de outubro de 1837, de pais de sentimentos profundamente religiosos. O avô materno, Etienne Trauque, foi um dos católicos ardentes que, em 1791, pediram a supressão do decreto da Assembleia Nacional que prescrevia a todos os sacerdotes o juramento civil do clero. E, quando perseguiram os padres e os religiosos e se fecharam as

igrejas, os avós da pequena Marie não temeram expor a vida, emprestando um aposento a um religioso jesuíta, para ali celebrar o santo sacrifício da Missa… A família Maymard conservou preciosamente o relicário que serviu de pedra sacra para celebrar, nesses dias, os santos mistérios.

Quando Marie Maymard fez-se religiosa, um dos tios era superior das Missões de Vabres (Aveyron); outro, diretor da Escola Normal de Rodes e, enfim, uma das tias, religiosa do Santíssimo Sacramento, superiora do convento de Céret e, mais tarde, Superiora Geral dessa congregação em Perpignan.

Marie Maymard era a segunda de oito filhos; alguns morreram ainda crianças. Um dos irmãos foi sacerdote e se dedicou, depois, às obras do Sagrado Coração de Maria.

Muito fraca quando pequena, os pais não pensavam que pudesse resistir; só andou aos cinco anos. Em troca, deu-lhe Deus inteligência precoce e grande sensibilidade de coração. Tinha devoção particular à Paixão de Nosso Senhor e gostava de a contar aos irmãozinhos. Para cultivar-lhe as belas qualidades, os pais confiaram-na às Irmãs da Apresentação, cujo convento lhe ficava perto de casa. Aos nove anos, julgaram-na bastante instruída e piedosa para fazer a Primeira Comunhão. Fê-la, com intenso fervor e, desde esse dia, foi-lhe sempre aumentando a devoção. Não tardou cogitar a ideia de se consagrar a Deus numa ordem religiosa, arrastada pelo exemplo da tia, que prometeu aceitá-la, quando tivesse mais idade e fosse mais instruída. Entretanto, os pais puseram-na no convento de Macon, das religiosas do Santíssimo Sacramento, então mais próspero e que passava por dar educação completa às jovens das melhores famílias de Millan e dos arredores. Marie Maymard fez-se notar pela grande piedade e aplicação aos estudos.

Acabava de terminar a educação quando as irmãs Vidal vieram a Millan, onde outrora tinham passado algum tempo, para procurar,

entre as pessoas de seu conhecimento, jovens que quisessem entrar na congregação do Pe. Gailhac. Disseram-lhes que Marie Maymard desejava ingressar num convento, pois tudo o fazia supor.

Foram à sua casa e pediram para falar com ela. Fizeram-lhe conhecer o objetivo da viagem empreendida e da obra a que se destinavam. Perguntaram-lhe se não desejaria tomar parte nela e acompanhá-las a Béziers. Marie Maymard, que há muito tempo suspirava por fazer-se religiosa, viu, nas interlocutoras que a entretinham, enviadas de Deus. Respondeu-lhes logo que estava pronta a segui-las, se os pais o consentissem. Estes, como perfeitamente conheciam as disposições da filha, não duvidaram da sinceridade de sua vocação religiosa e, não querendo opor-se à vontade de Deus, permitiram-lhe que partisse.

Não se pode deixar de ver aqui a ação da Providência, que destinava Marie Maymard ao Instituto do SCM, pois muitos motivos tinham os pais para não lhe autorizarem a partida. Em primeiro lugar, era muito nova, tinha apenas 16 anos; e não deveriam consultar, também, os parentes religiosos? Entretanto, ninguém pensou nisso. Deus assim o permitiu porque, se o houvessem feito, a oposição seria certa à entrada de Maria no novo Instituto de Béziers.

O tio, superior dos Missionários de Vabres, depois de um retiro pregado em Cruejouls (Aveyron), reunira algumas jovens, à frente das quais se achava a senhorita Chauchard, fundando um convento, também sob a invocação do Sagrado Coração de Maria. Interrogado, opinaria pela entrada da sobrinha na sua Congregação. Outro tio, capelão do convento da União e, ao mesmo tempo, diretor da Escola Normal, ouvido, daria o mesmo parecer. Além disso, a tia, Irmã Gonzaga, só esperava mais tranquilidade para levar a sobrinha. Ficou desolada quando soube de sua entrada no convento de Béziers.

Por que não teria a família Maymard aguardado melhor ocasião para lha entregar? Deus não lhes deu tempo. Era evidente que a queria no novo Instituto que fundara o Pe. Gailhac.

Foi a 15 de setembro de 1849 que a jovem Maymard entrou no Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Nesse mesmo dia, admitiram também Joanne Froment, de Anglards (Cantal). Nada sabemos da infância e juventude desta última, a não ser que pertencia a uma família sinceramente cristã e se fazia notar pela viva fé e humildade profunda. Morreu pouco depois de fazer profissão.

* * * * *

Vimos a oposição suscitada às obras do Pe. Gailhac. Dom Thibault, para pôr fim a tantas intrigas e inveja, resolveu aprovar de vez as duas fundações: do Sagrado Coração de Maria e a dos Padres do Bom Pastor, criada na mesma época e de que falaremos mais tarde, e instituir canonicamente o que permitira verbalmente. Disse ao Pe. Gailhac que redigisse as regras das Religiosas do SCM e lhas enviasse, para as examinar, antes da tomada de hábito. Fixou essa cerimônia para a véspera do segundo domingo depois da Páscoa, festa do Bom Pastor de 1850. O Pe. Gailhac apressou-se a cumprir as ordens do venerando Bispo, redigindo as Constituições para o novel Instituto, e S. Excia. as aprovou, a 8 de abril de 1850, pondo as religiosas do SCM sob a direção espiritual e temporal da comunidade do Bom Pastor.

A 13 de abril de 1850, realizou-se a cerimônia da tomada de hábito das cinco religiosas do coro e das três coadjutoras. Receberam um nome novo, para ter mais um modelo e protetor no céu: Appollonie Cure recebeu o nome de Madre Saint Jean; Eulalie Vidal, de Madre Sainte Croix; Rosalie Gibbal, de Madre Saint Stanislas; Marie Maymard, de Madre Saint Félix; Jeanne Froment, de Madre Saint Cyprian. As Irmãs Coadjutoras se chamaram:

Cècile Cambon, Ir. Saint Aphrodise; Rose Jeantet, Ir. Saint Modeste; e Marie Roques, Ir. Sainte Agnès. Todas se mostraram, pela prática das virtudes religiosas, dignas fundadoras do novo Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Pela instituição canônica das obras do Pe. Gailhac e cerimônia pública da tomada de hábito, Dom Thibault julgara pôr termo às calúnias e injúrias que vomitavam contra o santo Fundador. Enganou-se. Os inimigos ainda mais se irritaram e se encarniçaram contra ele; as perseguições continuaram; as calúnias e injúrias aumentaram. Não cessavam de apresentar ao Bispo denúncias ultrajantes. Dom Thibault, que, em várias visitas, havia observado quão edificante era a vida das religiosas do SCM, cansado com tantos ataques, quis pôr-lhes termo. Escreveu ao Fundador que preparasse as religiosas para pronunciar os votos e prometeu presidir, em pessoa, a cerimônia, depois de interrogar cada noviça em particular.

Dirigiu-se, pois, Dom Thibault, a 2 de maio de 1851, a Béziers, e esteve com todas as pretendentes à profissão religiosa, como havia resolvido. Uma delas, Madre Saint Félix, só tinha 16 anos, mas, levada pelo grande desejo de consagrar-se definitivamente a Deus e animada pelas companheiras, ousou apresentar-se ao Bispo e pedir-lhe que se dignasse admiti-la à Profissão. S. Excia. atendeu-a, em vista das informações fornecidas pelos superiores, da vocação e das virtudes da jovem noviça.

No dia 4 de maio de 1851, as oito candidatas, com a Sra. Cure à frente, foram julgadas dignas de professar os votos religiosos, entre as mãos venerandas do seu Prelado. Realizou-se a cerimônia na Capela do Sagrado Coração de Maria, na presença dos vigários da cidade, de todo o clero que fora convidado e da elite social, atraída pela curiosidade de ouvir a Fundadora pronunciar os votos. O Bispo aproveitou a ocasião para elogiar os dois fundadores: o Pe. Gailhac e a Sra. Cure. Depois, falou fortemente contra os maus detratores das boas obras. Ao terminar, dirigiu-se

ao Pe. Gailhac com estas palavras: *"Pe. Gailhac, persegui-vos injustamente e por muito tempo, porque, como Bispo, tenho a obrigação de me assegurar se as obras, para as quais me pedem autorização, são de Deus. Só estas resistem às perseguições. Devia, pois, pôr-vos à prova; fi-lo, julgando ser meu dever. Reconheço meu erro, sem diminuir minha autoridade, mas, pelo contrário, aumentando-a. Podemos errar ou ser surpreendidos; entretanto, logo que o reconhecemos, devemos reparar o mal que se pode ter feito, involuntariamente"*. Depois, dirigindo-se à Sra. Cure, disse-lhe: *"Senhora, destes um grande exemplo de abnegação e dedicação, consagrando-vos e à vossa fortuna ao alívio dos pobres; Deus vos recompensará, posso vos assegurar!"*

Animado com tão súbita proteção, o Pe. Gailhac dedicou-se à sua obra ainda com mais zelo. Deu às religiosas Constituições e Regras, aplicou-se a inspirar-lhes estima por elas, inculcando-lhes o seu espírito. Nada desprezou para formar as filhas à vida religiosa. Fez-lhes a meditação da manhã, durante muitos anos; dava-lhes frequentes instruções e retiros, de tempos a tempos. Entregue inteiramente a tão santa missão, renunciou a outro qualquer emprego.

As Religiosas, de seu lado, dóceis às instruções do Fundador, procuravam observar as Regras com generosidade e gozavam da felicidade que experimentam as almas que se dedicam inteiramente ao serviço de Deus. Eram, além disso, excitadas à prática das virtudes pelas exortações e exemplos da Superiora. Quão edificante ver essa nobre dama, acostumada a todas as comodidades da vida, dobrar-se a uma regra severa, praticar a pobreza, a humildade e a mortificação, como a mais pequenina das filhas! Conquanto aparentando, no porte grave e digno, certa altivez ou indiferença, logo que dela se aproximava alguém, convencia-se de que a reverenda Madre Saint Jean tinha para as filhas o coração e a dedicação da mais terna das mães; por isso todas lhe dedicavam viva e sincera afeição.

Tal era aquela que o Pe. Gailhac associara às suas obras já numerosas. Madre Saint Jean, desde que foi nomeada Superiora Geral, desempenhou o cargo com distinção e fez progredir o Instituto, não só quanto ao temporal, mas ainda mais espiritualmente, como depois se pode verificar.

CAPÍTULO QUARTO
Orfanatos

Imprevista a origem destas obras. Um dia, apresenta-se uma mulher, com uma criança de três anos ao colo: *"Sou uma desgraçada, mas não posso resignar-me a ver um dia a minha filha seguir meus tristes exemplos. Quero preservá-la desta desgraça. Aí a tendes; fazei dela boa cristã"*. E, sem esperar resposta, põe a criança no chão e parte. Perguntam ao Pe. Gailhac o que se há de fazer e ouvem em resposta: *"Guardai-a"*. Guardaram-na, pois, e mostrou tanta docilidade e disposições para a piedade que, aos nove anos, fez a primeira comunhão, privilégio muito raro nessa época. Morreu pouco depois, com sentimentos admiráveis de piedade.

Divulgado este fato, diversas pessoas apresentaram ao Pe. Gailhac várias crianças de ambos os sexos. Não as repeliu o santo amigo dos pobres e criou dois orfanatos: o das meninas foi estabelecido numa parte do vasto terreno que a Sra. Cure adquirira em Béziers para o Instituto e ela própria se lhe pôs à frente com dedicação, ensinando-se nele toda a sorte de trabalhos manuais, ao mesmo tempo que se administrava às órfãs, sobretudo, sólida instrução religiosa e eram exercitadas na prática das virtudes cristãs.

Em Bayssan-le-Haut, a seis kilômetros de Béziers, foi instalado o orfanato dos rapazes, sob a forma de Colônia Agrícola. O Pe. Gailhac confiou-o a um grupo de sacerdotes que se lhe tinham unido, sob o nome de Padres do Bom Pastor, dos quais falaremos em breve. Alguns colaboradores leigos se lhes juntaram também. Durante 30 anos, os rapazes foram preparados para uma vida laboriosa e cristã. Mas os diretores da escola, não tendo sido dispensados do serviço militar, ficou esta desorganizada. Por outro lado, não podendo subsistir os Padres do Bom Pastor, como depois diremos, e tendo o Fundador já bastante idade, estando além disto absorvido no desenvolvimento da Congregação do

Sagrado Coração de Maria, fechada a escola, no fim de três decênios de existência.

Mas não se contentou o zelo do Pe. Gailhac com o Refúgio e os orfanatos. Descobriu outras necessidades: de um lado, crianças que não se podiam contar como órfãs e, de outro, jovens que não se deveriam admitir no Refúgio, apesar de certa irregularidade de conduta. Para essa categoria, o Fundador estabeleceu uma casa: a Perseverança[15], e o orfanato foi dividido em Orfanato propriamente dito e Providência.

Essas diversas tentativas foram coroadas de êxito: tanto do Orfanato como da Providência saíram pessoas bem formadas na vida cristã, chegando algumas a virtudes heroicas. Houve até as que entraram em diversas congregações religiosas. O Pe. Gailhac achava-se por isso bem pago dos trabalhos, aflições e provas por que passara para iniciar e continuar as suas obras.

Por vezes, no princípio, via-se apoquentado, não sabendo como pagar os credores. Vinha-lhe, então, a Providência, sempre, em auxílio. Eis os fatos que não podemos deixar de considerar milagrosos: estavam a aumentar o orfanato; Deus ia proporcionando ao ousado Fundador, dia a dia, os recursos de que precisava para satisfazer aos operários. Um generoso amigo prometera-lhe auxílio, quando o visse sem recursos. Ora, sobreveio a ocasião de pagar avultada soma, o Pe. Gailhac achava-se sem dinheiro e o amigo também, naquela ocasião, não o pode ajudar. O servo de Deus não compreende bem por que lhe envia o Senhor tamanha prova, mas não perde a confiança. Duas horas antes do prazo marcado para o pagamento, encontra-o uma senhora e diz-lhe: *"Há muito tempo que tinha vontade de dar-vos alguma coisa para as vossas obras, mas não podia. Hoje, entregam-me uma soma que me deviam e com a qual já não contava; venho*

---

[15] Maymard utiliza a palavra "Perseverança". Seria mais apropriado "Preservação".

oferecer-vo-la". Dizendo listo, põe-lhe nas mãos um rolo de moedas de ouro. Conta-as; correspondem exatamente ao que lhe cumpria pagar.

Outra vez, em que se achava em iguais apuros, alguém vem trazer-lhe uma quantia que lhe devia há muito. Noutra ocasião, está a expirar o prazo que lhe concederam; acha-se desprevenido, e não sabe onde arranjar dinheiro. Chega inesperadamente uma pessoa e diz-lhe: *"Há muito, minha irmã, no leito de morte, me deu uma soma para os vossos pobres. Guardei-a, decidida a não me desfazer dela, mas há seis meses que minha irmã me atormenta; parece-me vê-la todas as noites, não posso mais resistir. Aqui está o dinheiro. Não sei quanto é, pois deixei-o na mesma bolsa em que m'o entregou e não abri nunca"*. O Pe. Gailhac, recebendo-o com muitas ações de graças, reconhece mais uma vez a Providência e paga o que deve dentro do prazo convencionado.

QUINTO CAPÍTULO

Irmãs Oblatas e Padres do Bom Pastor

Criador de obras! Convém o epíteto maravilhosamente ao santo Fundador. Guiado pelo espírito de Deus, vai inventando novas instituições que, articulando-se com as já existentes, ampliam, dão maior solidez e perpetuam o bem que as primeiras começaram a operar nas pessoas.

Foi assim que, entre as arrependidas do Refúgio, descobrindo o servo de Deus almas privilegiadas que não queriam retornar à sociedade, teve o pensamento de as reunir em uma Ordem Terceira a que D. Thibault deu a aprovação e um regulamento; foi-lhes conferida a designação de Irmãs da Virgem, mudando-se depois para a de Irmãs Oblatas. Em breve, juntaram-se-lhes algumas jovens de mais idade da Preservação e outras da região, formando-se uma nova comunidade muito edificante. Depois de terem tomado um hábito religioso, fizeram o noviciado de 14 meses e foram admitidas à profissão. Não se arrependeram. Notava-se nelas humildade, obediência e mortificação pouco comuns e até atos de virtude que se podiam dizer heroicas. Três, em ocasiões diversas, foram curadas de modo extraordinário, para não dizer milagroso: uma por São José e duas por Nossa Senhora de Lourdes.

Dez anos depois da morte do Fundador, a conselho do Cardeal de Cabrières, Bispo de Montpellier, as Oblatas que ainda existiam foram incorporadas à Congregação do Sagrado Coração de Maria, como Irmãs Coadjutoras.

* * * * *

Depois de ter criado tantas obras, o Pe. Gailhac devia naturalmente procurar colaboradores e futuros continuadores que lhas

perpetuassem; eis por que julgou dever fundar uma sociedade de Padres que o auxiliariam na direção, conservando-lhes ao mesmo tempo a necessária unidade.

Obtendo autorização do Bispo de Montpellier, redigiu um regulamento para esses auxiliares, que a autoridade diocesana aprovou, antes mesmo que contasse um só aderente, e ao qual Pio IX deu a aprovação suprema, em 1873. Era uma verdadeira Congregação de homens, com votos de religião, sob o nome de Padres do Bom Pastor. Os membros deviam, antes de tudo, ocupar-se das obras já existentes; se, mais tarde, o número o permitisse, consagrar-se-iam a dar missões nos arredores e a auxiliar os Vigários sobrecarregados de trabalho ou forçados a ausentar-se.

As virtudes que se lhes recomendavam eram principalmente a humildade, a simplicidade e a doçura.

O primeiro padre do Bom Pastor foi o Pe. Jean Gibbal, antigo tabelião de Béziers e irmão de uma das três primeiras religiosas do SCM. Deu sempre provas de grande talento natural, de habilidade e experiência reconhecidas e virtude pouco comum.

O segundo foi o Pe. Birouste, antigo capelão de um pensionato dirigido pelos Irmãos da Doutrina Cristã. Era pregador e missionário infatigável. Acompanhou o bispo Dom Le Courtier, sucessor de Dom Thibault, a Roma, foi abençoado afetuosamente por Pio IX e recebeu o título de Vigário Geral da diocese.

Outros padres seguiram o exemplo dos dois primeiros.

O Pe. Gailhac arranjou, para a Congregação já florescente, casa e capela, logo muito frequentadas. Pode também confiar aos padres Gibbal e Birouste o estabelecimento da nova paróquia de São Judas, no subúrbio da Ponte, onde se construía uma igreja, no mesmo lugar em que Pio VII havia parado, ao passar por Béziers.

A comunidade era muito fervorosa para não ser provada. O Pe. Gailhac previa-o. Um dia, disse-lhe Dom Thibault:

- *Enfim, eis-vos no terreno de vossas provas.*
- *Não creio, Excelência,* respondeu.
- *E por quê?* replicou o Prelado.
- *Porque Nosso Senhor sempre me provou, bem como a todas as pessoas que se ligam a mim.*
- *Isso são apreensões demasiadas,* torna o Bispo. *Lembrai-vos de que aqui estou e vossos inimigos não ousarão mais tocar-vos.*

Pouco tempo depois, o Servo de Deus sentiu estranha preocupação e tristeza profunda. Disse ao Pe. Gibbal que orasse, pois tinha a certeza de prova próxima; havia oito dias estava inundado de consolações, sobretudo na ação de graças, depois da santa missa, e sabia, por experiência: essa consolação espiritual era o prenúncio de grande tribulação.

E a prova veio. Uma semana depois, uma religiosa, em quem fundava grandes esperanças, caiu doente e morreu daí a dois dias. Morreu em seguida uma Irmã Oblata e, como não sabiam onde morava a mãe para a avisar, só lhe chegou a notícia do falecimento da filha dois meses após.

Esses fatos levantaram forte tempestade. O Pe. Gailhac foi acusado perante os tribunais de ser causa das duas mortes e de outros delitos ainda. Humilhado com suposições tão ultrajantes à sua dignidade e temendo pelo futuro dos seus estabelecimentos, escreveu várias vezes ao Bispo. Este não lhe respondeu, o que o fez cair em tristeza profunda, de que nada o podia distrair.

Pouco a pouco, a tempestade, porém, foi-se acalmando e ele, reanimando-se, com os cuidados da piedosa e enérgica mãe. O Bispo de Montpellier, por sua vez, recebeu informações confidenciais e avisos sinceros, para que não ferisse o Pe. Gailhac com uma pena eclesiástica que a princípio julgava na necessidade

de impor-lhe. O Procurador Geral fez no tribunal um magnífico elogio ao acusado e o juiz, uma retratação. Um dos caluniadores do Servo de Deus também se retratou, à hora da morte, perante testemunhas, e a verdade triunfou, enfim. O Pe. Gailhac recuperou a estima a que tinha direito, mas o cálice da amargura ainda não estava esgotado. Apenas restabelecido, em três meses, perdeu primeiro a mãe, em seguida o pai e pouco depois irmãos, irmãs, amigos e filhos espirituais que lhe eram muito caros.

Um último golpe lhe estava reservado, mais doloroso, porque de ordem espiritual. Só um grande espírito de fé e completo abandono à Providência puderam fazer-lho suportar: a desorganização e, finalmente, a dissolução dos Padres do Bom Pastor.

Qual a causa do triste acontecimento? Não foi conhecida, senão muito imperfeitamente, porque o Fundador guardou, a esse respeito, o mais caritativo silêncio. Adivinha-se, entretanto, por carta que escrevera ao bispo Dom Le Courtier e, por não a ter enviado, foi encontrada entre os papéis, depois da morte.

Ei-la: entre os seus Padres, houve-os que, com prevenções, má interpretação de seus atos e até perseguições contra o dedicado Diretor, criaram à obra situação insustentável.

Não era possível continuar; impunha-se a dissolução. Fundar outro Instituto para se encarregar dos seus trabalhos? Impossível! Exigia-lhe tal empreendimento tempo e forças e já se sentia esgotado. Pensou em confiá-los a uma Ordem Religiosa já existente e foi para a Companhia de Jesus que lançou os olhos. A 25 de março de 1887, escreveu ao Provincial de Toulouse uma carta tocante, à qual a Superiora Geral do SCM juntou suas instâncias. A 8 de abril do mesmo ano, a proposta foi aceita e hoje os padres da Companhia de Jesus habitam a casa onde, por muitos anos, viveu o Pe. Gailhac, com os Padres do Bom Pastor.

CAPÍTULO SEXTO

Constituições, Regras e Governo da Congregação do SCM

Foi a 24 de fevereiro de 1849 que o reverendo Pe. Gailhac deu às Religiosas do Sagrado Coração de Maria as Regras e Constituições. Para as redigir, inspirou-as nas de Santo Agostinho, que já seguiam as dirigentes do hospital onde fora Capelão.

Nisso deu prova de sabedoria. Os mais ilustres fundadores de ordens também assim fizeram, haurindo inspiração nas Regras de Santo Agostinho, São Basílio e São Bento. Tomando-as por modelo, não podiam dar às Ordens que erigiam fundamentos mais sólidos nem mais garantidos. Por isso o Pe. Gailhac quis que as suas filhas, como as Agostinianas, usassem véu e observassem , senão a clausura completa, ao menos meia clausura. Admitiu também, a seu exemplo, Damas de Coro e Irmãs Coadjutoras. Toda a diferença entre umas e outras consiste na cor e forma do hábito e nos trabalhos, diferença apagada pelas virtudes de umas e outras, considerando-se e amando-se como irmãs.

O Instituto das Irmãs do Sagrado Coração de Maria tem por fim a glorificação de Deus, pela santificação dos seus membros e educação cristã das jovens, em pensionatos, externatos, orfanatos e escolas gratuitas.

- *"Não percais de vista o fim do Instituto",* escrevia o Pe. Gailhac a uma Superiora da Inglaterra. "*Glorificai a Deus, fazei-o glorificar pelas vossas filhas e por todas as pessoas que Deus vos confiou. Também podeis fazê-lo glorificar por todas as pessoas com quem tendes a tratar. É preciso que a vossa vida e a das vossas filhas sejam tais que possamos espalhar por toda a parte o perfume das virtudes e o bom odor de Jesus Cristo. Que vosso exemplo faça despertar as pessoas que dormem no erro, as leve a admirar as maravilhas que a fé católica opera nas almas e as conduza ao verdadeiro caminho. O*

bom exemplo é uma pregação mais poderosa que a palavra. Um santo disse: 'As palavras voam; os exemplos arrastam'."

"Cada Instituto tem espírito próprio", dizia o Pe. Gailhac, *"mas na Igreja, todos os espíritos devem conformar-se com o de Jesus Cristo: o cristão, identificando-se com as máximas do Evangelho e os exemplos do Divino Salvador; os religiosos, penetrando-se do espírito das suas Regras, que não são senão a aplicação do Evangelho conforme a perfeição que Deus exige das pessoas que chama ao santo estado religioso".*

"Cada Instituto tem espírito próprio, como cada flor, cor e perfume particular. No firmamento, cada astro tem brilho especial que o distingue dos outros. Por melhor que nos pareça o espírito que anima tal ou qual religiosa, não é bom senão pela conformidade com o da Comunidade a que pertence. O que é mais importante num Instituto - acrescentava o Pe. Gailhac - *é que todos os membros que o compõem lhe assimilem o espírito. É dele que lhe vem a vida, a força, o brilho. É por ele que as comunidades nascem, crescem e se perpetuam. A religiosa que não o possuísse, não lhe pertenceria. Ora, o espírito do Instituto das Irmãs do Sagrado Coração de Maria é, em primeiro lugar, um espírito de fé que se deve manifestar, em toda a conduta, por uma grande simplicidade, uma profunda humildade, um inteiro afastamento do mundo. Esse espírito de fé deve-se haurir nas lições do Evangelho, nos exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos".*

"Os meios a empregar, para se entrar e viver nesse espírito, são a vigilância, a aplicação à vida interior, o hábito da presença de Deus e da pureza de intenção, evitando todo o motivo humano ou natural, no cumprimento dos deveres e em qualquer outra circunstância. Tudo para a glória de Deus e em honra do Sagrado Coração de Maria!"

"Em segundo lugar, o espírito do Instituto consiste num zelo ardente pela glória de Deus e salvação das almas. Para este fim - dizem as

Constituições - *as Irmãs esforçar-se-ão, pela oração, virtude e uma aplicação contínua, a tornarem-se aptas aos trabalhos da Comunidade e a todas as obras que empreender para a glória de Deus e bem das pessoas"*.

O zeloso Fundador nada desprezou para incutir esse zelo nas suas religiosas. Repetia-lhes que teriam de dar contas a Deus dos talentos que lhes confiara; as que fizessem mau uso deles, como as que os ocultassem, seriam igualmente culpadas perante Deus; que deviam ter sempre presentes os motivos que as atraíram à Comunidade e a graça que Deus lhes deu, chamando-as, recordando-se das promessas que haviam feito de ser sempre fiéis, durante toda a vida. Enfim, excitava-lhes o ardor e o zelo, em vista do bem que podem fazer neste mundo e da felicidade que as espera no tempo e na eternidade.

Mas, como poderão as religiosas trabalhar na salvação das pessoas? O santo Fundador o dia, em carta que escreveu a uma Superiora, em janeiro de 1877: *"Minha querida filha, Nosso Senhor Jesus Cristo, enviando os Apóstolos à conquista do mundo, repetia-lhes: 'Ide, ensinai todas as nações a observar tudo o que vos ensinei'. Por vocação, embora não sejais Apóstolos, participais da vida apostólica; sois como suas auxiliares e catequistas; participais de certo modo do apostolado, portanto deveis participar da vida, dos trabalhos, da santidade dos apóstolos. Tende em vista este fim; que ele seja o pensamento que vos predomine no espírito e vos regule a vida. Oh, como vossa vocação é bela! Como deve ser edificante e santa vossa vida! Nosso Senhor dizia ainda aos Apóstolos, antes de os enviar: 'Sois a luz do mundo; sois o sal da terra!' A luz mostra o caminho reto, impede de tomá-lo errado e conduz à estrada segura aqueles que se extraviaram. A luz é a doutrina de Jesus e, sobretudo, o bom exemplo, até certo ponto mais poderoso que os ensinamentos. Muitos resistem à doutrina e são arrastados pelos exemplos. Com efeito, as palavras voam e os exemplos triunfam, mesmo dos*

corações mais obstinados. A edificação tem um poder divino". Conclui: *"Como deveis ser edificantes, como deveis ser santas!"*

"Ser o sal da terra… Ai! Tudo está corrompido no mundo. Semeai, pois, a palavra de Deus que vivifica, que detém a corrupção, que a impede de se alastrar mais. A vossa vida deve ser um protesto contra o mal, um dique poderoso, para deter a onda devastadora que quer estragar os espíritos e os corações. Guardai, salvai as pessoas, mas sobretudo as crianças, mais fáceis de ganhar e cuja inocência preservada se pode tornar um princípio de conservação para as famílias e as esperanças do futuro".

"Para isso, minha querida filha, quanto zelo, quanta dedicação não deveis ter! Deu-vos Deus essas santas disposições; pedi-lhe que as comunique às vossas companheiras, para que, como um exército, na vossa nova missão, combatais quais soldados de Deus e todas, ardendo em zelo pela salvação das pessoas, consigais derrubar o reino de Satanás em muitos corações e implantar o Reino de Jesus Cristo".

A fim de excitar o zelo das religiosas de uma outra casa e prevenilas contra a negligência e a tibieza, escrevia-lhes: *"Minhas queridas filhas, novo ano escolar começa e, com ele, para vós, a obrigação de serdes modelos cada vez mais perfeitos".*

"Nãos pode alguém ficar estacionário; a lei absoluta de todos os que vivemos na terra é de subir ou descer. Nesta vida não há estações; a estação é a eternidade. Oh, minhas filhas, subi, subi sempre; o tempo foi-vos dado para isso. Sabemos quando começamos, mas não sabemos se pararemos de descer e, como a descida é fácil e rápida, sem um socorro divino que não merecemos e Deus não dá sempre às almas tíbias, vamos descendo, se não temos cuidado, até ao abismo".

"Sede fiéis às graças que Deus vos concede, com tanta abundância, para subirdes sem cessar. Que entre vós não haja nem negligência, nem frouxidão. Pelo contrário: que todas se fortifiquem cada dia e a

cada instante, no coração de Jesus. Nesse divino Coração, nunca houve um só momento de desânimo".

"Amai e praticai o silêncio, o recolhimento! Que a vossa vida seja uma oração contínua, para que vossas almas possam haurir, no Sagrado Coração de Jesus, a graça que as faça santas! Conservai o espírito e o coração livres de todo o afeto, de todo desejo que os impeça de se elevar a Deus. Que vossa ocupação seja despojar-vos de vós mesmas e revestir-vos de Jesus Cristo! Unidas constantemente a Deus, sereis felizes, fazendo da vida uma abnegação contínua, conservando-vos na presença do Senhor, como hóstia pura, sem mancha, sempre imolada ao seu amor. Oh, quando é que viveremos só em Deus e por Deus? O resto pouco ou nada vale! Consagremos, pois, todos os instantes, a amar a Deus e a fazê-lo amar. Como a vida assim empregada seria feliz e gloriosa! Repito mais uma vez, minhas queridas filhas: 'Amai a Deus, a Ele só. Esqueçamo-nos, aniquilemo-nos, para dependermos inteiramente de Deus, para sermos todas d'Ele'."

* * * * *

O Instituto do Sagrado Coração de Maria governa-se por si mesmo. Não reconhece outro superior, além da Santa Sé. Tem para o dirigir uma Superiora Geral. Todas as religiosas das diferentes casas devem entender-se com ela, a quem pertence dar impulso a tudo. Nada se deve empreender, sem que esteja informada e dê consentimento

O governo de um Instituto é missão tão pesada que a Superiora Geral sucumbiria, se não tivesse um certo número de Irmãs, com as quais pudesse contar, para a auxiliar no desempenho do cargo. É por isso que o Instituto o organiza da forma seguinte: 1º) Uma Superiora Geral; 2º) Quatro Assistentes; 3º) Uma Secretária. Essas Irmãs formam o Conselho da Superiora Geral. A esse Conselho

junta-se um número de Religiosas, entre as que se fazem notar pelo espírito religioso e capacidade, que são igualmente chamadas Conselheiras. A Superiora Geral é nomeada no Capítulo Geral, por escrutínio secreto, pela maioria absoluta de votos. Fica, desde então, eleita, mas, para ser confirmada no cargo, precisa da aprovação da Santa Sé.

A Superiora Geral deve, como dizem as Constituições, possuir plenamente o espírito do Instituto. Além disso, mais do que nenhuma outra, precisa estar unida a Deus, a fim de haurir, nessa união, luz, sabedoria e força para poder digna e sabiamente dirigir o Instituto. É ela que indica os ministérios das Irmãs, segundo o parecer das Assistentes, quer na Casa Mãe, quer nas casas filiais, e regula os negócios importantes do Instituto.

As Assistentes são também nomeadas no Capítulo Geral, que se deve reunir de seis em seis anos, presidido pelo Bispo do lugar, como delegado da Santa Sé. Nele tratam as Superioras dos negócios importantes do Instituto e de cada casa em particular. Examinam sobretudo se as Constituições e as Regras são fielmente observadas, por toda a parte, se não se introduziram inovações particulares, tendentes a destruir a uniformidade que deve reinar. Se esta tivesse sido alterada, determinar-se-iam os meios de a restabelecer.

A fim de conservar e aumentar cada vez mais o mesmo espírito, é recomendado às casas filiais que mantenham frequentes relações com a Superiora Geral. A Casa Mãe é como o tronco que lhes comunica a seiva forte e fecunda em abundantes frutos de santidade e perfeição.

Como em todas as Comunidades Religiosas, a vida da Religiosa do SCM começa pelo Postulado e Noviciado. As postulantes trazem um vestuário preto. O Postulado é regularmente de seis meses. Logo que entram as candidatas, ficam sob a direção da Mestra das Noviças, que lhes estuda o caráter, as aptidões e procura conhecer

os motivos que as determinaram a entrar na vida religiosa. Depois desta primeira prova, as postulantes, se os votos do Conselho lhes foram favoráveis, são submetidas à prova decisiva do Noviciado. Nenhuma noviça é admitida a professar os votos senão depois de um ano completo de Noviciado.

Os votos, entretanto, são: primeiro, anuais, durante dois anos; depois, trienais; enfim, votos definitivos, perpétuos, após cinco anos de profissão, tempo que pareceu necessário ao Fundador para se assegurar da vocação e saúde daquelas que aspiram à vida religiosa. Pode uma pessoa sentir atração por esta vida e estar iludida. É preciso, durante algum tempo, assegurarem-se, a Congregação e a aspirante, se é realmente Deus quem chama para o Coração de maria, porque pode alguém ser também chamado à vida religiosa, mas não neste Instituto.

O tempo de prova é necessário, outrossim, para que a Comunidade conheça as noviças , se assegure da sua piedade e virtude e afaste as que mostrassem espírito dissimulado, orgulhoso, perturbador porque, possivelmente, causariam, no futuro, desordem em casa. Enfim, dedicadas ao ensino, as Religiosas do SCM devem ter boa saúde. Podem empregar-se as novas professoras nas salas de aula e ver se suportarão as fadigas do cargo e se poderão fazer o bem que de direito se deve esperar delas.

Foi de combinação com a Fundadora que o Pe. Gailhac escolheu o hábito que se devia dar às Irmãs do Sagrado Coração de Maria, o que se compõe de: 1º) Vestido de fazenda azul marinho, com grande cauda, mangas forradas de branco; 2º) Toucado de linho branco, com romeira também de linho; na romeira, os quatro laços representam, na intenção do Fundador, os votos de pobreza, castidade, obediência e… o zelo, caráter distintivo das Religiosas do 'Sacré Coeur de Marie'; 3º) Véu preto, pequeno, transparente, que cobre o toucado; para as Noviças, é branco; 4º) Outro véu preto, grande, para os ofícios de Capela e viagens; 5º) Cruz de prata lisa, encimada de um coração, com as efígies de Nosso

Senhor e da Santíssima Virgem, com corrente também de prata. A cruz não tem Cristo, porque, na mente do Pe. Gailhac, eram as suas filhas que deviam nela pregar-se, pelo perfeito cumprimento dos votos e da Regra e pelo espírito de sacrifício.

O hábito das Irmãs Coadjutoras compõe-se de: 1º) Vestido de lã preta, com mangas largas debruadas de cordão azul e romeira da mesma fazenda, igualmente debruada; 2º) Touca branca e véu pequeno preto; 3º) Cruz de prata lisa, presa a um cordão azul.

Os votos, sendo a essência e o fundamento da vida de perfeição, as Religiosas do SCM fazem os três votos de religião: pobreza, castidade, obediência. *"Os votos* - dizia o santo Fundador às Religiosas - *são o maior ato pessoal de religião que a pessoa possa fazer e o maior sacrifício que possa oferecer a Deus. Não é sacrifício ordinário; é holocausto, completa imolação da criatura. Com efeito, pela profissão religiosa, imolamos não somente o que temos e o que podemos ter, mas o que somos". "Ao pronunciá-los, a pessoa sacrifica o presente e o futuro; faz um ramalhete de toda a existência e oferece-a a Deus, sem partilha, sem reserva; é o maior ato de adoração, de amor, de confiança e de abandono a Deus que lhe é dado realizar. Mais ainda: como não faz esse sacrifício senão para imitar Jesus Cristo, para se unir mais estreitamente ao Divino Salvador; como não o efetua senão em Jesus Cristo, com Jesus Cristo e por Jesus Cristo, a pessoa religiosa dá a Deus toda a glória que a criatura humana possa dar-lhe. Por isso, os Santos Doutores não temem dizer que a Profissão Religiosa produz os mesmos efeitos que o Batismo e, de algum modo, ainda mais maravilhosos".*

"O ser espiritual, pela profissão, eleva-se de uma maneira admirável; a união com Jesus Cristo torna-se tão estreita que Ele chega a chamar de 'esposa' a mulher que se lhe consagra pelos votos de religião, e a mulher, por sua vez, ousa chamar a Jesus Cristo seu 'Esposo' e tem direito de lhe dar tão inefável nome".

"As esperanças da alma verdadeiramente religiosa vão além do que se pode imaginar: o trono de Jesus Cristo é seu trono; a glória de Jesus Cristo, sua glória; e a sua união será eterna".

"Qual é a extensão dos votos que fazem as Religiosas do Sagrado Coração de Maria?"

"A ***pobreza*** *deve ser exterior e interior. A pobreza exterior é o abandono de todos os bens da terra e o voto supõe promessa feita a Deus de não possuir nenhum, como próprio. Em virtude desse voto, as religiosas não podem tomar, receber seja o que for, para o guardar ou servir-se de qualquer maneira, sem licença da Superiora da Comunidade. Tudo é comum entre elas: alimento, móveis, vestuário, etc.".*

O Pe. Gailhac recomenda muito particularmente a pobreza interior, que dá vida à exterior. *"O que Deus quer é o coração; tudo o que podemos oferecer-lhe, o que podemos fazer, as privações que conseguimos impor-nos, por mais penosas que sejam, não chegam a agradar-lhe, se não partem do coração. 'Deus não é honrado senão pelo amor', diz Santo Agostinho".*

"Mas que vem a ser o espírito de pobreza? É o desapego do coração, pelo qual a pessoa religiosa, para possuir a liberdade dos filhos de Deus, renuncia generosamente ao que o mundo possui e ama, para não se afeiçoar senão a Deus. Só a pobreza do coração é a verdadeira pobreza. A pobreza exterior, separada da interior, não se deveria chamar religiosa".

"A pessoa verdadeiramente pobre goza de inteira liberdade. Desprendida dos desejos terrestres, o coração pode facilmente unir-se a Deus; nada lhe detém os impulsos, nada lhe diminui o ardor dos desejos; seu amor, como seta inflamada, voa para Deus, seu único tesouro".

"A pessoa verdadeiramente pobre é rainha, possui a verdadeira realeza. Desprezando o que é da terra, o que compõe o mundo

material, já está no céu, com os eleitos que tudo deixaram por Deus. Pelo contrário, a pessoa afeiçoada aos bens terrenos é muito pesada para poder voar; rasteja e os olhares não se lhe elevam a Deus. Materializada, deseja e ama o que fere os sentidos unicamente e nisso procura descanso. A pessoa que tudo deixou é ágil como o espírito; verdadeiramente pomba, eleva-se acima das nuvens, atravessa os céus e chega até ao trono de Deus para lhe contemplar a beleza, a magnificência, para lhe saborear as inefáveis amabilidades! Quem conseguirá descrever a paz, a tranquilidade de que gozam essas pessoas? São todas de Deus e Deus deu-se todo a elas! Que troca admirável! Que comércio divino! Abandonar o nada e receber o Ser infinito, o único digno de ser amado! Jesus lhe aceitou o dote e esposou-a; Rei dos pobres, escolheu esposa pobre, mas para a enriquecer, porque tudo lhe pertence".

"Não tem Deus em conta as riquezas que devem perecer; essas, concede-as indiferentemente aos bons e aos maus. As verdadeiras riquezas são o céu e o que encerra, ou melhor, é o próprio Deus, com tesouros divinos, inefáveis doçuras, o amor. Eis as graças que Deus traz à esposa, à pessoa religiosa verdadeiramente pobre".

*"A **castidade** das religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, deve ser perfeita. Nada deve mostrar mais evidentemente a excelência da pureza do que o terno amor que Jesus Cristo sempre mostrou às almas puras e a união que contraiu com aquelas que, por seu amor, abraçaram livremente a vida de inocência. Jesus Cristo quis ter Mãe virgem. Não formou uma corte senão de virgens. São José, pai putativo de Cristo, era virgem; São João, discípulo muito amado, virgem também. Não repousa senão nos corações puros. No céu, não quer, em volta do trono, senão anjos, puros espíritos, ou almas espiritualizadas pelo amor, o sacrifício e a virgindade perfeita".*

" 'Oh, como é bela - exclama a Igreja - a geração dos castos!' Sim, é bela a alma que não quer pertencer senão a Deus. É estimada de Deus e dos homens. São Paulo chama a esta virtude 'tesouro

inapreciável', mas acrescenta: 'Trazemo-lo em vaso frágil. Quantas precauções a tomar, para o não perder!' Devemos combater os inimigos desta bela virtude: o demônio, o mundo e a tríplice concupiscência, de que o primeiro se serve, para nos submeter ao seu império. Eis as armas para os combater: a humildade e a desconfiança de nós mesmos. Podemos contar com o auxílio de Deus, mas não nos expor ao perigo. É preciso fugir das pessoas que, pelas palavras e maneiras, nos levassem ao mal. Impõe-se evitar as amizades particulares e toda a familiaridade, seja com quem for, não dar ouvidos a discursos mundanos, mortificar os olhares indiscretos e lembrar-se sempre de que estamos na presença de Deus."

"Não basta fugir aos perigos, para não perder a inocência; é preciso empregar os meios de a conservar e embelezar. Nosso Senhor nos ensinou dois: a oração e o jejum. A oração é o principal, porque, sem Deus, nada podemos. Ora, para O termos conosco, oremos. A oração eleva-nos a Deus e faz Deus descer até nós. O segundo meio é o jejum. Por jejum, entende-se tudo o que mortifica o espírito, o coração, o corpo."

O Pe. Gailhac põe a **obediência** como a primeira de todas as virtudes, dando, como razão, que Jesus Cristo não veio ao mundo senão para fazer a vontade de seu Pai. *"Eis aí a santidade! Eis porque a obediência é a primeira das virtudes! Encerra toda a glória e amor que possamos dar a Deus. Sendo Deus a própria santidade, quanto mais se conformar nossa vontade com a sua, mais santos seremos, mais exatamente reproduziremos em nós a sua imagem. Que glória para uma criatura poder tornar-se assim imagem de Deus! Mas a conformidade com a vontade de Deus é o que mais custa à natureza degradada, porque o sacrifício da vontade é a imolação do Eu. Ora, desde que, pelo pecado, o homem se preferiu a Deus, o Eu, por justa punição, tomou tanto império sobre nós que, para formar a imagem de Deus na alma, temos de exercer contínua vigilância e sustentar luta constante*."

"As religiosas do SCM devem imitar a obediência de Jesus Cristo, que foi perfeita, pronta, generosa, perseverante. Perfeita: quer dizer, sem réplica, sem desculpas, como uma criança para com a mãe. Pronta: um olhar, uma palavra, um gesto da Superiora deve bastar à alma obediente; Deus gosta que obedeçamos alegremente. Generosa: é estar disposta a fazer tudo o que prescreve a Obediência e preferir o que mais custa à natureza. Perseverante: obedecer sempre, em tudo e em toda a parte; morrer inteiramente a si, não viver senão para Deus. A pessoa que assim age pode dizer-se verdadeiramente esposa do Salvador e exclamar como Jesus: 'Faço a cada instante o que apraz a meu Pai'!"

"O ***zelo*** *é o principal caráter e o fim do Instituto de que estudamos as Regras. Seus membros devem possuí-lo no mais alto grau e viver só para Deus e para o bem das pessoas. Numa palavra, o zelo deve ser a vida da Religiosa do Sagrado Coração de Maria".*

"O fim principal da Congregação é a glória de Deus e nele se encerra a santificação própria e a do próximo: uma é fruto da outra. Quem não é santo não pode santificar os outros. O zelo tende sempre a comunicar-se. Conhece, ama, serve e adora a Deus, por isso quer fazê-lo conhecer, amar, servir e adorar".

"Queridas filhas - dizia o Pe. Gailhac - *Deus escolheu-vos para serdes auxiliares dessa multidão de homens apostólicos, chamados a regenerar as nações e a levar o Evangelho a todas as partes do mundo. Que glória e felicidade a vossa! Mas, se quereis tornar-vos dignas de tão sublime vocação, é preciso que tenhais os corações cheios de zelo pela santificação das pessoas. O zelo deve ser generoso. Assim como o fogo, pela chama, se desprende de si mesmo e se lança ao que pode atingir, a pessoa, cheia de zelo, esquece-se, para comunicar, às que dela se aproximam, o amor divino, de que está abrasada".*

" 'Oh, - dizia Santa Tereza - *quem me dera ser homem, para percorrer o mundo, dizendo a todos: - 'Amai a Jesus!' Iria derramar*

nos corações o fogo que Jesus veio trazer à terra'. E de onde vinha à grande Reformadora esse imenso zelo? Do seu amor a Deus. A seu exemplo, minhas filhas, amai a Jesus de todo o coração e o zelo de Santa Tereza também vos inflamará. Trabalhos, aflições, sacrifícios, abnegação e imolação, nada vos deterá, nada vos custará".

"O zelo deve ser engenhoso e além disso começar por praticar o que tem de ensinar, adquirindo assim a experiência de quanto custa chegar à perfeição. Tem de destruir e reconstruir, arrancar e plantar! Destruir o que vem da natureza corrompida e do pecado, arrancar os vícios e plantar as virtudes. Quantas lutas, quantos combates a sustentar, quanta firmeza, quanta constância não é preciso!"

"A fim de levar as pessoas a Deus, a verdadeira religiosa emprega todos os meios que lhe sugere o zelo. Antes de mais nada, procura inspirar confiança; depois, atrair pela bondade e doçura, fazer-se toda para todos, fraca com os fracos, forte com os fortes, acomodando-se aos caracteres para os ganhar a Deus. Não deve, porém, contar com os recursos humanos, mas com a ação e a graça de Deus. Eis porque cumpre-lhe dar bom exemplo por toda a parte e orar muito".

"O zelo é perseverante. Embora tenha de encontrar obstáculos, porque a natureza humana é corrompida, não desanima. A pessoa zelosa deve ajudar os demais a despojar-se do homem velho e a transformar-se. É aos sacerdotes que compete, principalmente, operar essa transformação, mas, por graça especial de Deus, sois chamadas a lançar os alicerces dessa transformação nas almas das jovens que vos são confiadas. Para o conseguir, é preciso paciência e perseverança que não desanimem nunca. Oh, tarefa bela e gloriosa aos olhos de Deus!"

"Certa vez, artistas, que procuravam empreender uma obra prima, responderam aos que queriam dissuadi-los do intento, apresentando-lhes as dificuldades: 'Trabalhamos para a

eternidade'. Enganavam-se, porque nada é eterno neste mundo. Mas vós, minhas filhas, trabalhando junto das pessoas, podeis dizer com verdade: 'Trabalhamos para a eternidade', porque as almas são imortais! Muitas das que vos são confiadas brilharão no céu, quais outras estrelas, e vosso trabalho, feito só por Deus, vos revestirá de luz e glória sempiternas".

CAPÍTULO SÉTIMO

Desenvolvimento das diversas obras - Mortes - Aprovação

O Pe. Gailhac e a Superiora Geral, vendo os bons resultados da educação cristã nos orfanatos, quiseram erigir um pensionato para as jovens das famílias ricas, a fim de as educar na piedade e fazer delas protetoras das órfãs, entre as quais encontrariam mais tarde boas e fiéis empregadas. Além disso, o pensionato deveria também fornecer recursos indispensáveis às obras de caridade da Congregação.

O primeiro destino que a Sra. Cure deu aos bens materiais que doara à Congregação foi comprar vasto terreno, contíguo aos diversos estabelecimentos já existentes, e construir casa própria para o pensionato. O estabelecimento era espaçoso, muito bem situado e cômodo, com dormitórios grandes e arejados, salas de aula regulares, vastos pátios, um jardim, grande peristilo, onde as alunas poderiam recrear-se quando chovesse, enfim, um bom parque, onde respirariam ar puro e se entregariam aos exercícios corporais necessários à saúde.

A educação que ali recebiam era tão completa quanto se podia desejar. O estudo da religião tinha o primeiro lugar na instrução; depois, vinham as diversas ciências, com as belas artes e línguas estrangeiras. Enfim, nada do que lhes poderia ser útil foi desprezado.

O maior cuidado das Religiosas do SCM era, porém, formar as alunas na piedade, no amor da virtude, para que depois fossem espalhar, pelo mundo, o bom odor de Jesus Cristo.

A primeira pensionista foi a senhorita Granier, sobrinha do Fundador, que aí permaneceu por muitos anos; só deixou o Pensionato para entrar no Noviciado. Tomou o nome de Madre Saint Eugène e dirigiu, por muitos anos, como Superiora, a casa de Liverpool.

A Madre Saint Croix que, como já dissemos, desde os 16 anos ensinava, encarregou-a, a obediência, da direção do Pensionato. Mãe para todas as alunas, cheia de afeto e zelo, firme, contudo, e sem fraqueza, tinha um tato particular para lhes corrigir os defeitos, sem recorrer a castigos. Com doçura e persuasão, obtinha quanto queria. Bastava olhar, para se fazer obedecer ou chamar à ordem. Todas a amavam e respeitavam como mãe. Sob sua direção, o Pensionado muito se desenvolveu, chegando a atingir o número de 140 internas.

* * * * *

A direção da Comunidade das Irmãs Oblatas foi entregue à Madre Saint Stanislas; a do Orfanato, à Madre Saint Felix, e a do estabelecimento da Preservação, à Madre Saint Cyprien. Nesse tempo, tudo prosperava: Comunidade, Pensionato, Orfanatos, Oblatas, Padres do Bom Pastor e Orfanato dos rapazes. Essas obras davam grandes esperanças e o Pe. Gailhac sentia-se feliz, com tantas bênçãos do céu. Mas forte provação esperava a Comunidade: a Superiora Geral foi atacada de congestão pulmonar que a levou, em poucos dias, às portas da morte. Depois de muitas aflições e temores, voltou a esperança. Deus, cedendo a tantas e tão fervorosas orações, conservou-a; as melhoras foram aumentando e, enfim, a querida Mãe foi restituída ao amor de suas filhas. Era tempo, porque o inimigo já começava a lançar o desânimo, no meio de uma Comunidade ainda não inteiramente formada na vida religiosa. A virtuosa Fundadora soube logo reanimar a confiança de todas, com firmeza e bondade maternais.

Contudo, essa doença deixou-a sempre fraca e condenada a um regime que teve de manter até à morte. Mas, mesmo no meio dos sofrimentos, era de uma calma, de uma serenidade admirável e inteiramente submissa à vontade de Deus.

Para não afligir as filhas, fazia-se violência e esforçava-se por dissimular o sofrimento. Encontravam-na sempre com o sorriso nos lábios. Se precisavam falar-lhe, mesmo quando estava pior, não queria que se abstivessem; pensava em tudo, ordenava tudo para o bem da casa. Nenhuma necessidade das filhas lhe escapava; sua maior aflição era vê-las doentes e, apesar da inteira submissão à vontade divina, a perda de alguém era-lhe sempre golpe cruel.

Nos primeiros anos da fundação, houve mortes edificantes, dignas de nota. Uma delas, Madre Sainte Marie, distinguia-se pela piedade e regularidade exemplar. Sabiam que a doença era mortal, mas os médicos davam-lhe ainda alguns dias de vida; desejosa, porém, de ir para o céu, vendo a Superiora, à cabeceira do leito, disse-lhe:

- *Minha boa mãe, dai-me licença de morrer.*
- *Como, minha querida filha, quereis deixar-nos? Então, não nos amais?*
- *Sim, entretanto, amo mais ainda o bom Deus; peço-vos novamente que me deixeis morrer.*
- *Pois sim, minha filha, visto que tanto o desejais.*

Apenas ouvira essa palavras, com o sorriso nos lábios, olhou para a boa Superiora, contemplou as Irmãs que estavam junto de si e, dizendo: *"Obrigada, minha mãe!"*, adormeceu na paz do Senhor.

Outra, Madre Sainte Thérèse, caiu doente. A Superiora foi vê-la e, ao entrar, ouviu-lhe muito alegre:

- *Não sabeis? Vou morrer. Daqui a dois dias, já não estarei convosco, minha boa Mãe. Estarei com Jesus.*
- *Que dizeis, minha filha? Não, ainda tendes que trabalhar; não ganhastes a coroa.*
- *Não importa! Não temo a morte e não desejo viver mais. Hoje, estou preparada. Quem sabe se mais tarde o estarei tanto quanto agora? Morro muito contente e só vos peço uma coisa: é que não vos aflijais com a minha morte como vos afligistes com a das minhas irmãs. Vou ter com elas e pediremos pela Comunidade.*

A cada morte eram cenas semelhantes. Todas consolavam as Irmãs que ficavam e perguntavam-lhes se não tinham recados a mandar às que já estavam no céu. A morte para elas era a felicidade. Das primeiras a falecer foi a Madre Saint Cyprien, uma das cinco fundadoras, encarregada da Providência[16], difícil de governar no princípio, visto o espírito de insubordinação que ali reinava.

Professa e fundadora, fazia-se notar pela humildade profunda. Dizia à postulante que lhe haviam dado para a ajudar: *"Procedei na sala de aula como entenderdes, não vos importeis comigo; imaginai que a classe é só vossa"*. O que mais exigia era ordem e submissão. Ainda que muito doente - pois sofria do peito e de hidropisia nas pernas, o que não lhe permitia estar de pé - era tão assídua ao emprego e cumprimento da Regra como se gozasse de saúde perfeita.

Só se rendeu quando não pode dar mais um passo. Morreu a 4 de julho de 1856. Sua morte foi santa como lhe fora a vida.

Madre Saint Stanislas, uma das três primeiras fundadoras, sucumbiu por sua vez. Temperamento fraco e delicado, essa santa religiosa não pode resistir ao cansaço de tão numerosos trabalhos.

Além do estabelecimento das Oblatas, de que lhe coubera a direção, estava ainda encarregada do Noviciado e das doentes.

Antes de entrar para o SCM, havia sido curada milagrosamente e prometera fazer-se Irmã de Caridade; não foi sem pena que renunciou à primeira vocação. Por isso, era para ela um prazer ter de tratar das doentes. Quando caiu enferma, não esperou mais levantar-se e, durante os três meses de enfermidade, pedia para lhe lerem, diariamente, as orações que costumava rezar, para se preparar para a morte. Na véspera, pediu mais uma última vez o Sagrado Viático e, ao anoitecer, solicitou a graça de lhe rezarem as

---

[16] Providência: entenda-se "Preservação".

orações dos agonizantes. Uma hora antes de expirar, o irmão, Pe. Gibbal, vendo que sofria muito, disse-lhe:

- *Coragem! Eis-te na cruz com o bom Jesus... é preciso amá-Lo muito.*
- *Meu irmão* - respondeu - *é verdade que não servi a Deus como devia, mas sempre O amei, com todas as forças da minha alma. Dize às minhas Irmãs que sempre as amei e vou pedir muito por elas no céu.*

Dali a alguns minutos, perguntou ao irmão que horas eram.

- *Já passa das onze e meia*, respondeu ele.
- *É tão cedo!*

O irmão, julgando que já não estivesse em plena posse dos sentidos, repetiu:

- *São onze horas e meia!*
- *Bem sei, mas tenho que esperar até meia noite e acho o tempo muito longo!*

Depois, pediu para não a distraírem, que se queria unir a Deus. Apenas deu meia noite, voou-lhe a bela alma, para receber a coroa que suas virtudes lhe tinham merecido.

Pouco após a passagem da Madre Saint Stanislas, a morte veio de novo visitar a casa. Durante alguns meses, arrebatou à Comunidade seis das primeiras religiosas. Depois de prova tão cruel para o Fundador e a Fundadora, a casa ficou mais de um ano sem receber novas postulantes.

Estava-se em março. São José foi invocado e não ficou surdo às súplicas da Comunidade. No mesmo mês, vieram algumas postulantes e davam esperanças de vir a ser boas religiosas. Puderam, enfim, aliviar as antigas. O número foi aumentando, de modo que havia pessoal para todos os trabalhos e já se pensava em fundar outra casa. Tinham em vista uma em Irlanda, que circunstâncias dolorosas retardaram.

Grande sofrimento esperava a Comunidade: a morte, que já lhe havia roubado tantas religiosas, ia feri-la mais cruelmente,

raptando-lhe a santa Fundadora. O golpe foi tanto mais terrível quanto menos esperado.

Como dissemos, o número das religiosas aumentara; o trabalho fazia-se sem custo, todas as obras progrediam, a maior tranquilidade reinava na casa; Deus era respeitado, amado e servido, a boa mãe sentia-se feliz, todas as filhas contentes. Só o Fundador estava preocupado; Deus fazia-lhe prever acontecimento doloroso. A santa Fundadora, ainda que sempre fraca, não parecia pior; ia a toda a parte, visitava tudo, regulava tudo; numa palavra, conservava a casa em perfeita ordem. Parecia adivinhar morte próxima e queria tudo bem organizado para quem a substituísse.

Avizinhava-se a comemoração de São João Evangelista, festa da querida Fundadora. As filhas preparavam-se numa alegria, num contentamento impossível de descrever. Todas queriam concorrer para a tornar tão bela quanto possível. Reinava verdadeiro entusiasmo! O dia 27 de dezembro chegou; foi o que se devia esperar, depois de tanto ardor: um prazer, uma felicidade inexplicável, mas, infelizmente, de pouca duração! Nunca tinham visto a Superiora tão boa, tão afável, tão terna para com todas, tão condescendente! Deixou-lhes fazer quanto quiseram, como se percebesse serem as últimas despedidas. No dia em que se completavam 20 anos de sua entrada na vida religiosa, caiu doente e, no dia seguinte, anunciou a morte. Durante a doença, animava e consolava as filhas, edificando-as, a um tempo, pela paciência e perfeita submissão à vontade de Deus. No dia da morte, depois de ter dado particular bênção a algumas das Religiosas destinadas a missão próxima, abençoou a Comunidade, reunida em volta do leito, recebeu o Sagrado Viático das mãos do santo Fundador e entregou a preciosa alma ao Divino Esposo. Era o dia 4 de março de 1869.

A dor das Religiosas do SCM poder-se-á talvez compreender, mas não se pode descrever! Contudo, apesar de sentirem os corações

despedaçados e dilacerados pela saudade da santa mãe, nada foi mudado no espírito da Comunidade. Tinham sido bem formadas pelos santos Fundadores, para não se submeterem com resignação à vontade de Deus.

Depois da morte da Fundadora, o número das religiosas aumentou ainda mais. Podiam-se, pois, fundar novas casas. Uma fundação fora determinada por ela; e, se não teve a consolação de a ver realizada, levava a de deixar a Comunidade florescente. Isto fazia esperar que o Instituto teria grande desenvolvimento num futuro próximo. Com efeito, a que lhe sucedeu no cargo de Superiora Geral fundou várias casas que são hoje muito prósperas, com vários noviciados.

A 1 de maio de 1869, isto é, dois meses depois do falecimento da Fundadora, reunida a Comunidade em Capítulo, depois das orações de uso, procedeu-se à eleição da Superiora Geral. Madre Vidal, em religião Madre Sainte Croix, a última das três primeiras fundadoras, ficou eleita por unanimidade de votos. Sua eleição foi confirmada a 8 do mesmo mês, pelo Bispo e, um pouco mais tarde, aprovada pela Santa Sé.

Sob o generalato da Madre Sainte Croix, o Instituto tomou novo impulso, com as fundações em diversos países, tendo sido a primeira a de Lisburn, perto de Belfast, Irlanda, em 1870, seguida de outra no Porto, Portugal, em 1871.

Apenas havia decorrido um ano, pediram nova fundação, agora para Liverpool, Inglaterra. Depois desta, o reverendo padre Fundador solicitou e obteve, em setembro de 1873, de Sua Santidade Pio IX, a primeira aprovação do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a cujo título a Santa Sé acrescentou o de "Virgem Imaculada".

Após, três outras casas se fundaram: a primeira em Braga, Portugal, em julho de 1876; a segunda, na América do Norte: Long Island, em Sag Harbour, perto de Brooklin, em 1877; a terceira,

enfim, ao sul da Irlanda, em frente de Waterford, Ferrybank, diocese de Ossary, em setembro de 1879.

A reverendíssima Madre Sainte Croix não sobreviveu senão 10 anos à primeira Superiora Geral. Depois da doença de alguns meses, que suportou com admirável paciência e submissão perfeita, adormeceu no Senhor, a 4 de setembro de 1878.

A terceira Superiora Geral foi Madre Saint Félix, das primeiras companheiras da Fundadora. Sob seu generalato, fez-se o pedido da segunda aprovação do Instituto, nos fins do ano 1879. O Breve foi concedido por Sua Santidade Leão XIII, em julho de 1880.

Outras quatro fundações se fizeram depois: duas em Portugal e duas em França. A primeira em maio de 1886, em Chaves, província de Trás-os-Montes; a segunda em Viseu, em 1894. As de França foram: em 1893, a de Romans, Drôme; e a outra, a de Vallon, Ardèche.

Tal, até então, o número das fundações das Religiosas do SCM. Todas prosperavam e o Noviciado da Casa Mãe via frequentemente chegarem postulantes de França, da Irlanda e de Portugal.

A Comunidade das Religiosas do SCM recebeu todas as graças que Deus concede às obras que inspira. Nada lhe faltou: perseguições de toda espécie, socorros inesperados e constantes, prosperidade nas realizações.

A Providência mostrou-se generosa para com os Fundadores e, se os fez passar por rudes provas, em compensação, concedeu-lhes inúmeras graças.

Como já dissemos, os soberanos Pontífices Pio IX e Leão XIII concederam aprovação ao Instituto: o primeiro, em setembro de 1873; o segundo, em julho de 1880. A terceira e última aprovação, que constituía a Comunidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria definitivamente aprovada foi dada em Roma a 20 de fevereiro de 1899.

CAPÍTULO OITAVO

Espírito do Pe. Gailhac

Nos capítulos anteriores fizemos passar, aos olhos dos nossos leitores, a série de obras que encheram os anos de existência do venerando Fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria. Adivinha-se, pelas bênçãos que Deus derramou em tão grandes empresas apostólicas, a intensa vida interior que o animava, elevando-lhe a alma a alta contemplação, fecundando-lhe os trabalhos e sustentando-o nas rudes provas a que lhe submeteu o zelo ardente e infatigável.

Sua **fé** era **viva e prática**, fundada na sabedoria e poder de Deus, na sua justiça e misericórdia. "*Deus* - dizia ele - *não é uma criatura em quem tudo muda, tudo varia, tudo desvanece e se perde com o tempo… Se vos fosse permitido ver os sentimentos, pensamentos, afetos, vontades que se debatem na criatura humana, verificaríamos que está numa luta contínua; um pensamento expulsa o que o precede, um desejo é apagado por outro, uma vontade destrói a que se julgava imutável! Nada lhe é estável, nem no coração nem nas ações; nada é igual nas determinações e nos projetos. 'Ó meu Deus, em Vós, pelo contrário, tudo é imutável: na vossa existência, nos vossos decretos, na vossa providência! Vosso ser é eterno e eternos os vossos desígnios e vossa providência! Ora, nos vossos planos imutáveis, tudo previstes, sem, contudo, privar o homem da liberdade, porque quereis ser servido por seres livres e não por escravos'!"*

E confirmava estas considerações com duas verdades tiradas do Evangelho. *"Jesus disse que nem um só cabelo nos cai da cabeça sem a vontade do Pai celeste".* E acrescenta: "*Por uma pequena moeda podem-se ter cinco pardais, e nem um só cai morto, sem permissão do Pai celeste".* Ora, se Deus se ocupa assim de coisas tão insignificantes, como não se ocupará das coisas importantes, sobretudo daquelas que dizem respeito à santificação dos eleitos?

Foi isto precisamente o que a verdade eterna nos quis fazer compreender, quando disse: "*Não, nada acontece sem a vontade expressa de Deus",* tanto na ordem física, como na moral; nada se realiza, sem que Deus o queira, e as criaturas não são senão instrumentos de que se serve para chegar ao seu fim. É com a chuva e o calor que faz crescer as plantas, as árvores dar frutos, germinar as sementes e dar ricas colheitas. É pelas tempestades que purifica os mares; é pelos flagelos que exerce a justiça. É Ele que arma os povos uns contra os outros, para os castigar. É Ele que envia as pestes, as fomes, todas as calamidades, para punir a malícia dos homens. Numa palavra, Ele é o Senhor da vida e da morte.

O que se realiza na ordem material, dá-se igualmente no que diz respeito à moral. Deus permite tudo o que deve contribuir para a salvação e perfeição dos escolhidos. É nas humilhações e nos sofrimentos que se encontra o caminho de Deus. O Espírito Santo disse: "*O que sabe aquele que não foi provado? Feliz do homem que sofre perseguição, porque receberá a coroa de justiça"*.

Acabamos de ver os princípios da profunda teologia do Pe. Gailhac. Vejamos as consequências que tira dela. "*É certo* - diz ele - *que não podemos ser santos nem perfeitos sem praticar as virtudes. Ora, para as praticar, é preciso ter ocasiões; tirai todas as ocasiões e ver-vos-eis impossibilitados de as exercer. É necessário viver com as pessoas de gênio difícil, para exercer a bondade, a paciência, a doçura; é mister sofrer, para praticar a submissão, a perfeita conformidade, a renúncia; são precisas humilhações, para excitar à humildade; é preciso que a natureza se revolte, para haver sacrifício*".

"Deus serve-se dos maus para exercitar os bons; *deixa-os praticar o mal para que estes vejam a mão divina nos males que sofrem. Deus trata os escolhidos como tratou Jesus Cristo, seu Filho muito amado. Tudo que Jesus sofreu fora predito nas profecias. Do mesmo modo, Deus regula, nos decretos eternos, tudo o que os eleitos devem*

padecer para alcançar o céu; e é só depois de terem cumprido o que determinou que os retira, para os fazer sentar-se num trono de glória. Assim, as penas, os sofrimentos, as cruzes são graças e não infelicidades; são motivo de alegria e não de tristeza, porque, vistas à luz da fé, abrem-nos as portas do céu".

Tal era a fé do Pe. Gailhac, tal a sua teoria, apoiada na palavra de Deus e na autoridade infalível da Igreja. Era uma fé robusta, firme, intrépida. Nunca o viram aproximar-se do erro; dir-se-ia que tinha recebido do céu o dom de discernir o verdadeiro do falso e é sua esta palavra: *"Acreditei em tudo isso, desde que tive o uso da razão"*.

E essa virtude não lhe era menos notável na prática: na conversa, no púlpito, na direção espiritual. Admiravam-lhe a firmeza das convicções e a vivacidade da fé, mas, sobretudo, quanta edificação, vendo-o rezar! A voz, a expressão que lhe dava e o recolhimento angélico revelavam essa fé e a firmavam ou reanimavam naqueles que o viam. Assim concentrado, descobria Deus em tudo; nas penas, humilhações e contrariedades, por mais penosas que fossem, dizia sempre: *"Senhor, se o quereis, eu também quero"*. Isto lho ouvimos repetir, não uma nem duas vezes, mas milhares e durante toda a vida. Quantos méritos não deve ter adquirido com essa contínua submissão à vontade de Deus! Fazia mais: em vez de se queixar do que tinha a sofrer das criaturas, considerava-o como graça de Deus. Quantas vezes também lhe ouvimos exclamar, no meio das maiores tribulações: *"Bendito sejais, Senhor!*"

O desejo de se tornar semelhante a Jesus Cristo, seu Salvador, fazia-lhe achar bom o que havia de mais humilhante. *"Quanto sois bom, ó meu Deus! Servis-vos das criaturas, para me fazer lembrar que devo trabalhar na minha perfeição e salvação e tornar-me semelhante a Jesus Cristo, meu divino modelo"*.

"Queridas filhas - escrevia às suas religiosas - *se Jesus Cristo não pode entrar na glória senão pelas humilhações, pelos sofrimentos e pela cruz, como é que as criaturas poderiam participar dessa glória,*

sem lhe caminhar nas pegadas? Não, os membros não podem estar senão onde está a cabeça"; e não cessava de lhes recomendar a fé.

"A fé é a verdadeira vida; é ela que dá mérito a todas as nossas obras e as torna dignas do céu. Dá-nos forças para vencermos o demônio, o mundo e nós mesmos; purifica-nos as intenções, elevando-nos acima da terra e fazendo-nos viver de Jesus Cristo. É a fé que nos sustenta, no meio das provas e das vicissitudes da vida. Coragem, pois, queridas filhas! Ide haurir, nos ensinamentos da fé, tudo o que vos é necessário para crescer na perfeição. Procedendo assim, nunca vos enganareis; seguindo-lhe os ensinamentos, procedereis bem sempre e em tudo."

"A *fé tem graus. O Espírito Santo, entrando numa alma, ilumina-a, mas essa luz mais ou menos brilhante é susceptível de aumento. É por isso que devemos muitas vezes fazer a oração: 'Senhor, aumentai em nós a fé; fazei que cresçamos no vosso amor'."*

"Quando a alma está compenetrada das verdades eternas e regula suas ações, não segundo as máximas do mundo, mas segundo os princípios divinos, vive de fé; e viver de fé, segundo São Paulo, é viver de Jesus Cristo, ou é Jesus Cristo, vivendo e operando na criatura, que se torna assim um outro Ele mesmo. A alma que vive da fé está morta a si e às criaturas e não vive senão para Deus".

"*Não vos deixeis conduzir pela natureza, pelos gostos e inclinações* - repetia às suas religiosas -, *nem mesmo pela razão, se não for baseada na fé"*.

"*A pureza da alma é outro fruto da vida de fé. São Paulo dizia àqueles que tinham recebido o batismo: 'Fostes purificados no sangue de Jesus Cristo'. Esta pureza não é somente a isenção de pecados grosseiros, mas de todas as inclinações e misérias que tiram à alma sua beleza e brilho. Tudo é puro, na alma que vive de fé - pensamentos e atos, palavras e intenções - porque tudo vem de Deus e é para Deus"*.

"A vida de fé é ainda uma vida de méritos; tudo nela é sobrenatural, acumula um tesouro imenso para o céu, prepara a alma à visita e posse de Deus. Isto lhe faz gozar paz tão suave, tão deliciosa, que já é antecipação do paraíso. Já nele habita. Daí vem o desprezo por tudo que passa e ardor pelo que é eterno. Pouco lhe importa que as criaturas a aprovem ou desaprovem; não quer, não procura senão a glória de Deus e o seu amor. Oh, quão feliz é a pessoa que não vive senão em Deus, de Deus e por Deus! Quão insensata aquela que só procura as coisas do tempo e despreza as da eternidade! A primeira vive a verdadeira vida; a segunda, uma vida de loucura, expondo-se à infelicidade eterna".

E, não cessando de recomendar a vida de fé às religiosas, o Pe. Gailhac escrevia a uma delas: *"Ó, minha filha, como a vida de fé pura é bela aos olhos de Deus! É no abandono, na aridez que a pessoa se purifica e se prepara para se unir ao divino Salvador. Essa vida parece dura à natureza, mas é a mais segura, não está sujeita a ilusões: é a vida dos santos. Quão raras as pessoas que a amam, abraçam e guardam como um tesouro precioso! A pessoa que possui essa vida, que se esforça por enraizá-la em si, está num contínuo combate contra as paixões, as inclinações e os gostos próprios; ama a abnegação, os sacrifícios; só procura Jesus Cristo e não tem descanso enquanto não O possui. Então, faz do coração tabernáculo, cerca-o de cuidados, de solicitude; aplica-se constantemente a transformar-se n'Ele, a caminhar de virtude em virtude, até poder dizer com verdade: 'Meu viver é Jesus Cristo; já não sou eu quem vive, é Jesus Cristo quem vive em mim'. Já não vê o Calvário: os olhos elevam-se-lhe ao céu, vê Jesus na glória, ora, pede-lhe que a eleve para junto d'Ele. Entretanto, vivendo só de amor, dedica-se, sacrifica-se para O fazer conhecer, amar e glorificar neste mundo"*.

A **esperança e** a **confiança** do Pe. Gailhac não eram menos firmes que a sua fé. Levou tão longe estas virtudes que, muitas vezes, lhe chamaram imprudente e temerário.

Quando fundou o Refúgio e, depois, o Orfanato, não os sustentou senão com o auxílio da Providência, em quem tinha posto toda a confiança, e jamais foi iludido. É verdade que às vezes estava sem recursos, mas o necessário nunca lhe faltou. Comprou vastos terrenos e construiu várias casas, só com os recursos que lhe enviava a Providência, nos momentos propícios. Era em Deus e em Deus só que, nas provas e tribulações, o Pe. Gailhac achava a força e a consolação de que carecia. Por isso não cessava de recomendar às religiosas que tivessem sempre esperança e confiança em Deus.

"Sede confiantes - dizia - *e Deus derramará sobre vós as suas graças, abençoar-vos-á e fará descer sobre vós o orvalho celeste. Conheceis esta palavra de Jesus Cristo: 'Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo'. Salomão só pediu a Deus a sabedoria e Deus deu-lhe, com ela, as riquezas e a glória, de modo que nunca rei nenhum foi mais rico nem mais glorioso. Se Deus enfeita os campos de flores, se cuida das avezinhas, como vos esquecerá a vós, suas filhas? Devemos esperar sempre e abandonar-nos inteiramente a Deus. Quanto mais nos abandonarmos, mais o Senhor terá cuidado de nós! Àquele que estiver completamente entregue a Deus, nada faltará nem para a alma nem para o corpo. Cumprindo assim a vontade de Deus, merecerá gozar da paz na terra e da glória no céu".*

Escrevia a uma Superiora muito nova, que se queixava do peso do cargo: *"Minha filha, é verdade que esse cargo é bem pesado para os vossos fracos ombros; mas, por isso mesmo, deveis ter mais confiança em Deus que é todo poderoso, para que vos ajude a levá-lo ou, antes, que Ele o leve por vós e não sejais senão o seu instrumento. Imaginai que Deus vos diz: 'Confia em mim, tem coragem e serei teu protetor'. Era com a proteção de Deus que contavam os Apóstolos. São Paulo dizia: 'De mim nada posso, mas posso tudo nAquele que me fortifica'. E Santa Teresa: 'Teresa sozinha não é nada, mas Teresa, com Jesus, é alguma coisa'. Dizei, pois, com esta santa: 'N. sozinha nada poderá fazer, mas N. com Jesus*

fará muito para a obra de Deus, contanto que lhe esteja sempre unida. Coragem! Lançai-vos inteiramente nos braços de Deus; abandonai-vos à Sua solicitude paternal, e Ele nunca vos deixará só; nas dificuldades, será vosso sustentáculo, vossa força e consolação. Agarrai-vos à santa Regra, a essa âncora de salvação; enquanto a observardes fielmente, nada deveis temer. A tempestade pode rugir, as ondas podem encapelar-se, mas estareis segura, com a confiança em Deus. Tendes a Sua promessa; conservai-vos em paz. Sem dúvida que deveis desconfiar de vós mesma, mas a confiança deve dominar na alma. Deus vai em busca das ovelhas desgarradas e quereríeis que abandonasse quem confia n'Ele? Não, não! Ide para a frente, com confiança e amor! Sede fiel, e Deus vos conduzirá pela mão".

Quem poderá descrever o **amor** do Pe. Gailhac **a Deus e ao próximo**? Ele mesmo vo-lo revelará, numa carta circular que escreveu às religiosas para as incitar a esse amor, em que queria vê-las todas abrasadas.

"Caras filhas, sinto necessidade de reanimar, de fazer nascer nas vossas almas tudo o que Jesus depositou na minha. Bem o sabeis: Deus criou-me para Ele. Quer que não viva senão do Seu amor e para a Sua glória. Desde a minha mais tenra infância, encheu-me do fogo sagrado. O meu coração não quis nunca viver sem o seu amor. Sempre senti em mim o desejo e a necessidade de trabalhar para O fazer amar. Era ainda muito novo, quando fui chamado ao sacerdócio. A santidade requerida, para uma vocação tão sublime, assustou-me. Resisti. E, quando resolvi ser padre, foi com a deliberação de não viver senão para amar a Deus e fazê-lo amar. Deus, bem cedo, me deu grande amor às pessoas. Foi esse amor que me levou a empreender as minhas obras, porque nunca fiz coisa alguma sem a sua inspiração, sem saber que era da sua vontade. Sem dúvida, trabalhei mal, correspondi mal às suas graças. Recebi tantas que, se tivesse correspondido como deveria, seria um grande santo, e não sou senão um pobre pecador. Sinto-me profundamente

humilhado e estou na determinação de ser mais dócil à vontade de Deus, sempre tão misericordioso!"

"Posso, contudo, dizer que, em virtude dessas graças, nunca temi muito os trabalhos, os sofrimentos, as humilhações; ao menos, suportei-os sem murmurar. Parece-me que me dediquei inteiramente às minhas obras, que nunca me poupei, pois eram obras de Deus e, se Ele o exigir, estou pronto a sacrificar-me inteiramente, até ao último suspiro".

"Mas que faço? Perdoai-me, se vos falei tanto tempo do que Deus fez por mim. Conheço o meu nada, sinto que nada valho, mas assim procedi porque desejo ardentemente ver-vos corresponder aos desígnios de Deus sobre vós! Sou um insensato, revelando-vos estas coisas, mas foi a minha dedicação por vós que me levou a vo-las comunicar".

Nessa carta, o Pe. Gailhac faz-se bem conhecer, descobre-nos os segredos do coração. O amor a Deus foi o impulsionador de toda a sua vida. Desde a mais tenra infância, mostrou grande piedade. Na idade de 7 anos, levantava-se cedo, para ir ajudar a missa, na igreja, e nada o detinha: nem a distância, nem o frio, nem a chuva. Ajudar às missas eram as suas delícias! O coração, que já lhe ardia de amor a Deus, inflamava-se, ao ouvir alguns sacerdotes, que haviam atravessado a grande Revolução, contar os perigos a que estiveram expostos e as provas por que passaram.

Mas Deus reservava-lhe também muitas provas. Já vimos o que teve de sofrer na consolidação das suas obras e com que resignação, com que submissão à vontade do Senhor, se se queixar, murmurar ou mostrar o menor ressentimento! Como explicar um tal proceder, senão pelo amor de Deus que lhe abrasava o coração? Não seria desse mesmo amor que lhe vinha o zelo da glória de Deus, manifestado nessas obras? A elas consagrou tempo, talentos, repouso, alegrias... tudo, enfim.

Viam-no sempre ocupado de Deus, dirigindo-lhe incessantemente aspirações ardentes de amor. A sua jaculatória favorita era: *"Meu Deus, eu vos amo!"*

O seu exterior revelava contínua união com Deus. Quando falava ou pregava sobre o amor de Deus, deixava-se arrebatar pelo zelo; um fogo divino inflamava-lhe o rosto, brilhava-lhe nos olhos. Teria querido abrasar todas as pessoas nas chamas em que ardia.

"A pessoa em que reina o amor divino - dizia - *não vê senão o nada em tudo o que não é Deus. Não pensa senão em Deus; não estima senão a Deus; não procura senão Deus; não ama senão a Deus. Repele todo o desejo, todo o sentimento que não venha de Deus ou não tenda para Deus. As alegrias dessa pessoa, seu repouso e ambição estão em Deus. Contemplar-lhe a beleza, admirar-lhe a perfeição, nadar nesse oceano de amor, tanto quanto é possível sobre a terra: eis a sua felicidade. Quando a pessoa chegou a tal grau de amor, de que não lhe é capaz o zelo, para provar esse amor ao Bem Amado?!? Levada pelo espírito de abnegação, de morte a si mesma, abraça a cruz, quer ser pregada nela com o Salvador. O que antes lhe parecia duro, amargo, difícil, é-lhe, agora, doce, agradável, fácil. Não há trabalho, não há dificuldade, não há sacrifício que lhe custe; nada lhe parece impossível, para agradar a Deu. Oh, quem poderá conceber tudo o que faz o amor de Deus, quando predomina numa pessoa?!?"*

"Minhas queridas filhas - dizia sem cessar às religiosas - *amai, amai, amai a Deus. Não tomeis descanso, enquanto não sentirdes que o Seu amor se vos estabeleceu nos corações e neles reina como Senhor absoluto! Sejamos de Deus sem partilha, sem reserva; que Deus seja tudo para nós, que todo o nosso ser seja de Deus, custe o que custar, na vida e na morte".*

Fazer amar a Deus, era o fim que se propunha, nas suas cartas. Dizia numa: *"Minhas filhas, amai a Deus, mas amai-O com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças! É o grande*

mandamento, a reunião de todas as virtudes. Quem possui o amor de Deus, possui-as todas. Se uma só falta, o amor é incompleto. O amor é humilde, doce, paciente, caridoso; é submisso; é cheio de zelo, de dedicação e generosidade. Esquece-se de si e não procura senão o bem geral. Tem sempre os olhos no céu, despreza a terra. Para o amor, não há dificuldades, não há impossível; alimenta-se de abnegação, de sacrifício, de imolação. Numa palavra, o verdadeiro amor de Deus é a perfeição. Se amardes verdadeiramente a Deus, sereis perfeitas, sereis felizes, tereis o céu por partilha".

"Oh, sim, querida filha - escrevia a uma religiosa - *é preciso que sejais toda de Deus, que Ele seja tudo para vós. É mister que possais dizer como São Francisco: 'Meu Deus e meu tudo!' Tirai a Deus; o que fica? O nada! Portanto, não procureis senão a Deus e não tenhais descanso, enquanto o não tiverdes encontrado e colocado, como a rei, em seu trono".*

"Não é verdade - dizia a outra religiosa - *que Deus só é amável? É o único amigo digno do nosso coração. É amante, fiel, constante. As manifestações do seu amor vão sempre crescendo. Que amor, que confiança não deveis ter n'Ele!"*

A uma segunda, para a incentivar na confiança: *"Minha filha, ficai persuadida de que Deus não muda. É sempre Pai. O pródigo deixou de ser filho, mas o pai conservou sempre a ternura, o amor de pai, apesar da conduta do filho ingrato. Lembrai-vos do ardor com que vai ao encontro do filho, que a miséria e o arrependimento reconduziam a si, como a bom pai, cuja ternura conhecia. Contempla-o, cheio de alegria, apertando ao coração o filho que julgava morto e o arrependimento ressuscitara! Fazei a aplicação. Não! Deus, nosso bom Pai, não muda. Sede, pois, de Deus, toda de Deus, e sempre!"*

A outra, para a incentivar ao reconhecimento pelos benefícios recebidos: *"Oh, como Deus é bom! Como vos ama e não cessa de vos dar provas de amor! Amai-o também; correspondei-lhe ao amor.*

Amai-o, não somente com amor afetivo, mas com amor efetivo. Que toda a vossa vida seja uma contínua prova desse amor! Amai-o, pela prática de todas as virtudes".

E ainda a uma outra: *"Minha filha, devemos ter grande reconhecimento pelos benefícios de Deus. Amai-o, pois, de todo o coração; amai-o com grande fidelidade".*

A uma nova professa: *"Deus chamou-vos para serdes a esposa do seu divino Filho, e essa grande graça acaba de vos ser concedida. Oh, como deveis ser grata! Como essa grande graça vos deve encher de novo ardor! Sede, pois, toda de Deus".* E como essa religiosa perguntasse o que devia fazer para ser toda de Deus, respondeu-lhe: *"Em primeiro lugar, ficai sabendo que Deus quer tudo ou nada. Ele é bastante grande, bastante digno; exige que não partilhemos nosso amor. Repito: ou tudo ou nada. Em segundo lugar, Deus manifestou claramente qual era a extensão do seu amor, para não sermos tentados a dar-lhe somente parte do nosso coração. Ele quer o nosso coração, mas o quer todo inteiro; não se contenta com promessas vagas, com pensamentos e sentimentos banais. Exige verdadeiras provas do dom de nosso coração. Eis por que Nosso Senhor não conhece como amigos, como todos d'Ele, senão aqueles que fazem a Sua vontade. Quer o nosso coração sempre, a cada instante, em todas as particularidades da vida. Quer que esse coração, uma vez dado, não palpite, não viva senão para Ele. Quer que, pela obediência, espírito de abnegação, mortificação e sacrifício, lhe provemos ser nosso coração seu tabernáculo, que está realmente convencido de que é propriedade de Deus somente! Dar, uma Religiosa, às criaturas, a menor parcela de amor seria um roubo sacrílego feito a Deus, que o adquiriu por alto preço. Entretanto, em vós mesma, invocando com fé as luzes do Espírito Santo, podereis conhecer se sois toda de Deus".*

"Oh, minhas filhas - repetia muitas vezes -, *sede de Deus, sem reserva, sem restrição. Não conheço inimigo mais cruel do nosso coração que nosso próprio coração! Não tardeis a entregá-lo a Deus.*

A demora torna o dom mais custoso, mais difícil e, às vezes, impossível. Oh, quão feliz é a pessoa que, prostrada aos pés de Jesus, diz com verdade: 'Jesus, sou toda vossa; bem sabeis que, no meu coração, não há nada que não seja vosso. Sois meu Deus, meu Rei, meu Pai. Sim, meu Jesus, vivo de vós e por vós'!"

"Oh! Se soubéssemos amar a Deus, uma só das suas palavras no-lo revelaria e nos daria o conhecimento de nós mesmas. Desse conhecimento brotariam chamas de amor de Deus e ondas de desprezo por nós. Das chamas de amor de Deus nasceria o desprezo de tudo o que não é Deus, o zelo da sua glória, do seu serviço e da salvação das almas. Como seríamos felizes de viver e morrer por Ele!"

O amor de Deus, o Pe. Gailhac fazia-o consistir no amor de Jesus Cristo e sua imitação.

"Minha filha - escrevia a uma religiosa -, *onde estamos? Qual a nossa união com Deus? Tende-o sempre no pensamento? É Ele rei do vosso coração? Governa-vos os desejos e afetos? Está todo o vosso ser submisso à Sua vontade? Tendes feito esforços para tornar vossa vida conforme à de Jesus, vosso esposo? Sois mansa, humilde, regular, obediente como Jesus? Tendes, como ele, vida sempre igual? É nisso que consiste a perfeição da religiosa!"*

A outra: *"Agradeço a Deus a determinação que pôs no vosso coração de serdes cada vez mais d'Ele. Oh, sim, sede toda d'Ele. Quão infeliz é a criatura que não é de Deus! A vida é-lhe um inferno antecipado. Sede, pois, de Deus inteiramente, sem reserva, sem partilha. Sede semelhante a Jesus. É todo o meu desejo!"*

"Sim, minhas filhas, imitemos a Jesus, sempre doce, humilde, paciente, sempre igual, porque em tudo via a vontade de Deus, seu Pai. Fazia a cada instante o que aprazia ao Pai celeste. Eis o segredo da perfeição: se quereis ser perfeitas, imitai a Jesus."

* * * * *

O **amor do próximo** tem o princípio no **amor de Deus**. *"Ora,* - diz o Pe. Gailhac - *como a chama, ao elevar-se para o alto, não deixa de iluminar os objetos que a cercam, comunicar-lhes calor e inflamá-los, assim o amor, que Jesus Cristo veio trazer à terra, eleva-se primeiro para Deus, seu princípio e fim, mas, ao mesmo tempo, abraça o próximo, com ardentes chamas, porque o próximo é a imagem de Deus. Jesus Cristo disse: 'Amai-vos uns aos outros como eu vos amei', e acrescenta: 'É meu mandamento novo; se o observardes, tereis cumprido toda a lei. Amai-vos uns aos outros, pois esse é o sinal pelo qual reconhecerão que sois meus discípulos; provareis que Deus, meu Pai, cumpriu a promessa e sou o verdadeiro Messias prometido!"*

"Não contente de insistir sobre este ponto, com os discípulos, Jesus Cristo pedia constantemente ao Pai celeste que lhes influísse diretamente nos corações, para que abraçassem, com generosidade, o preceito do amor. 'Meu Pai, - dizia Jesus Cristo - *glorificai vosso Filho como ele vos glorificou. Conservai aqueles que me destes. Que nem um só pereça. Guardai-os, agora que os vou deixar. Não vos peço que os tireis do mundo, mas que os preserveis do mal. Fazei que sejam um no amor, como somos um, para que sejam consumados na unidade'."*

Pode-se dizer que o Pe. Gailhac nunca saiu dessa unidade. Nascendo naturalmente bom e compassivo, criado pela piedosa mãe, a caridade foi-lhe sempre crescendo. Toda a vida lhe respira o amor mais terno e a dedicação mais completa pelos seus semelhantes. Esse amor do próximo manifesta-se-lhe, desde a mais tenra infância. Não podia ver sofrer a ninguém, sem se comover e procurar aliviá-lo. Dava aos pobres tudo quanto tinha, até a própria roupa. Mais tarde, no Seminário, obteve licença para visitar os presos e os doentes dos hospitais. Distribuía-lhes os

presentes que podia arranjar e acompanhava sempre esses mimos com algumas palavras de consolação e ânimo, exortando-os à paciência e ao cumprimento dos deveres. Nomeado capelão do Hospital, empregou, com zelo e dedicação, os 20 anos que ali passou ao serviço dos doentes. Quando, depois, criou a casa do Refúgio e os Orfanatos, viram-no privar-se de tudo, condenar-se aos maiores sacrifícios, para poder recolher o maior número possível de crianças e sustentá-las. Não sabia, não podia recusar nada aos pobres: via neles membros padecentes de Jesus Cristo. Tinha sempre no pensamento estas palavras do Salvador: "*O que fizerdes ao mais pequenino dos meus, considerá-lo-ei como feito a mim mesmo"*.

Quem poderia descrever a sua caridade no púlpito, no confessionário? Este, a qualquer hora, estava sempre cercado; nada lhe diminuía a caridade: nem o número das pessoas, nem a diversidade das classes, nem a variedade das almas. Todas, nele, hauriam paz, consolação, luz, força, amor.

No púlpito era todo fogo, para fazer participar aos outros o ardor que o animava. Não recusava nenhum sermão, desejoso sempre de fazer bem ao próximo; mas nunca aceitava honorários, apesar da necessidade que tinha para as suas obras. Nas Regras que dera aos Padres do Bom Pastor, dizia que a pregação deveria ser gratuita. Mas foi sobretudo para com a sua comunidade de religiosas que exerceu a caridade, esforçando-se, nas instruções dadas e escritas, por torná-las pessoas inteiramente consagradas a Jesus Cristo, mediante uma união perfeita.

"Todas as pessoas religiosas devem refletir a união do céu. Entrar em comunidade quer dizer entrar em comunhão, com pessoas animadas e dirigidas pelo espírito de caridade, que de todas faz uma só. Verdadeiramente a comunidade unida na caridade é a imagem do paraíso, onde tudo é amor: amor de Deus pelos eleitos, amor dos eleitos para com Deus. Ora, como se revela essa imagem do céu numa comunidade? Pela união de cada membro com Deus e pela

união dos membros entre si". O Pe. Gailhac diz que *"a comunidade, onde reina a caridade, é a continuação da vida dos primeiros cristãos, que não tinham senão um só coração e uma só alma e tudo possuíam em comum. A imensa família dos cristãos parecia ser uma só. Os pagãos admiravam-se e diziam: 'Vede como se amam! A sua união é tal que de boa vontade dão a vida uns pelos outros'. Ah! Nada é duradouro sobre a terra! Tudo muda, tudo enfraquece. Os cristãos multiplicaram-se, mas a caridade se enfraqueceu e o egoísmo prevaleceu".*

"Oh, meu Deus - exclamava o Pe. Gailhac - *desaparecerá um dia da terra a caridade, fonte de vida celeste e divina? Apagar-se-á o fogo sagrado que Jesus veio trazer ao mundo? Ah! Não, não! Deus predestinou grande número de pessoas que serão sempre fogos incandescentes a lançar raios por todos os países da terra, e que conservarão o reino da caridade, pelo amor, pela dedicação, pela união. Formarão as comunidades religiosas!"*

"Oh, minhas filhas, como sois felizes, por serdes do número dessas almas predestinadas a fazer reviver no mundo a caridade, que a cizânia infernal tem amortecido. Deus chamou-vos, para formar a Comunidade do Sagrado Coração de Maria, desse coração ardente de amor que nos deu Jesus Cristo. A vossa vocação, portanto, é toda de amor. Amar a Jesus de todo o coração, amar-vos mutuamente como Ele vos amou e derramar nos outros esse mesmo amor, eis a vossa vocação! Que, ao ver-vos, sejam forçados a dizer como dos primeiros cristãos: 'Vede como se amam, como se sacrificam por todas!' Sede umas para com as outras cheias de atenções, auxiliando-vos sempre; que nas palavras e maneiras se perceba o afeto que vos une! Resumindo: que toda a vossa vida mostre que não fazeis senão um com Jesus Cristo. É o vosso dever. Sois modelo do espírito de caridade que deve reinar nos corações. As vossas almas devem arder em união perfeita".

Escrevia a religiosas de uma das suas casas: *"Minhas filhas, vivei sempre em paz e união. Que não façais senão um só coração e uma*

só alma! Esforçai-vos por afastar o que poderia impedir ou enfraquecer essa santa e suave concórdia. Expulsai para bem longe de vós toda a espécie de inveja, de antipatia. Habitai no Coração de Jesus, Nosso Senhor, onde tudo é amor e santa dileção".

A outras: *"Minhas filhinhas, amai-vos bem umas às outras, porque todo o reino dividido perecerá, todo o membro separado do corpo morrerá. A religiosa que não tivesse caridade, estaria morta para a comunidade. Tudo estaria morto nela: orações, boas obras, tudo, enfim. E como poderíeis viver sem caridade? Não sois todas irmãs? A vida religiosa não apaga as diferenças. Oh, minhas filhas, amai-vos como Jesus Cristo vos ama. Desprezai, como vindo do demônio, qualquer pensamento que tentasse destruir ou enfraquecer, por pouco que fosse, a santa união. Uma esposa de Jesus Cristo deve ser doce e mansa para com todos. Enfim, que Jesus Cristo viva em vós e todas sejais uma, na santa caridade!"*

Esse amor de Deus e do próximo, que acabamos de considerar no Pe. Gailhac, revela-nos a grande **piedade** que manifestou, desde a mais tenra infância. Piedade terna, amando a Deus, como Pai, e aos homens, como irmãos, e não vivendo senão desse amor. Piedade constante, invariável, que nunca se desmentiu, que se mostrou principalmente no inteiro desapego das criaturas e no zelo pela glória de Deus, fazendo contínuos esforços para lhe ganhar corações. Piedade generosa, como o mostra o seu espírito de mortificação e de sacrifício. As humilhações, as perseguições, em vez de lhe diminuir o zelo e esfriar a caridade, não fizeram senão inflamá-la mais. Conseguiu dominar todas as dificuldades, e sacrificou-se até ao último suspiro.

A piedade conservava-o unido a Deus. O ar meditativo, o recolhimento, tanto interior como exterior, mostravam-lhe bem a íntima união com Jesus Cristo, fonte da verdadeira piedade. Era nela que hauria as forças necessárias para cumprir, sempre, a vontade divina.

O Pe. Gailhac nada poupou para inspirar essa piedade às suas filhas, pois, sem ela, não se pode chegar à perfeição. *"Que todas* - lhes dizia - *tenham um santo ardor pela oração; que os exercícios de piedade prescritos pela Regra ou de uso na Comunidade sejam exatamente feitos! Bem sabeis: a religiosa sem oração seria um corpo sem alma, um fantasma de religiosa. A oração é a alma da vida religiosa; é a sua luz, sua força, sua consolação. A religiosa que não orasse, seria muito infeliz, perderia o gosto das coisas de Deus e tornar-se-ia incapaz de cumprir as obrigações de sua vocação. É pelo abandono da oração que começa a série das faltas que conduzem ao abismo.*

Recomendo insistentemente, não só que todas as orações sejam feitas, mas que sejam bem feitas! Que todas se dirijam à oração com ardor, preparando-se para ela, pelo silêncio, o recolhimento e uma vida santa; pois, se é preciso orar, é preciso saber orar, ' para não proceder – como diz São Tiago –, como aquele que tenta a Deus'. A oração mental ou a meditação tem o primeiro lugar. Sem o seu auxílio, é impossível à religiosa chegar à perfeição. Há outras práticas de piedade prescritas pela Regra que são úteis; em certas circunstâncias, podem mesmo suprir os outros exercícios e nada as pode substituir, como diz São Francisco de Sales. Essas práticas são: 1º) a santa presença de Deus; 2º) as orações jaculatórias; 3º) a pureza de intenção."

- *"A Santa presença de Deus - calma, suave, sem esforço. É preciso, com o auxílio da graça, aplicar-se a sentir a suavidade de Deus. Com forte determinação e a ajuda da graça, essa prática torna-se fácil, pois que o céu, a terra e as criaturas, tudo nos fala de Deus. E se é fácil, para todo o cristão, quão bem mais leve deve sê-lo para a religiosa que vive sob o mesmo teto que Jesus Cristo e onde tudo lhe fala eloquentemente de Deus? Uma religiosa fiel a esta prática será perfeita. Deus disse: 'Andai em minha presença e sereis perfeitos'."*

- *"As orações jaculatórias, nas quais a alma eleva para Deus esses olhares que são como setas incandescentes; deixa-se levantar até Ele por impulsos de amor e Lhe envia uma palavra ardente, para exprimir o que sente, o que deseja. As orações jaculatórias fixam o nosso espírito em Deus e o nosso coração no seu amor."*

- *"A pureza de intenção: nada é perdido para a alma que é fiel a esta prática que nos dá vida e mérito a todas as ações, pequenas e grandes."*

"Estas três práticas, ao alcance de todos, são muito úteis para arrancar as almas ao demônio, às paixões, dirigi-las para Deus, torná-las perfeitas. Sem a oração, não podemos nada, porque nada podemos sem Deus. É verdade que Deus não recusa coisa alguma, mas é preciso orar. O fim da oração é a posse de Deus pela graça, para possuí-lo, um dia, na glória. Não valerá a pena orar constantemente, para chegar a esse fim?"

"A oração traduz-se na vida. Não basta a oração de espírito e de coração; precisamos orar também pela ação. A oração é, para todo o cristão, a vida conforme ao Evangelho, e, para a religiosa, a vida conforme à Regra, que é o Evangelho, com a prática dos conselhos evangélicos. Isto mostra quão necessária é a fidelidade à Regra".

"Ó minhas filhas, afeiçoai-vos à Regra; observai-a com amor e exatidão sempre e em toda a parte. Que tudo se dobre diante da Regra: espírito, coração, vontade! Orai! A pessoa que ora vê a Deus. Vê também o seu nada, mas, sustentada pelo Todo Poderoso, enfrenta todos os obstáculos: nada a atemoriza, nada a espanta, nada a detém no caminho da perfeição. Os maiores sacrifícios, o martírio até, com os seus horrores, nada poderá abalá-la. Tal é a força da pessoa que reza! Ao contrário, a que não reza, entregue a si mesma, é incapaz de coisa alguma. Faz promessas, mas não as cumpre; toma decisões e as esquece; não se afasta das ocasiões perigosas e deixa-se vencer pelas tentações. Oh, como é infeliz essa pobre pessoa! Por mais que procure distrair-se, com alegrias frívolas

ou com a afeição das criaturas, não pode ter paz, precisa de Deus e, como Ele não se encontra senão na oração, a sua vida é como um inferno antecipado. Orai, pois, e gozareis, já neste mundo, as alegrias do céu."

* * * * *

Que diremos da **devoção** do Pe. Gailhac **aos Sagrados Corações de Jesus e Maria?** Depois de se ter consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, quis consagrar-lhe as filhas, associando-as à Arquiconfraria do Sagrado Coração de Jesus, erigida em Paris, na igreja do voto nacional de Montmartre. Quis, além disso, contribuir com ricos dons, para a construção desse belo monumento e a ornamentação da Capela do Sagrado Coração de Maria. Levou a Congregação a abraçar as práticas estabelecidas em honra do Sagrado Coração, tais como: a Guarda de Honra, a comunhão das primeiras sextas-feiras, o mês do Coração de Jesus, etc.

Em memória das promessas feitas pelo Sagrado Coração a Santa Margarida Maria, de proteger as famílias dedicadas a esse divino Coração e abençoar os lugares onde sua imagem estivesse exposta, na época da expulsão dos Religiosos, mandou-a colocar em todas as portas da casa do Bom Pastor e julgamos, não sem justo motivo, que, em vista dessa divina proteção, a Comunidade dos Padres do Bom Pastor foi poupada.

Para perpetuar no Instituto a devoção do fundador ao Sagrado Coração de Jesus, as Superioras de todas as fundações, em união com a Superiora Geral, procuram dar à festa do Sagrado Coração toda a pompa e brilho possíveis.

O amor do Pe. Gailhac ao Sagrado Coração revela-se-lhe, de maneira muito particular, nos escritos. Começava sempre as cartas que escrevia às Religiosas com votos como estes: *"Viva*

Jesus! Que o seu amor reine em vossos corações, que os consuma em chamas sagradas!" Ou: *"Que Jesus reine nas vossas almas; que Ele seja o modelo que sempre imiteis!"* Ou: *"Que Jesus vos dê o seu Coração!"* E mais: *"Entrai nesse divino Coração e ficai nele sempre. Ah, está-se tão bem no Coração de Jesus! Não é verdade que, para a esposa fiel, não há morada mais deliciosa do que o coração do seu esposo e sendo esse Esposo Jesus?!?..."* E mais ainda: *"Esse coração é todo amor por nós. É o lar sagrado que não se apaga nunca"; "O que haverá de mais próprio, para atiçar o nosso reconhecimento e abrasar-nos de amor? Esse Coração é o tesouro do céu. A adorável Trindade nele fixou sua morada. Nele se encontram todas as belezas, todas as riquezas de Deus. A divindade nele habita corporalmente, isto é, substancialmente".*

A fim de motivar as filhas a entrar no Coração de Jesus, dizia-lhes que ali achariam o repouso e a paz. *"Entrai, entrai nesse Coração tão amoroso e fixai nele a vossa morada para sempre. Ah, nesta terra de exílio, onde achar repouso, senão no divino Coração? Nele está-se ao abrigo de todos os perigos; nenhum inimigo nos poderá atingir; a alma goza de paz, de alegria; é um antegozo do céu. Nele se acha o modelo de todas as virtudes, a fonte de todas as graças".*

"Nesta vida, onde tudo é obscuridade, onde achar a luz que mostre o caminho para a eternidade, senão no Coração de Jesus? É nele que conhecemos o nada das coisas do tempo e o preço da eternidade. O Espírito Santo, que O habita, ensina-nos a compreender os ensinamentos de Jesus Cristo".

"O Coração de Jesus não é só modelo de toda a perfeição, mas a própria perfeição. As almas que têm fome e sede de justiça poderão nele saciar-se, sem jamais esgotar essa fonte de graças".

"É no Coração de Jesus que se operam as maiores transformações, que as pessoas se despojam do homem velho e se revestem de Jesus Cristo, que se tornam puras como anjos, que se divinizam. Nesse

divino Coração, começam de maneira oculta, a misteriosa vida que se nos revelará, em toda a magnificência, na eternidade".

"Pergunto - diz o Pe. Gailhac - *quem é que entrará nesse divino Coração? É o Espírito Santo que responde: 'O coração inocente, o coração reto, o coração simples, o coração manso, o coração humilde, que sabe dominar a vivacidade, a impaciência, a cólera'. Quem mais entrará nesse Tabernáculo divino? 'As pessoas obedientes, dedicadas, as pessoas que não seguem a vontade própria, que não vivem senão de Deus e só fazem a vontade de Deus; as pessoas que estão prontas para todos os sacrifícios, que não recuam diante de nenhum e, enfim, os santos e os que trabalham constantemente por se tornar santos. A razão é clara: o coração de Jesus é o céu da nossa peregrinação; portanto, para entrar nele, é preciso ter as mesmas disposições que para entrar no céu eterno. Ora, para entrar no céu, é preciso estar livre de toda a mancha, é necessário ter-se purificado no sangue de Jesus Cristo. É mister, pois, uma pureza semelhante, para entrar no Coração de Jesus e nele fixar sua morada".*

"Se, queridas filhas, quereis gozar dessa felicidade, apressai-vos a pôr mãos à obra. É tempo de começar tão bela empresa. Oh, como seria feliz, se tivesse a certeza de que todas habitais no Sagrado Coração e nunca dele vos afastareis!"

"Conhecereis que estais nesse divino Coração, se entrardes pela porta. Ora, a porta, para vós, chama-se obediência e o caminho que para ela conduz é a santa Regra. Para passar pela porta, é preciso ser pequena, e esta qualidade obtém-se pela humildade. O bilhete da entrada é o amor. Só o amor nos introduz nesse adorável Coração e ali nos fixa para sempre".

"A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é inseparável da devoção ao Sagrado Coração de Maria. Como, com efeito, pensar no Filho, sem pensar na Mãe? Como amar o Filho, sem amar a Mãe, e Mãe como Maria, imagem perfeita de Jesus tanto quanto uma criatura se

pode assemelhar a Deus? Maria não faz senão um coração com Jesus, para amar, com o mesmo amor, o Pai celeste e os homens. Jesus aniquilou-se, descendo até ela; Maria humilha-se, proclamando seu nada. Jesus não tem senão uma vontade com o Pai; e Maria não tem outra vontade senão a de Jesus e, com Jesus, não procura senão a vontade de Deus. Jesus morreu nos mais horríveis tormentos, para a glória do Pai celeste; Maria sofreu martírio mais cruel que mil mortes, pela mesma glória. Que coração haverá, depois do de Jesus, mais terno, mais generoso, que nos é mais dedicado que o de Maria? Que coração, portanto, depois do coração do Homem Deus, é mais digno de todo o nosso afeto?"

Foi nos braços da piedosa mãe que o Pe. Gailhac começou a amar a Santíssima Virgem. Dócil a suas lições e fiel às inspirações da graça, esse amor foi-lhe crescendo no coração até produzir os mais magníficos frutos. Apenas subiu ao púlpito, começou logo a pregar a devoção à Santíssima Virgem. Foi ele quem inaugurou em Béziers a prática do mês de Maria, quando era capelão do Hospital. Nos sermões, procurava sempre fazer sobressair a cooperação de Maria, no plano divino, para a obra da Redenção e as graças com que Deus a inundou. Proclamava-lhe as virtudes, sobretudo sua pureza, amor e ternura por nós.

Quis que o Instituto que fundou fosse consagrado ao Sagrado Coração de Maria, tomando-lhe o nome: quis que as religiosas trouxessem, no hábito, as cores de Maria e preferia que todas ajuntassem ao nome o de Maria. Queria assim imprimir na Comunidade amor terno, confiança filial para com a Ssma. Virgem, para atrair sobre o Instituto a sua poderosa proteção.

Não deixava passar nenhuma festa de Nossa Senhora, sem falar de suas virtudes e ternura para conosco. Um dia, ao pregar sobre a Ssma. Virgem, parecia em êxtase! Depois, disse a uma pessoa íntima: *"Deus m'a mostrou tão bela, tão bela, que fiquei arrebatado e abrasado de amor"*. Dizia até que temia amar a Maria mais do que a Jesus.

O seu zelo pela glória de Maria nunca se desmentiu. Nem a idade, nem os trabalhos, nem as fadigas puderam diminuir-lhe o ardor; pelo contrário, foi sempre crescendo. Na idade de 75 anos, não contente com pregar o mês de Maria às religiosas, quis ainda pregar alguns dias na Capela do Bom Pastor. Acontecia, porém, que, levado pelo zelo, em vez de pregar como extraordinário, tornava-se pregador ordinário, aplicando-se esta palavra de São Bernardo: *"De Maria nunquam satis" (De Maria, nunca é suficiente).* Sem dúvida, isto não se fazia sem grande fadiga, mas nunca se mostrava cansado. Podia dizer, com Santo Agostinho: *"Ubi amatur, nos laboratur; aut si laboratur, labor amatur" (Onde existe amor, não há trabalho; ou, se há trabalho, ele é amado)".*

Nos escritos, não cessa de exortar as religiosas ao amor a Maria e à imitação das suas virtudes. Animava-as, sobretudo, a viver como Maria: em Deus, de Deus e por Deus. *"Minhas filhas, foi para isso que Deus vos fez Religiosas do Sagrado Coração de Maria".*

"Oh, meu Deus, quando verei as minhas filhas, que pertencem a Maria pela vocação, não fazer senão um coração com a divina Mãe? Que há no Coração de Maria? - O amor de Jesus, e só o amor de Jesus. - E quem pôs, no Coração de Maria, esse amor de Jesus que o tornou um coração de fogo? O próprio Jesus. Ora, Jesus não quererá também comunicar-vos esse mesmo amor? - Sim, quer, e tudo o que fez, tudo o que faz constantemente por vós, é disto prova. - Por que é, então, que os vossos corações não ardem de amor, como o de Maria? Para que ardam no fogo sagrado que consumia o de Maria, é preciso que não vivais, como Maria, senão da vida de Jesus, associando-vos e unindo-vos a Ele, para procurar a glória do Pai celeste."

"Sois filhas de Maria, filhas do seu Coração. Mas, onde está o Coração de Maria? No Coração de Jesus. E o coração de Jesus? No Coração de Maria. Portanto, os vossos corações devem estar no de Maria com o de Jesus e no de Jesus com o de Maria. Oh, como estareis bem, unidas aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria! Os trabalhos, as provas, os sofrimentos tornam-se suaves; tudo se torna suportável, amável!

Unamo-nos a esses divinos Corações e não nos separemos deles jamais. Neles, acharemos ardente desejo de perfeição".

"Minhas filhas - escrevia a algumas religiosas - *sede filhas do Sagrado Coração de Maria, desse Coração tão humilde, tão manso, tão obediente, tão submisso, tão afastado do mundo, tão fiel a Deus, tão abrasado de amor e tão cheio de zelo pela sua glória! Filhas do Sagrado Coração de Maria, deveis ser cópias da vossa augusta Mãe. Recorrei aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, para obterdes todas as graças de que tendes necessidade. Pedi-lhes o que vos é necessário, para corresponder-lhe aos desígnios, na missão que vos confiou."*

* * * * *

E falemos do **espírito de mortificação** do Pe. Gailhac. Para se estabelecer nessa vida interior, em que acabamos de o contemplar, quantos atos de abnegação, de morte a si mesmo, não devia praticar? Quantos impulsos do coração para Deus, a fim de Lhe mostrar seu amor e dar-se todo a Ele?

Foi assim que chegou a dominar a natureza e a tornar-se senhor dos sentidos. Mostrou sempre a mais severa modéstia. Quando saía, viam-no caminhar com passo apressado, olhos baixos, sem os erguer a ninguém. Uma ocasião, passou junto da mãe, sem a ver, o que a levou a dizer-lhe: *"Que é isso, Gailhac, já nem me conheces?"* Desculpou-se ele, dizendo que não a havia reparado.

Era indiferente a todas as novidades do mundo. Não se interessou senão pelo que dizia respeito à religião e ao bem das pessoas. Como sabiam que as ofensas a Deus o impressionavam, não lhe contavam nada de ruim. Não recebia nem lia jornal nenhum e de política só sabia o que ouvia os padres contar no recreio. Falava pouco e sempre com reflexão, de sorte que não o viam ter conversas inúteis. Nos jardins do Sagrado Coração ou do Bom

Pastor, onde passeava às vezes, admirava a beleza das flores, mas sem colher nenhuma. Antes de entrar para o Seminário, era muito esquisito com relação ao alimento, mas, logo que entrou, comia de tudo indiferentemente e não lograram conhecer aquilo de que gostava ou não.

A mortificação do coração não lhe era menos perfeita que a do corpo. Mostrava tal benevolência às pessoas que lhe desagradavam que parecia até ter por elas particular amizade. Amava muito os seus familiares, mas via-os raras vezes. Era todo de Deus, das suas obras e da sua glória. Nada podia desviá-lo desse duplo fim e queria que as religiosas sacrificassem tudo, sacrificando-se. Nas cartas, não cessava de lhes recomendar o esquecimento de si e a prática de fazer tudo só por Deus.

Escrevia a uma Superiora: *"Para fazer a obra de Deus, é preciso espírito de abnegação e sacrifício. Mas, por Jesus que tanto fez por nós, haverá alguma coisa que nos custe? Tomai a resolução de nunca vos preocupardes com coisa alguma, de seguir, porém, sempre a Jesus Cristo."*

A outra, para a animar: *"As palavras de Jesus Cristo: 'Tomai a vossa cruz e segui-me' parecem duras, porque não seguir nunca o próprio juízo, não fazer nunca a própria vontade, suportar tudo com paciência, com amor, parece custoso; mas não é. Tirai-lhe a casca pela prática, achareis a paz, a felicidade e mil graças preciosas que farão de vós uma santa".*

E a uma terceira: *"Na obra de Deus, minha filha, é preciso esquecermo-nos e não ver senão a Deus. Assim fez Jesus Cristo, nosso divino e adorável modelo. Não procurou a sua glória e satisfação, mas a glória e a vontade do Pai celeste. Eis a história de toda a sua vida. Assim fizeram os santos, nas diversas obras que Deus lhes confiou: tudo era por Deus e só por Deus! É certo que a natureza se aborrece e o amor próprio não fica satisfeito; mas os santos não escutavam nem a natureza nem o amor próprio; consideravam*

grande graça ter ocasião de se vencer. Oh, minha filha, não olheis para vós, mas para Deus; não para a terra, mas para o céu. Oh, que alegria, quando recebermos a recompensa dos nossos trabalhos, dos nossos sacrifícios!"

A outra: *"Ao vos ler a carta, disse comigo: 'Eis uma criança estragada de mimo; quer doces, pastilhas perfumadas… Se lhas derem, tudo estará bem, mas, se a enganam, se lhe dão coisas amargas, fará caretas, zangar-se-á'. Sim, às crianças dão-se doces, mas a gente já crescida e forte, dá-se pão e, às vezes, bem duro. Quando se tem uma infecção, corta-se, para a curar, e a dor passa. Fizeste bem em me falar com franqueza; agora, a dor vai passar. Minha filha, as doçuras são para o céu e as amarguras para a terra. O bom Jesus, neste mundo, nunca teve doçuras. Foi alimentado de absinto. Sois sua esposa, é preciso que o proveis. Há no coração humano um fundo de orgulho incrível; iria sempre crescendo e desenvolvendo-se, se Deus, que nos ama, não tivesse compaixão de nós e não nos desse remédios. Não são doces, não são agradáveis, mas só eles nos podem sarar. Diz-se em medicina que se curam os contrários pelos contrários e podemos dizer aqui o mesmo. Orgulho cura-se com as humilhações; a sensibilidade, com a severidade; a sensualidade, com a mortificação; o amor ao descanso com trabalho contínuo. Minha filha, não imaginais como a abnegação, o sacrifício dos gostos, das inclinações, das repugnâncias agrada a Deus e atrai graças. Sede santa; Deus o quer. Forneceu-vos os meios e dá-vos ocasiões, para mostrardes boa vontade. Aproveitai-vos de tudo. A correspondência a uma graça atrai multidão de outras".*

* * * * *

O Pe. Gailhac, querendo fundar a Comunidade em alicerces sólidos, inabaláveis, contra todas as provas, estabeleceu-a em Jesus Cristo e na sua palavra. Tinha tomado **Jesus Cristo por modelo** e esforçava-se por o imitar em tudo. Sendo Fundador e Superior,

queria poder dizer às filhas, como São Paulo aos discípulos: *'Sede meus imitadores, como o sou de Jesus Cristo'.*

Escrevia a uma Superiora: *"Estais em N. para serdes um outro eu. É o grande pensamento que vos deve servir de bússola e regular toda a vossa conduta. Ora, bem sabeis que vosso Pai tem um modelo a imitar e esse modelo é Jesus Cristo. Escutai-o continuamente, para, com a ajuda da graça, poder chegar a reproduzi-lo. Mas, como deixa muitas lacunas, imitando-o, tende o olhar sempre fixo em Jesus Cristo. Se há lacunas na vida do primeiro, nenhuma há na vida de Jesus Cristo; tudo n'Ele era perfeito, tanto a vida exterior como a interior. Os inimigos nunca puderam lançar-lhe nada em rosto. Eis vosso modelo, minha filha: sede cópia das suas virtudes."*

E, em carta circular: *"Minhas queridas filhas, a primeira virtude de Jesus Cristo, aquela que praticou e pôs como fundamento e fonte de todas as outras, foi a humildade. E assim devia ser, porque só a humildade pode aniquilar o orgulho. Jesus Cristo, diz São Paulo, aniquilou-se, tomando a forma de escravo. Deus fez-se escravo! Fugiu sempre das honras e abraçou toda a espécie de humilhações. Lede o Evangelho com atenção e ficareis convencidas desta verdade. Por isso, pode dizer: 'Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração'. Suportou todos os aviltamentos, todas as injúrias, todos os ultrajes, sem abrir a boca para se queixar. Pregou sempre a humildade e disse que só os humildes entram no céu."*

O Pe. Gailhac praticou a humildade toda a vida. Ao chegar ao Seminário, notaram-lhe logo o porte modesto e o exterior humilde; mas não era somente humilde no exterior, era-o mais ainda no interior. Todos os anos, depois das férias, não se envergonhava de ir, de Béziers a Montpellier, na carroça do pai. Relativizava toda a espécie de elogios. Quando começou a pregar na catedral, depois de um sermão que os fiéis muito apreciaram, desapareceu. O diretor disse-lhe, depois: *"Foi em vão que vos procuraram".* E ele: *"E eu fiquei bem contente! É assim que se deve fazer".*

Recusou, como vimos, todos os cargos importantes para ser o humilde Capelão do Hospital. Os colegas e o próprio bispo não puderam deixar de se admirar. Foi elevado à dignidade de Cônego Honorário da catedral de Montpellier por Dom Thibault; nunca o viram, porém, revestir-se das insígnias. Assim, todo o tempo que Dom Courtier ficou na sede de Montpellier. Foi preciso uma ordem de Dom de Cabrières para o fazer aparecer, com as insígnias de Cônego, numa cerimônia que presidida pelo bispo.

Sempre teve atrativo para a vida discreta e desenvolveu suas obras na sombra. Como lhe propunham, uma vez, tomar parte numa obra em que teria sido forçado a mostrar-se, respondeu que preferia, como as toupeiras, trabalhar debaixo da terra, em obras obscuras e sem ruído. Distanciava-se de tudo o que podia manifestar-lhe o mérito e procurava relativizar a boa opinião que tinham dele. Quando lhe chamavam 'fundador', dizia com humor: *"Que engano! Chamai-me, antes, fundidor!"*

Sabe-se com que paciência suportou atrozes calúnias e com que humilde obediência se submeteu às ordens dos Superiores.

O Pe. Gailhac estava bem persuadido do seu nada diante de Deus, e desejava viver oculto, esquecido, aniquilado. A máxima da Imitação de Jesus Cristo: *"Gostai de ser desconhecido, tido em nada"* era-lhe muito cara. Esforçava-se por inspirar estes sentimentos às Religiosas. Recomendava-lhes que não falassem nem de si nem do que pudesse elevá-las. *"Sede muito humildes, porque a humildade encerra todas as virtudes. A alma verdadeiramente humilde é de Deus; Deus está com ela, nela habita com os tesouros das suas graças. Então, para essa alma, tudo é possível: nada a abala, nada a impede de progredir. Oh, como é bela a alma humilde! Deus apraz-se em fazer-lhe refletir sua beleza, seus atributos. Lede a vida dos santos; os mais humildes são os mais admiráveis; Deus parece ter-se despojado de uma parte da glória para lh'a ceder. Comunica-lhes seu poder e faz-lhes praticar grandes coisas; no entanto, rejeita os orgulhosos. Parece até que Deus não tem segredos para a alma*

humilde; revela-lhe as vidas da perfeição e os mistérios da eternidade. Ó minhas filhas, sede humildes, mas verdadeiramente humildes! Amai o aniquilamento, as humilhações! Não procureis aparecer, conservai-vos pequeninas, ocultas, sem vaidade, sem ostentação, sem amor próprio".

Exortando uma religiosa à prática desta virtude, dizia-lhe: *"Sois esposa de Jesus Cristo. Escolhendo este celeste Esposo, não prometestes imitá-lo, tornar-vos semelhante a Ele, tanto quanto uma criatura se pode assemelhar ao Criador? Ora, entre as virtudes do divino Jesus, a que praticou, sem interrupção, toda a vida, foi principalmente a humildade, que São Bernardo chama 'a virtude de Jesus Cristo'. Sim, minha filha, sede humilde! Humilde de espírito, de coração e de conduta. Amai as humilhações, as censuras, não fujais delas, mas, pelo contrário, procurai-as, e Deus vos abençoará. O grande meio de nos tornarmos humildes é amar muito a Deus, porque o amor e a humildade não fazem, por assim dizer, senão uma virtude. O amor quer que Deus seja glorificado; a humildade apraz-se no seu nada."*

A outra: *"Ó minha filha, quão poderosa é a humildade de coração! Deus abençoa tudo o que faz a pessoa verdadeiramente humilde. Como seríamos felizes, se esta virtude nos abraçasse todo o ser, toda a vida, todas as ações! O demônio, que não é senão orgulho, quer semeá-lo por toda a parte; aproveita todos os meios, todas as ocasiões, para o infiltrar na nossa vida, para estragar tudo, para impedir o bem. Desconfiai de vós mesmas, pois essa desconfiança é a verdadeira confiança; a pessoa, então, não conta com a sua habilidade, mas com a bondade de Deus. Uma desconfiança irrequieta, irresoluta, triste, não é verdadeira desconfiança, mas orgulho. A verdadeira é calma, tranquila; consulta e reza muito; purifica o coração e as intenções. Com os olhos fixos em Deus, caminha sempre para a frente."*

* * * * *

O **zelo**, como já dissemos, é o caráter principal do Instituto do Sagrado Coração de Maria. O Pe. Gailhac, querendo imitar mais particularmente Jesus Cristo que, vindo ao mundo, a cada instante da vida se oferecia ao Pai, pela redenção do gênero humano, instituiu esta obra para cooperar, com a proteção de maria, na salvação das pessoas, pelo cuidado e educação da infância, em todas as condições.

A virtude do zelo era, por assim dizer, a virtude dominante do Pe. Gailhac. Mostrou-o sempre: no Seminário, no Hospital, nos Refúgios, nos Orfanatos etc. Nada o pode deter; nem os grandes obstáculos, nem as perseguições, nem as afrontas e opróbrios, nem os sacrifícios de toda a espécie. Tudo isso, em vez de o desanimar, de lhe diminuir o zelo, não fazia senão inflamá-lo, torná-lo mais ardente. Era um alimento para o fogo que o consumia.

Quer que as suas Religiosas adquiram a instrução e os talentos que podem auxiliá-las a atingir o fim do Instituto. Devem estar dispostas a aceitar os empregos que lhes forem confiados, na França ou nos países estrangeiros, até nas missões mais afastadas. Todas devem consagrar forças, talentos, saúde e até a vida ao bem das pessoas.

Nas cartas, o Pe. Gailhac não cessava de insistir sobre o zelo. Escrevia a uma Superiora: *"Alegro-me, vendo o ardor que mostrais em praticar o zelo que notais nos outros. O exemplo das pessoas zelosas deve ser para nós uma boa escola e um grande auxílio, para nos dirigir e fazer-nos trabalhar para levar a bom êxito as obras que Deus nos confiou para sua maior glória. Quando se vê a Superiora aplicada a ser modelo, não só de virtude e santidade, mas de tudo o que pode contribuir para o bem e o progresso da obra de que está encarregada, há emulação salutar entre os membros da*

Comunidade. É, pois, um dever para vós trabalhar em aperfeiçoar-vos. Quando a Superiora é instruída e virtuosa, estimam-na e obedecem-lhe de boa vontade. É preciso, também, que possa substituir as Religiosas em tudo e em toda a parte. Isso vos será fácil, se fordes abnegada e cheia de amor de Deus. Se o coração está cheio de amor de Deus, nada é impossível. O amor de Deus opera milagres. Amai, pois, a Deus, minha filha. Amai-o verdadeiramente, não só com palavras, mas com obras. Combatei os vossos defeitos, vossas resistências. Que nada vos detenha, quando é preciso cumprir os deveres de vosso cargo. É renunciando-vos, mortificando vossos gostos, que vos tornareis forte, porque Deus vos abençoará."

Escrevia a outra: *"Que bem pode fazer a boa religiosa! Quantas pessoas ganha para o céu! A boa religiosa é um íman que atrai as pessoas a Deus. Seu poder é tão grande que arranca muitas almas ao demônio, ao mundo, às paixões. Com o exemplo, leva-as para o caminho da perfeição, para a prática de todas as virtudes; até os próprios maus não podem deixar de reconhecer a verdadeira virtude. Oh, sim, o perfume de Jesus Cristo, que a boa religiosa exala na sua passagem, atrai as pessoas. Não vos admireis se o vosso Pai, que não vive senão para fazer conhecer e amar a Jesus Cristo, procura auxiliar-vos a serdes santas. Bem o sabeis; toda a minha vida tem se orientado para isto: levar-vos a fim tão desejado e tão fecundo para o bem! Direi, pois, da minha parte, a todas e a cada uma: que tenham sempre presentes ao espírito os motivos que as atraíram ao estado religioso e a graça que Deus lhes concedeu, chamando-as; que se lembrem das promessas que fizeram de ser fiéis todos os dias da vida. Bem sabem que a felicidade do tempo e da eternidade será a recompensa da sua fidelidade. Oh, como é feliz a religiosa fiel! A paz de que goza e o testemunho da consciência estão acima de toda a expressão. Olhando para o céu, pode dizer: 'O céu é minha pátria! Ainda um pouco, e irei usufruir de delícias inefáveis'. Só este pensamento a enche de gozo. Diante destas considerações, o que são os trabalhos, a privação das consolações*

humanas, os sacrifícios, as abnegações? Nada, menos que nada! Sim, minhas queridas filhas, no céu acharemos que a recompensa vai além do que pudermos ter feito por Deus e exclamaremos: 'Senhor, salvaste-nos de graça; foi unicamente o vosso amor misericordioso que nos recompensou'."

"Sabeis, minhas filhas, que as religiosas devem ser apóstolas, dedicando-se sempre. Não se lhes perdoa a preguiça; é preciso que lhe tenham horror. O tempo não lhes pertence; cumpre-lhes empregá-lo em procurar a glória de Deus. É necessário não temer nem trabalho nem cansaço; porém, saber morrer, se isso aprouver a Deus, para corresponder-lhe aos santos desígnios. Lembrai-vos de que Jesus Cristo, vosso Esposo, é modelo; e o que não fez para vossa salvação? Lembrai-vos do que padecem os pobres sacerdotes e religiosas que vão evangelizar os povos distantes... Quantos sofrimentos! Quantas privações! Que dificuldades para aprender a língua estranha e instruí-los nas verdades de fé, humanizá-los sempre mais, torná-los cristãos, transformá-los em santos! O bem custa sempre, mas a recompensa é infinita, eterna."

E terminamos este capítulo!

Tão numerosas citações bastam para mostrar o espírito do Pe. Gailhac. Nas cartas, revelou-se-lhe completamente a alma ardente e generosa, inflamada no amor de Deus, sequiosa do bem dos homens, sobretudo cheia de zelo pelo aperfeiçoamento e santificação das suas queridas filhas, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.

CAPÍTULO NONO

Últimos anos
(1874 - 1894)

Estava-se nos fins de 1874. O Pe. Gailhac tinha, então, 72 anos. Dom de Cabrières, que, havia pouco, fora nomeado Bispo de Montpellier, almoçava, pela primeira vez, no Bom Pastor. Durante a refeição, o prelado, dirigindo-se ao Superior, disse-lhe à queima roupa: *"Foi verdade, Pe. Gailhac, que, dissestes, ainda vivereis quinze anos?" "Excelência* - respondeu, sorrindo - *é possível que o tivesse dito".* Pois bem, foi justamente esse o tempo que viveu o venerável sacerdote, depois dessa conversa, porque morreu em princípios de 1890.

Não pretendemos afirmar que tivesse profetizado; porém, fez-lhe Deus conhecer, por certo, que ainda precisava desses 15 anos para consolidar suas obras.

Passemos, neste capítulo, a narrá-los.

Se é verdade que, ordinariamente, a idade se mostra pelo exterior, o Pe. Gailhac nisto constituía exceção, não aparentando a que realmente tinha.

O rosto cheio, fresco e corado, o olhar vivo e penetrante, o andar firme... nada, no exterior, anunciava um velho de 72 anos, mas parecia revelar antes um homem na força da idade. As faculdades intelectuais não se lhe conservaram menos que os sentidos! O espírito tinha toda a lucidez e vivacidade; a memória permaneceu-lhe fiel; a vontade, enérgica; o coração, pleno de ardor por Deus e pelas pessoas.

Nem, tampouco, lhe diminuíram a piedade e o fervor. Era de escrupulosa exatidão em observar o regulamento que traçara para si e seus Padres. O primeiro a despertar, animava os outros a levantar-se, ao primeiro toque do sino. Às 4 horas, verão e inverno, tocava o despertar; ele levantava às 3, até mesmo nos últimos dias

da vida. Era o primeiro que se apresentava no oratório, para a reza da manhã, meditação e ofício. Às cinco, já estava na capela do Sagrado Coração de Maria, para confessar as religiosas e pessoas de fora. Depois da santa missa, consagrava o tempo ao estudo, às confissões e à direção de pessoas que o vinham procurar. Às quatro da tarde, estava no confessionário do Bom Pastor, para atender aos que, da cidade, se dirigiam a ele, em grande número. Era, além disso, diretor espiritual de muitos sacerdotes de Béziers e da região.

A este trabalho, se vinha ainda juntar o da pregação.

Confessor extraordinário das Carmelitas de Bedarieux e Superior das Clarissas de Béziers, nunca ia visitá-las e confessá-las sem lhes fazer alguma conferência. Quase sempre lhes pregava o retiro anual, bem como nas cerimônias de tomada de Hábito e Profissão. Mas esses sermões não eram senão um acessório à pregação quase constante no SCM e no Bom Pastor. Sobrecarregava-o, ainda, o trabalho da correspondência com as fundações, agora aumentado com algumas mais, posteriores a 1874.

A maior parte das cartas, escreveu-as depois dos seus 72 anos. Os outros escritos, que formam dois volumes, compusera-os entre 1872 e 1885. A partir de julho de 1871 até 1885, empreendeu anualmente penosas viagens para visitar as fundações da Inglaterra, da Irlanda e de Portugal.

Tal era o Pe. Gailhac, em 1874; tal o viram, nas Bodas de Ouro de sacerdócio, dois anos mais tarde, em 1876.

Não é possível descrever o respeito, a veneração, o amor com que, nesse dia, cercaram o venerável Pai suas filhas, Padres, Irmãos, órfãos, órfãs e todos os membros da casa. Animados dos mesmos sentimentos, mostravam, na alegria que se lhes irradiava dos rostos, a felicidade que os inundava. O reverendo Padre parecia rejuvenescer. Contemplava-se, com prazer, a fisionomia desse

santo velho tão bem conservado e que prometia ainda longa e frutuosa carreira.

Teve a consolação de se ver rodeado de brilhante reunião de prelados, sacerdotes e ilustres seculares, seus amigos. Entre os mais eminentes, contavam-se Dom Paulinier, Arcebispo de Besançon, Dom de Cabrières, Bispo de Montpellier, e Dom de Las Cases, antigo Bispo de Constantine, retirado no Bom Pastor, os coronéis dos regimentos de caçadores, os vigários gerais, os arcediagos e arciprestes da diocese, etc, etc. A elite da sociedade de Béziers, educada, na maior parte, no Sagrado Coração de Maria ou dirigida pelo Pe. Gailhac, teve a peito mostrar-lhe sua simpatia, tomando parte na festa.

A cerimônia da Missa, cantada pelo Pe. Gailhac, realizou-se na grande área do Pensionato, brilhante e delicadamente ornada pelas religiosas do Sagrado Coração de Maria. O altar, levantado junto ao muro do 'boulevard', permitia que o venerável Sacerdote fosse contemplado pelo grande concurso de piedosos assistentes que enchiam a área, as galerias, os terraços e as janelas. A Missa foi cantada pelos alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs e a música do Regimento 17 acompanhou.

A Comunidade do Sagrado Coração de Maria não podia, nessa circunstância, deixar de dar toda a solenidade possível ao Jubileu Sacerdotal do zeloso Fundador. Por isso, foi grande a comoção das Religiosas, quando viram o venerando Pai subir ao altar, revestido de ricos ornamentos sacerdotais, oferecidos, como prova de reconhecimentos, pelas pessoas que dirigia, e lhe ouviram a voz doce e melodiosa entoar o cântico sagrado dos anjos. Cantando o Credo, uniram preces e lágrimas às do santo Sacerdote. Não cessavam de ouvir louvar esse digno velho, honra da diocese, ornamento da assembleia sacerdotal e da santa Igreja.

O Bispo de Montpellier pregou a homilia, aludindo à festividade. Falou da excelência do sacerdócio e, ao terminar, elogiou o ardor com que o Pe. Gailhac tinha desempenhado sua sublime missão.

A impressão que esta cerimônia produziu, em todos os assistentes, foi viva, profunda e duradoura.

No banquete, houve vários "toasts" (= brindes). Dom Paulinier, o primeiro que tomou a palavra, exprimiu, em linguagem cheia de encanto, a excelência da harmonia entre os espíritos e os corações. Louvou a união e o amor que existia na diocese de Montpellier, entre o Pastor e o clero, o que fazia imenso bem aos fiéis. O Sr. Fabrégat, brilhante advogado, antigo "Maire" (= Prefeito) de Béziers, levantou o seguinte "toast": - *"Ilustríssimos Prelados! Meus senhores! Depois de termos ouvido a palavra cheia de autoridade de um ilustre Antistite (= Bispo), não procurarei louvar aquele que toda a cidade e diocese festejam, neste dia de jubileu sacerdotal. Que me seja somente permitido, a título de contemporâneo, de compatriota e amigo, acrescentar uma lembrança pessoal. Há quatro anos, percorrendo a cidade de Londres, procurava o segredo de um povo, a um tempo liberal e submisso à lei... Mergulhado nas minhas reflexões, pareceu-me ouvir passos que seguiam os meus e uma doce voz que me chamava. Era o Pe. Gailhac. Também estava em Londres, não para estudar os costumes desse povo, mas para derramar os benefícios da religião. O meu eminente compatriota havia fundado uma obra de educação, sob a égide do Sagrado Coração de Maria. Por meio de jovens cristãs, queria contribuir para a salvação da sociedade. A árvore, abençoada pelo céu, cresceu providencialmente. O novo apóstolo, cortando-lhe alguns ramos, levou-os para a heroica Irlanda, para o solo privilegiad o de Portugal e para a comerciante Inglaterra. Em pouco tempo, esses ramos se tornaram árvores que produzem flores e frutos de virtudes. Em toda a parte, as filhas do Pe. Gailhac se mostram dignas de ser chamadas 'a família apostólica do Sagrado Coração de Maria'."*

Dom de Cabrières respondeu, dizendo que se sentia feliz por poder aplaudir a linguagem elevada do Sr. Fabrégat e de confirmar o elogio que havia feito do Pe. Gailhac e, na qualidade de Bispo, sentia prazer em demonstrar publicamente sua honra e consolação por possuir, na diocese, um tal sacerdote. Agradeceu ao Bispo de Besançon o elogio dirigido ao seu clero e terminou augurando ao Pe. Gailhac vida longa e a prosperidade das suas obras.

Enfim, Dom de las Cases fez notar algumas qualidades do Pe. Gailhac, sobretudo seu grande desapego, pois era a primeira vez, em muitos anos, que lhe via os parentes à sua mesa. O santo Fundador ocupava-se unicamente de Deus, da Sua glória e da salvação das pessoas.

Todos aplaudiram os elogios expressos com talento pelos oradores dessa brilhante festa. O tempo não poderá apagar a impressão consoladora e salutar que ela deixou na alma de todos.

Depois das Bodas de Ouro, o Pe. Gailhac travou conhecimento com um amigo fiel e dedicado, que foi para ele verdadeiro tesouro.

A algumas léguas de Narbonne, Aude, erguia-se o mosteiro de Nossa Senhora de Fontfroide, da Ordem dos Cistercienses, célebre na Idade Média, pelo número e santidade dos monges que o habitavam. Mas já se contavam muitos anos que os monges tinham sido expulsos e o convento estava em ruínas. O Pe. Jean Marie levantou-o e fez reviver essa solidão, com o auxílio de vários religiosos de outra Congregação que, recompensando-lhe o zelo e virtudes, nomeou o piedoso e sábio abade Vigário Geral da Congregação. Além disso, Roma erigiu o convento de Fontfroide em Abadia e deu o báculo e a mitra ao Superior.

A virtude, por mais que se queira ocultar, mostra-se, mesmo através do silêncio e da obscuridade. Além disso, as obras veem-se e fazem conhecer aquele que as pratica. Foi o que aconteceu ao Pe. Jean Marie e ao Pe. Gailhac, tão humildes e tão santos. A fama

do Pe. Jean tinha transposto o estreito recinto do convento, que não pode encerrar-lhe o segredo das austeridades nem guardar, debaixo do cesto, a luz que nele resplandecia. Os fiéis acorriam, de todos os lados, uns para dissipar dúvidas de espírito, outros para receber a consolação de que careciam nas aflições, estes para se reconciliarem com Deus, aqueles para gozar de edificante conversa. Muitas famílias de Béziers, conhecidas do Pe. Gailhac, foram a Fontfroide buscar luz, força, consolação.

Portanto, o Pe. Gailhac conhecia o Pe. Jean Marie, pela reputação de sua santidade, e o Pe. Jean, de seu lado, também conhecia o Pe. Gailhac, por ter ouvido falar-lhe nas obras e fundações. Esses dois santos, porém, eram chamados a conhecer-se muito mais intimamente. Deus quis uni-los com a amizade com que costuma unir os santos.

Lê-se no Eclesiástico: *"Quanto mais o homem teme a Deus, mais feliz será com os amigos, porque o seu amigo se lhe assemelhará".* Deus quis que um dia esses dois fervorosos servos seus se encontrassem, num vagão de caminho de ferro. Apenas olharam um para o outro, reconheceram-se, ainda que nunca se tivessem visto. O perfume das virtudes fizera-os revelar-se mutuamente, apesar do cuidado que punham em escondê-las.

- *Não sois vós o Pe. Gailhac?* - perguntou o Pe. Jean Marie.
- *Sou* - respondeu Gailhac - *e vós, não sois o Pe. Jean, abade de Fontfroide?*
- *Sim* - e os dois santos lançaram-se nos braços um do outro, como outrora Santo Domingos e São Francisco de Assis.

A partir desse dia, estabeleceu-se entre eles grande intimidade, fundada na estima mútua que se votavam. O Pe. Gailhac pôs-se sob a direção do piedoso e sábio Abade Jean, escolhendo-o para confessor e guia. Ia várias vezes a Fontfroide, para os negócios da consciência e a direção da sua comunidade. Achou sempre nele excelente mestre e sábio conselheiro. O Pe. Jean escutava-o atentamente e o Pe. Gailhac retirava-se muito satisfeito.

Consultava-o em tudo e não empreendia nada sem o seu parecer, que considerava como vindo de Deus. Submeteu-lhe os escritos que compusera e teve-lhe, em muita conta, as apreciações. As palavras que se seguem mostram a estima que tinha pelo piedoso cenobita; são dirigidas às Religiosas, em agosto de 1881: *"É para a glória de Deus e guiado pelo Espírito Santo, julgo eu, pois obedeço a um santo que veneramos e me repete sempre: 'Escrevei, escrevei, enquanto puderdes; disto resultará o bem do Instituto', que escrevo estas linhas..."*

É, pois, graças aos conselhos e às exortações do Abade Jean que o Sagrado Coração de Maria possui a maior parte dos tratados deixados pelo Pe. Gailhac. Que reconhecimento não lhe deve, por um tal tesouro!

O Pe. Jean, solicitado para visitar o Sagrado Coração de Maria, acedeu, um dia, ao convite e admirou a ordem que reinava em toda a parte, o reconhecimento, a exatidão com que cada religiosa desempenhava sua função, e deixou a casa encantado com tudo o que tinha visto. Continuou sempre a ser íntimo amigo do Pe. Gailhac e grande admirador das suas obras, de que foi a principal o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A grande e, por assim dizer, única preocupação do Fundador era estabelecê-lo em bases sólidas. Nas longas viagens, só tinha em vista consolidar as casas que havia fundado. Os escritos que deixou, fê-los igualmente para firmar essa obra prima: seu Instituto. Com ardor e alegria, à ordem de Dom Thibault e sob a inspiração do Espírito Santo, dera as Constituições às religiosas. Escolhera a regra de Santo Agostinho, que é a mais antiga, por a ter visto em exercício, com grande edificação, pelas religiosas Agostinianas que dirigiam o Hospital, quando era capelão.

Depois de ter escrito as Constituições e Regras, com o auxílio de Deus, apresentadas ao Prelado e pelo mesmo examinadas, viu-as revestidas da aprovação do Bispo. Após esta, que o encheu de

alegria, esperou obter outra mais ampla: a de Roma. O Instituto do Sagrado Coração de Maria fora reconhecido primeiro por dois Breves pontificais laudativos e aguardava a aprovação definitiva da Santa Sé, a que já aludimos em outro capitulo.

O Pe. Gailhac escreveu também um *Costumeiro*, muito útil para auxiliar na prática das Regras. Além deste e das Constituições, compôs vários tratados sobre a vida religiosa, como acima referimos, que formam dois volumes e foram impressos. Obra composta só para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, reservam estas, para si, o direito da impressão. O Volume I contém três principais tratados: o primeiro, sobre os diferentes graus do estado religioso: a vocação, o postulado, a tomada de hábito, a profissão temporária e perpétua; o segundo, sobre as obrigações religiosas: a piedade, a regra, os votos, o zelo, o espírito de abnegação, a meditação, a confissão, a comunhão e outras virtudes, seguido do retrato da verdadeira religiosa do Sagrado Coração de Maria; o terceiro, sobre a vida interior, a presença de Deus, as orações jaculatórias etc.

O Volume II compõe-se: primeiro, do tratado sobre os votos religiosos - Pobreza, Castidade, Obediência - e estes assuntos: zelo, caridade, egoísmo, doçura; o segundo, de várias considerações sobre a presença de Deus, a vida interior, a renovação etc; o terceiro, de conselhos às mestras de classe e sobre o modo como todas as Irmãs devem desempenhar os diversos trabalhos.

A obra foi começada em 1872 e terminada em 1883.

O Pe. Gailhac escreveu, ainda, grande número de cartas às Superioras e Religiosas das fundações, para as exortar à virtude e ao cumprimento dos deveres. Formam dois volumes. Exalam o perfume da piedade e do mais ardente amor a Deus e à salvação das pessoas.

Escreveu, também sermões, em várias circunstâncias, tais como: festas do Santíssimo Sacramento, da Santíssima Virgem, retiros,

quaresmas, cerimônias de Tomada de Hábito e de Profissão Religiosa, etc., etc. Muitos estão completos; outros, são apenas notas. Vê-se neles doutrina sã, elevada, sólida e exposta em linguagem clara, precisa.

Vimos que foi na idade de 62 anos que começou seus escritos. Também nessa época, empreendeu as primeiras viagens para visitar as casas que fundara. Até aí, não havia feito viagem alguma. Não tinha nem tempo nem vontade. Mas, levado pelo zelo das pessoas, começou-as, então, apesar da idade, sem muito cansaço e com grande satisfação. Evidentemente Deus maravilhosamente o havia dotado de um corpo e espírito próprios ao desempenho da missão a que o destinara.

No ano de 1873, empreendeu a primeira viagem a Roma. Pio IX estava, então, no trono pontifical. A excessiva bondade e doçura extrema desse Papa eram conhecidas por todos. O soberano Pontífice estava informado das obras do Pe. Gailhac; tinha recebido as Constituições das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e as do Bom Pastor e havia-lhes concedido um Breve Laudativo; por isso, o Pe. Gailhac foi recebido em audiência particular. Agradeceu vivamente ao Santo Padre o Breve e aceitou, com reconhecimento, os conselhos de Sua Santidade. Além disso, assistiu a uma audiência pública, admirou-se da autoridade e força com que o Santo Padre falou dos inimigos da Igreja, e gostava de repetir as seguintes palavras que dele ouviu: *"Falam de todos os lados de estatutos; no entanto, há um só verdadeiro: é que todos os homens hão de morrer. Morreram e morrerão".* Voltou de Roma entusiasmado com o acolhimento do Santo Padre.

Em dezembro de 1882, o Pe. Gailhac realizou a segunda viagem a Roma, para agradecer ao Papa Leão XIII o segundo Breve concedido às Regras da Congregação do Sagrado Coração de Maria. O venerável Fundador, com a vivacidade do semblante, pareceu ao Santo Padre ainda novo, em vista das grandes obras que fundara. Sua Santidade disse-lhe: - *"Pareceis ainda novo".* -

"Santo Padre - respondeu - *completei os meus 80 anos durante esta viagem a Roma".* O Papa disse-lhe ainda: - *"Deveis julgar-vos muito feliz por Deus vos ter escolhido para estabelecer uma nova família de Religiosas na Igreja; dizei às vossas filhas espirituais que devem imitar as virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo".* E o Pe. Gailhac: - *"Santidade, parece-me que toda a vida trabalhei para esse fim."* - *"Está bem* - disse o Santo Padre -*, se desejais alguma coisa, não receeis pedir-ma".* Deu-lhe um Cardeal protetor, ao qual se poderia dirigir, quando precisasse, e a lembrança dessa audiência tão comovente ficou-lhe gravada no coração até ao fim dos seus dias.

Em 1880, em França, foram proclamadas leis iníquas para o ensino, a fim de arrancar a Deus do coração da infância. Nos hospitais, os moribundos eram privados dos socorros da religião; o exército já não poderia ter capelães. Em 1881, apareceram os decretos contra as Ordens Religiosas de homens, ameaçando estender-se aos conventos de Religiosas. No fim desse ano, deu-se em Béziers a expulsão dos Religiosos Franciscanos; apesar dos numerosos católicos que os protegiam e contra toda a justiça, esses bons Religiosos foram indignamente expulsos do convento que acabavam apenas de terminar. À exceção de dois ou três deixados para o guardar, os outros foram para os asilos que lhes haviam preparado. O temor de atrair a atenção sobre si e os seus padres não permitiu ao Pe. Gailhac a caridade de lhes dar hospitalidade, na casa do Bom Pastor. O Instituto contava apenas cinco ou seis membros, mas já haviam expulsado outros, assim pouco numerosos. Como escapar de lei tão nefasta? Dom de Cabrières aconselhou-lhe que passassem por padres seculares, como fazendo parte do clero paroquial. Não completamente tranquilo com essa medida preventiva, o Pe. Gailhac recorreu à oração, a fim de apaziguar a Deus, irritado contra os homens. Mandou colocar a imagem do Sagrado Coração de Jesus em todas as portas da casa do Bom Pastor, visto ter Ele prometido proteger todas aquelas onde sua imagem estivesse exposta.

Graças à proteção do céu e do seu Bispo, a Comunidade dos Padres do Bom Pastor foi preservada, mas o Pe. Gailhac estava ainda mais inquieto pela Comunidade das Religiosas. Corria o boato de que as comunidades religiosas tanto masculinas como femininas, reconhecidas ou não, seriam expulsas. O Ministro havia declarado que não aplicaria o decreto às comunidades femininas, mas poderiam fiar-se-lhe na palavra e aceitar que a revolução se acalmaria? O que é certo é que, vendo o governo a oposição que surgia de toda a parte e a indignação que suscitava tal violência, tomara outros meios para acabar com as comunidades de mulheres: carregaram-nas de impostos exorbitantes, meio de destruição tão odioso como o precedente.

Que inquietação para as pobres religiosas, sobretudo a Superiora Geral! Como pagar novos impostos, quando outros, já enormes, pesavam sobre o convento? Se ao menos pudessem vender algum imóvel ou hipotecá-lo! Mas nenhuma dessas medidas poderia ser tentada, visto ter sido a casa reconhecida pelo Estado e, havendo necessidade de autorização do governo, esta foi recusada. Por isso, o Pe. Gailhac deixou de lado os meios humanos, confiou na Providência que nunca o abandonara, exortou as religiosas a tornarem-se mais fervorosas, a observar com a maior exatidão a santa Regra e a recorrer aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria: Deus não permitiria a dispersão, se fossem todas dEle. Ainda que partilhando da mesma confiança em Deus, a Superiora Geral não desprezou o que lhe estava ao alcance, para remediar a situação.

A resistência que encontrou o governo, na execução dessas leis iníquas, obrigou-o a renunciar, senão inteiramente, ao menos em parte às suas injustas pretensões. O Pe. Gailhac, contudo, não podia sossegar. Perguntava a si mesmo, com ansiedade: - *O que seria feito das Religiosas e de tantas crianças que havia retirado do mundo, para lhes salvar as almas?* Se voltassem, perder-se-iam. Custava-lhe, porém, acreditar que Deus deixasse impune os crimes

dos homens. Via a Deus irritado e prestes a castigar. Persuadira-se até de estar o mundo em véspera de terrível cataclisma, em que muita gente morreria. Repetia muitas vezes: *"Tantos pecados não serão perdoados sem efusão de sangue".*

A vista de tantos males, que julgava iminentes, a incerteza da sorte das suas filhas e as desgraças que ameaçavam a Igreja assustaram-no; abalou-se-lhe a saúde: - *"A idade faz-se sentir* – dizia - *e o peso dos anos avisa-me que não somos eternos neste mundo; estamos no exílio e é preciso pensar na pátria".*

Seu estado de fraqueza e enfermidade aumentava. Prodigalizaram-lhe toda a espécie de cuidados, com dedicação filial, mas o mal fez rápidos progressos. Via-se que a hora do eterno repouso se aproximava. Entretanto, podia dizer como o grande apóstolo: - *"Combati o bom combate, acabei minha carreira, guardei a fé; só me resta esperar a coroa de justiça, que me está reservada, e o Senhor, justo Juiz, me dará, no grande dia".*

Enfim, o santo Fundador deitou-se e não pode mais levantar-se. Sofria horríveis dores de cabeça e em todo o corpo. Contudo, não lhe ouviram uma queixa, uma murmuração; não mostrou o menor movimento de impaciência. Disse-lhe alguém que grande recompensa o esperava no céu: - *"Ah,* - respondeu - *não nos iludamos! Não somos nada e não podemos nada. Somos simples instrumentos nas mãos de Deus e muitas vezes nos opomos aos seus desígnios".* E, nesses sentimentos de perfeita resignação e profunda humildade, recebeu os últimos sacramentos.

Dom de Cabrières, logo que soube do estado desesperador do seu piedoso e zeloso sacerdote, apressou-se em trazer-lhe a bênção, o que constituiu grande consolação para o santo Fundador.

Enfim, alguns momentos antes de dar o último suspiro, mandou chamar a Superiora Geral, que era então a Madre Saint Félix; recomendou-lhe a comunidade e que tivesse muita coragem: no céu, rezaria por todas as filhas e por ela em particular.

Alguns minutos depois, doce e pacificamente, entregou a bela alma a Deus. Foi a 25 de janeiro de 1890. Contava 88 anos de idade.

Ao se lhe divulgar a notícia da morte, só se ouviam estas palavras: *"Morreu o Santo… O santo Fundador morreu!"* A capela do Sagrado Coração de Maria esteve repleta todo o tempo em que os despojos mortais ficaram expostos à veneração do público. Todos queriam contemplar esse rosto, que a doença havia respeitado e refletia a paz e a serenidade com que se extinguira o venerando ancião. Um sem número de pessoas pediram relíquias às Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Quase toda a cidade de Béziers acompanhou o enterro. Desejavam mostrar sua gratidão pelo grande bem que o piedoso sacerdote lhes havia feito, com a palavra, o exemplo e excelsas virtudes! Louvavam-lhe sobretudo a humildade, caridade e zelo pelas pessoas.

A comoção da sua família religiosa foi grande e profunda! Nem as Religiosas nem as órfãs podiam conter as lágrimas ou deixar de manifestar a grande dor pela perda de tão bom Pai, do seu santo Fundador.

Virá, no entanto, um dia – assim o esperamos! – em que a Igreja aplicará ao Pe. Gailhac as palavras que se dizem na antífona de um Confessor Pontífice: *"Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo et inventus est justus" (= Eis um sacerdote ilustre que, durante a vida, agradou a Deus e foi julgado perfeito").*

EPÍLOGO

Em hosanas e aleluias terminemos a narração desta vida, extensa em anos e méritos, condensada, no entanto, nas curtas páginas que precedem.

É trajetória luminosa a existência desse "criador de obras", desse "diretor de pessoas"!

Vimos-lhe os passos: vai pelos trilhos prediletos do divino Bom Pastor, em busca das ovelhas tresmalhadas, perdidas ou emaranhadas nos espinhais dos vícios; tem as preferências do Mestre, pela infância desamparada, para a qual é abrigo, sustentáculo e direção; descerra as portas do Jardim do Esposo às pessoas que a divina graça preveniu, sua predileção separou e seu amor consagrou na Profissão Religiosa; adestra as filhas nos combates do Senhor, prepara-as ao apostolado pela oração, prática das virtudes, instrução e dedicação à causa da santa Igreja Católica, nossa Mãe.

Toda a figura veneranda lhe irradia fé e amor, quer nos anos serenos de preparação e formação, quer nos tempos das duras provas, por que apraz a Deus fazer passar seus santos, seus eleitos.

"A semente caiu em terra"; cobriram-na as amargas provações, as suspeitas e atrozes calúnias, a que já aludimos, em capítulo de sua vida; - o invólucro humano, no entanto, escondia gérmen divino fecundante. Quando passou a tempestade, vigorosa e forte, vimo-nos diante da árvore frondosa de suas obras, estendendo os ramos a longínquas paragens, carregadas de flores e frutos.

E a expansão da novel Congregação, ainda em vida do Fundador, é a garantia das bênçãos com que o Coração de Jesus responde à generosidade do seu Servo e o Coração de Maria manifesta ao filho devotado o celestial patrocínio.

A heresia teve-a a combatê-la nas almas das crianças, nos colégios femininos, na que fora outrora a Ilha dos Santos; a assisti-la teve-a a fé heroica da privilegiada Erin; e as terras de Santa Maria também acolheram, nas tradicionais cidades provincianas de Porto e Braga, algumas das primeiras filhas do Pe. Gailhac.[17]

Nem a vastidão do Atlântico lhe tolhera a expansão! Ainda em vida do Fundador, transportava-se para além do oceano, no hemisfério norte, o ramo destinado pela Providência a tornar-se, nos Estados Unidos, pujante e viçoso, a ponto de suplantar as dos outros países, no número de fundações: escolas, colégios e até universidade.

E, enquanto o zelo o fazia pródigo de Deus às pessoas, a sua alma continuava a ascender às alturas, nas asas da fé e do amor. A vida era-lhe chama, ou melhor, incêndio de divina caridade. Quem, ao passar pelo venerado retiro da Casa Mãe, relicário querido das tradições do Instituto, não ouviu, às raras contemporâneas do amado Fundador, a relação dos ardores inflamados por Deus, que lhe conservaram até ao fim, ao espírito, o vigor da juventude?!?...

- Rosto irradiante, olhar iluminado, todo o ser como que espiritualizado, lábios entreabrindo-se em ferventes expressões, irrompia-lhe o coração em aspirações cálidas, com expressão que, embora sentida na palavra das testemunhas oculares, a pena não pode traduzir: *"Meu Deus, eu vos amo!"; "Meu Deus e meu tudo!";* e outras assim ardentes.

Nem lhe faltou, na vida, a manifestação do sobrenatural, em fatos que chamaremos miraculosos, como também nela abundaram perseguições e contradições.

Só quatro dos primeiros, entre muitos, para confirmação:

---

[17] Esse parágrafo está confuso. Basicamente, afirma que a ação das RSCM combateu a heresia na Inglaterra ("Ilha dos Santos"), inspirou-se na fé heroica da Irlanda ("Erin") e fez-se presente em Portugal ("terras de Santa Maria").

O Capítulo Quinto desta tradução relata, ainda que em linhas muito gerais, a horrível calúnia levantada contra o Servo de Deus. Não podemos silenciar, neste epílogo, como milagrosamente o defendeu Nosso Senhor.

Chegou a tal ponto a tribulação que o buscaram para o prender. Foram ao "Sacré-Coeur de Marie", onde diariamente atendia às numerosas pessoas que recorriam à sua direção e estava no confessionário, quando a Madre Geral foi avisá-lo do que se passava. O Pe. Gailhac disse-lhe apenas: - *"Fique tranquila";* e, voltando-se para quem estava confessando, acrescentou: - *"Continue a confissão".*

Momentos depois, entravam na Capela os agentes de polícia; procuraram-no por toda parte, examinaram tudo, abriram o confessionário, mas não encontraram o Pe. Gailhac nem viram a pessoa que atendia. Deus, tornando-o invisível, provava assim a sua inocência.

Outro fato! Chegando a Braga, Portugal, em visita à casa, contam-lhe que, em preparativos para a recepção, a boa Mère X., Superiora, tem um dedo esmagado pela porta que sobre ela se fecha com violência. - *"Ce n'est rien, mon enfant!"*[18] - diz, tocando o dedo doente, e este é imediatamente curado.

Agora, é em viagem! Narram as contemporâneas que, visitando as casas do Instituto, aconteceu que o chapéu do Pe. Gailhac desapareceu pela janela do trem. Grande o pesar da Mère Saint Félix, que falou em comprar outro, ao chegar a Londres. Mas - oh, admiração! - antes de desembarcarem, vê o chapéu no mesmo lugar onde o vira, antes do incidente. Chamando a atenção do Pe. Gailhac, este, sorrindo, responde: *"Não é nada; não é nada".*

E a tradição que se conserva, no Instituto, com relação ao santo hábito das Religiosas?

---

[18] "Isto não é nada, minha filha!"

Não foi fácil à Mère Saint Jean arranjá-lo, tal qual o desejava o Fundador. A cada nova prova do toucado, o Pe. Gailhac dizia sempre: - *Não, não é assim!* Afinal, depois de muitas experiências, chegou o dia em que, muito contente, deixou escapar esta frase: - *É assim mesmo; foi assim que a vi!* Ouvindo-o, ficaram todas convencidas, e essa tradição se conserva, de que, nas longas horas de oração na Igreja de Saint Aphrodise, Nossa Senhora lhe aparecera com o hábito, tal qual usam hoje as Religiosas do "Sacré Coeur de Marie".

E, como coroa das consolações e bênçãos que lhe derramara nas obras o acolhimento e a aprovação dos Sumos Pontífices Pio IX e Leão XIII, como que deram a última consagração e maior glória a uma vida tão longa e toda de Deus, desde os mais tenros anos.

* * * * *

1911 - 1936...

Corações em alvoroço! Também às terras brasileiras chegou, trazido pelas auras da Providência, ramo bendito da árvore já frondosa da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada.

Caminhos admiráveis do Senhor! A demagogia abatera-se sobre Portugal. Atentando contra a Igreja de Cristo, desacatando os sacerdotes, expulsando os religiosos, os inimigos de Deus eram, como sempre, sem o suspeitarem, instrumentos nas Suas mãos, para fins misericordiosos. Vinham também favorecer a expansão da Congregação do Sagrado Coração de Maria e abrir novo campo ao zelo que lhe transmitira o santo Fundador.

A 11 de março de 1911, chegava à Baía de Guanabara a querida iniciadora dos colégios brasileiros da Congregação, a Revma.

Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro, em companhia da humilde e modesta Madre Maria de Assis e da incansável e apostólica Madre Santa Fé Gomes Conde.

Deixando a pobre pátria, sob o jugo opressor dos sectários, almas enlutadas, não tanto com as saudades da terra querida que as vira nascer e onde floresceram os primeiros ardores de sua juventude apostólica, mas pela dor de saber ao seu Deus ofendido, mal podiam imaginar que, ao raiar o ano jubilar, o 25º aniversário das fundações brasileiras do Coração de Maria, Portugal, envolvido nas graças da Mãe de Deus, que lhe aparecera em Fátima, renovado o vigor e a fé, remoçado, à frente da regeneração social, já se havia tornado novamente campeão da civilização cristã. Lá estão a multiplicar-se também as casas da Congregação, duas vezes mais numerosas do que antes da borrasca.

E, nas terras de Santa Cruz, a transbordar de reconhecimento, nós, as filhas do Pe. Gailhac, festejando o 25º Aniversário das fundações brasileiras, vimos apresentar ao público a sua vida escrita em vernáculo, certas da grande glória que com isto daremos a Deus, pelo bem que da sua leitura há de resultar.

Rio, Ubá!... Confiada na Providência, inicia a Congregação a obra educacional nestas duas cidades, depois do ensaio de fundação em Sete Lagoas.

Com as bênçãos do céu, em progressão rápida, sucede o desenvolvimento dos colégios às privações dos primeiros tempos.

Vêm, depois, as vocações brasileiras coadjuvar o apostolado das fundadoras e companheiras que se lhes juntaram.

Em princípios de 1928, abre-se o Noviciado e um novo Educandário, logo muito frequentado, nesse rosal florido que é Belo Horizonte.

Entretanto, o desenvolvimento do “Sacré Coeur de Marie” de Copacabana torna-se realmente admirável, enquanto Ubá, mais

modesto, sustenta, com a concorrência invasora de uma enchente de Escolas Normais, em desproporção com a população escolar secundária da zona, a fama que firmou, desde os primeiros anos de existência.

Ao escrever estas linhas, presente ao espírito, tenho a onda de mais de mil cabecinhas de crianças ou adolescentes que, atualmente, em nossa terra, recebem, dos exemplos e lições das filhas do Pe. Gailhac, a educação cristã integral.

E, nos cinco lustros de existência, a quantos corações não chegou a graça do Senhor que regenera ou preserva por seu intermédio? Que de lares santificados pelas virtudes e fé adquiridas nos seus colégios! A quantas pessoas de eleição, franqueado o recinto sagrado de suas clausuras, não levaram à inefável intimidade de Jesus! A que de iniciativas não deram auxílio, apoio moral, suas preces!

E agora que, no país, se organiza definitivamente, com as bênçãos do Papa e a direção do numeroso e apostólico Episcopado Nacional, a grande milícia da Ação Católica Brasileira, herdando do venerando Fundador o zelo que o devorava pela glória de Deus e a salvação das almas, possam, as mesmas filhas do Pe. Gailhac, realizando o entranhado desejo de se estender pelo imenso território do país, *"procurando dar as almas a Jesus e Jesus às almas"*, fazer de cada uma das alunas, segundo as necessidades dos tempos e o programa traçado pelo Sumo Pontífice Pio XI, não somente jovens *"angelicamente puras, eucaristicamente piedosas"* - o que sempre tiveram como finalidade dos seus colégios -, mas ainda pessoas *"apostolicamente ativas",* verdadeiros soldados de Cristo que, nas fileiras da Juventude Feminina Católica, convenientemente capacitadas, contribuam, em larga medida, para a construção de pontes de justiça e solidariedade na nossa grande pátria brasileira.

Assim Deus nos ajude!...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA PARA AS NOTAS

SAMPAIO, Rosa do Carmo. *Uma Caminhada na Fé e no Tempo. Vol. 1.* Braga (Portugal): Fontes de Vida, 1990.

MOURA, Ir. Vera Siqueira de. *Recordando Parte da Nossa História...* Vitória (ES): 1989 (opúsculo).

ORAÇÃO
PELA BEATIFICAÇÃO
DO PADRE JEAN GAILHAC

Ó Deus,
que achais a vossa glória nos méritos dos vossos santos
e vos comprazeis em exaltar as suas virtudes,
escutai favoravelmente as preces que vos dirigimos
em favor do vosso fiel servo Pe. Jean Gailhac,
fundador do Instituto das Religiosas
do Sagrado Coração de Maria.

Lembrando-vos
do zelo ardente que ele testemunhou pela salvação das pessoas,
da caridade tão generosa que exerceu em favor dos pobres,
do amor tão forte que o uniu à Igreja
e da filial devoção que teve pelo Sagrado Coração de Maria,
dignai-vos glorificá-lo na Terra
e conceder-nos,
com a graça que vos solicitamos,

(pedir a graça)

virmos a ser suas (seus) imitadora(e)s.
Amém.

Se você deseja conhecer melhor

- o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (IRSCM);
- a Área Brasil do IRSCM;
- a REDE SAGRADO – Colégios Sagrado Coração de Maria, rede educacional da Área Brasil;
- a REAJE – Rede de Ação Junto aos Excluídos, rede socioassistencial da Área Brasil;
- os grupos da FASCM – Família Ampliada Sagrado Coração de Maria;
- e as diversas comunidades e obras das Religiosas do Sagrado Coração de Maria,

acesse os *sites* https://rscmb.com.br/ e www.redesagrado.com.br.

Se você está – ou conhece alguém que esteja – em processo de discernimento vocacional e deseja conhecer a história, o carisma, a espiritualidade, a missão e os ministérios do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, entre em contato com:

Centro Provincial das RSCM
Rua Cura D'Ars, 62 (Prado)
30411-123 – Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3334-5730 e 3332-1910

NOTA

Às pessoas que obtiverem graças por intercessão do Servo de Deus, pede-se a gentileza de o comunicarem a algum dos endereços abaixo:

CENTRO PROVINCIAL DAS RSCM
Rua Cura D'Ars, 74 – Prado
30411-123 – Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 3334-5730

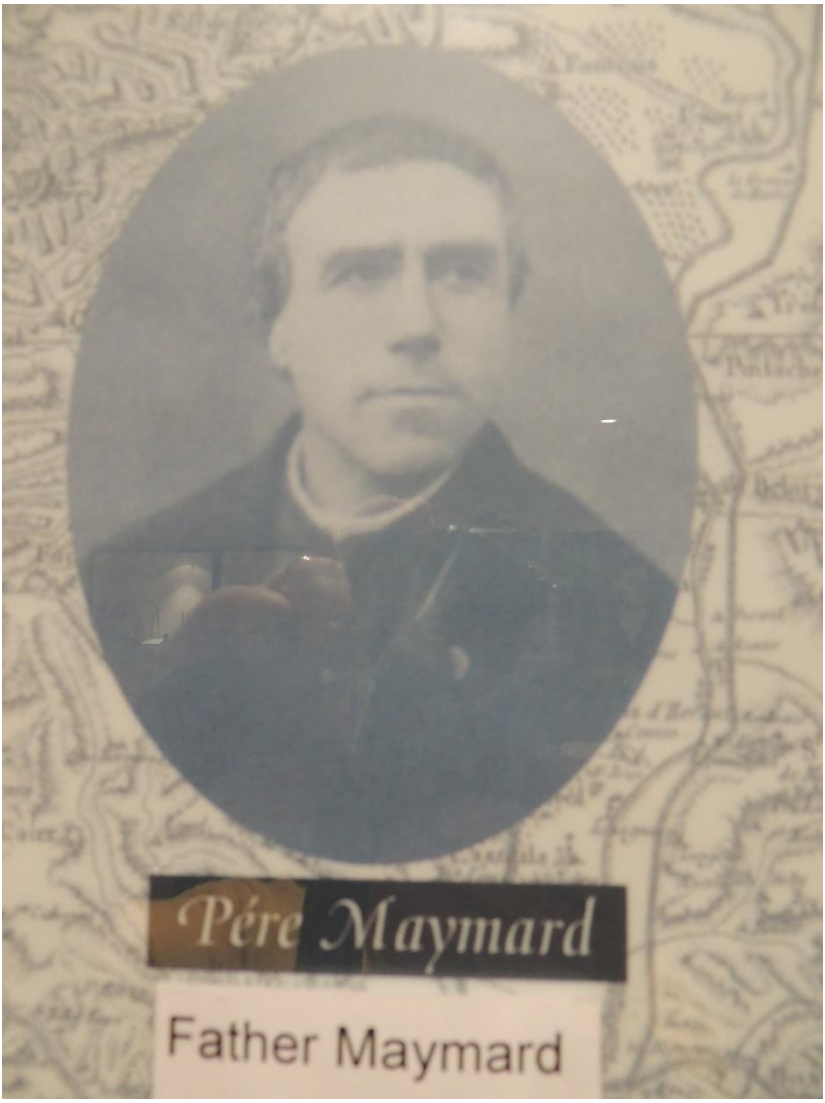
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA – BH
Rua Prof. Estêvão Pinto, 400 – Serra
30220-060 – Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 2105-0880

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA – DF
SGA/Norte – Quadra 702 – Conjunto C
70710-750 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3031-5000

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA – RJ
Rua Tonelero, 56 - Copacabana
22030-002 – Rio de Janeiro – RJ
(21) 2545-9900

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA – UBÁ
Praça São Januário, 276 - Centro
36500-066 – Ubá - MG
Telefone: (32) 3531-5281

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA – Vitória
Rua Coração de Maria, 315 – Praia do Canto
29055-770 – Vitória – ES
Telefone: (27) 2124-9100



Pe. Henri Victor Maymard

Irmão da terceira Superiora Geral do IRSCM, Madre Saint Félix Maymard. Ocupou-se da Colônia Agrícola de Bayssant. Foi capelão do Orfanato durante 36 anos. Recebeu a nomeação de Arcipreste de Saint Nazário, em 1863. Foi o primeiro biógrafo do Fundador, em 1895. Último remanescente dos Padres do Bom Pastor a falecer, em 1912.

ÍNDICE

Nota preliminar 20
Palavra do Cardeal do Rio de Janeiro (Sebastião Leme)..... 21
Palavra do Arcebispo de Belo Horizonte (Antônio Cabral)..... 22
Palavra do Arcebispo de Mariana (Helvécio G. de Oliveira)..... 23
Prólogo do Censor..... 24
INTRODUÇÃO..... 25
CAPÍTULO I – Infância; Colégio; Seminário..... 31
CAPÍTULO II – Capelão do Hospital; Fundador do Refúgio..... 41
CAPÍTULO III – Criação da comunidade do SCM..... 48
CAPÍTULO IV – Orfanatos..... 67
CAPÍTULO V – Irmãs Oblatas; Padres do Bom Pastor..... 70
CAPÍTULO VI – Constituições e Regras da Congregação SCM..... 74
CAPÍTULO VII – Desenvolvimento das diversas obras..... 88
CAPÍTULO VIII – Espírito do Pe. Gailhac..... 96
CAPÍTULO IX – Últimos anos..... 128
EPÍLOGO..... 141
1911 – 1936..... 144
Referência bibliográfica para as notas..... 147
Oração pela Beatificação do Padre Jean Gailhac..... 148
Se você deseja conhecer melhor o IRSCM..... 149
Nota: para comunicar graças recebidas..... 150
Fotografia do Pe. Maymard..... 151
Índice..... 152

SPES
SALUS
CONSOLATIO
NOSTRA